

Vanessa Paola Rojas Fernandez

A stylized map of South America, specifically Chile and Argentina, is shown in white and red against a blue background. The map is overlaid with a grid of white lines. A white star is visible in the upper right quadrant of the map.

História Oral de **Chilenos** em Campinas

Dilemas da construção de
identidade imigrante

EDITORA
pontocom

Vanessa Paola Rojas Fernandez

História oral de chilenos em Campinas

Dilemas da construção
de identidade imigrante

Prefácio de José Carlos Sebe Bom Meihy

Copyright © 2013 Vanessa Paola Rojas Fernandez
Direitos adquiridos para publicação eletrônica
em língua portuguesa por Editora Pontocom.

Coordenação Editorial:
André Gattaz

Projeto gráfico, preparação dos originais e editoração:
Editora Pontocom

Vanessa Paola Rojas Fernandez

História oral de chilenos em Campinas:
dilemas da construção de identidade imigrante

Prefácio de José Carlos Sebe Bom Meihy

Série Acadêmica, 2
Coleção NEHO-USP

ISBN: 978-85-66048-18-6

Salvador: Pontocom, 2013.

Editora Pontocom
www.editorapontocom.com.br
Salvador - Bahia - Brasil

O Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO-USP) foi fundado em 1991 e tem entre suas atribuições fomentar pesquisas sobre diversas manifestações das oralidades. Trabalhando também com entrevistas, um dos compromissos básicos do NEHO consiste na devolução dos resultados. Como parte de uma proposta em que os entrevistados são assumidos como colaboradores, o retorno do produto transparente na passagem das gravações para o texto escrito é tido como parte essencial dos projetos. Fala-se, contudo, de maneiras plurais de devolução: aos próprios colaboradores que propiciaram a gravação, às comunidades que os abrigam e às formas de disponibilidade pública das peças. Há níveis de comprometimento, é importante ressaltar. Pactos são formulados, sempre supondo duas esferas de atenção: pessoal – diretamente vinculado ao entrevistado, que deve ter voz nas soluções de divulgação, e à comunidade – que abriga a experiência na qual se inscreve o propósito do projeto em História Oral.

A abertura de uma coleção de publicações de trabalhos gerados ou de inspiração nos procedimentos do NEHO-USP deve ser vista como desdobramento natural do sentido proposto pelos oralistas que professam as indicações do Núcleo. Isto implica pensar que a percepção desenvolvida por esse grupo de pesquisas demanda consequências que vão além do acúmulo de gravações ou de seus usos particulares –

acadêmicos ou de mera curiosidade. Porque se percebe que a formulação de conhecimentos gerada pelos contatos entre entrevistados e entrevistadores é fruto de uma situação social, a publicação dos resultados é parte inerente à ética que ambienta o processo de gravações como um todo. O cerne deste tipo de devolução contém implicações que extrapolam os limites estreitos da satisfação miúda dos relacionamentos entre quem dá a entrevista e quem a colhe. Entendendo por ética o compromisso social mediado pelo acordo entre as partes, é para o geral, para a sociedade, que se dimensionam os fundamentos da História Oral praticada pelo NEHO.

*Munidos destes compromissos, o **NEHO-USP** e a **Editora Pontocom** inauguram essa coleção de livros eletrônicos. São dissertações, teses, artigos e outras peças de interesse que compõem a mostra. A disponibilidade destes textos visa superar a intimidade acadêmica e assim inscrever o trabalho do grupo em uma missão maior que qualifica a História Oral como braço de uma proposta que busca compreender para explicar e explicar para transformar.*

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Prefácio | 9 |
| Agradecimentos | 13 |
| Introdução | 15 |
| 1. Traçado histórico: apontamentos necessários | 21 |
| 2. Memórias do Chile | 39 |
| 2.1. Participação das mulheres no mercado de trabalho e participação dos chilenos em geral na vida política do país | 40 |
| 2.2. Contexto social e econômico antes do governo da Unidade Popular | 41 |
| 2.3. Contexto social e econômico durante o governo da Unidade Popular (1970-1973) | 44 |
| 2.4. Contexto social e econômico durante a ditadura militar (1973-1990) | 46 |
| 3. O movimento emigratório/imigratório | 51 |
| 3.1. A emigração | 54 |
| 3.2. A imigração | 61 |
| 3.3. Experiências de adaptação | 66 |
| 3.4. A questão da (in)documentação | 78 |
| 3.5. A questão do retorno | 84 |
| 4. Dilemas da construção de identidade imigrante | 91 |
| 4.1. Rede I | 94 |
| 4.2. Rede II | 105 |

| | |
|-----------------------------------|------------|
| Apontamentos conclusivos | 115 |
| Histórias de vida | 119 |
| Rede I | 121 |
| Luís Carlos Eleodoro Merino Román | 123 |
| Berta Rosas Morales | 135 |
| Alejandro Hormazabal | 149 |
| Rede II | 169 |
| Herminda Mercedes Caamaño | 171 |
| Pedro Francisco Rojas Velden | 179 |
| Marianne Fernandez Hazeldine | 185 |
| Osvaldo Oyanedel | 195 |
| Referências bibliográficas | 211 |

Prefácio

Prelúdio aos chilenos no Brasil: estudos emigratórios latino-americanos

Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy
Departamento de História - Universidade de São Paulo

Os estudos sobre emigração em geral, em coerência com os avanços promovidos nas áreas das ciências sociais, têm padecido de mudanças graves. A soma de resultados de pesquisas demográficas, de políticas internacionais, direito, economia, bem como de comportamentos e negociações identitárias, tem proposto relativizações frente aos exames disciplinares isolados, seja da História, Demografia ou da Sociologia. Tema ponte entre campos diversos, os deslocamentos populacionais na globalização demandam cruzamentos importantes onde diferentes soluções metodológicas se abraçam possibilitando entendimentos mais consequentes. Talvez, entre tantos efeitos importantes, esta nova postura de investigação tenha como resultado mais eloquente a humanização do processo. Em vez de se tratar de abordagens atentas aos deslocamentos longínquos – de nossos pais e avós – e de casos pontuais – de país distante –, a consciência de que os processos imigratórios da atualidade devem ser contemplados em suas continuidades, se desdobrando de maneira a afetar a todos, implicando isso alterações severas nos procedimentos metodológicos.

Inscritas nas mudanças de abordagens, são trocadas também as informações objetivas, dados concretos, pelas subjetivas, sujeitas a variações perceptivas. Sintomas vivos destes câmbios

são os resultados mais humanizados, traduzidos menos em números e mais em narrativas com considerável carga emocional. Por lógico não se propugna a mera substituição de uso de um tipo de fonte por outra. Nem se advoga a aplicação binária ou pendular entre dados estatísticos e impressões filtradas pela memória individual ou coletiva. Mais do que isso, a combinação inteligente das tendências se apresenta como ideal exegético por ressaltar a figura humana, os imigrantes, como protagonistas do processo. Entre os produtos mais interessantes desta nova postura analítica, dois aspectos merecem realce: 1) o destaque às motivações subjetivas, e 2) a “presentificação” do processo migratório como fenômeno vital para o entendimento do nosso tempo. Fala-se, pois da inversão da equação, ou seja, em vez de se partir do remoto para o presente, é do imediato para o pretérito que se propõem análises. As impressões, os dilemas implícitos nas decisões pessoais, de grupo ou coletivas e o potencial dos fatores decorrentes dos ajustes ou dilemas do espaço buscado, dignificam o entendimento do movimento de fronteiras para além das delimitações físicas ou dos estados nacionais.

A história oral por se investir do dever de registro e acendimento analítico, ganha foros de fonte privilegiada, possibilitadora de relatos que, sob o denominador comum da *história pública*, tanto se qualifica para apreciações acadêmicas como de consumo amplo e até novelesco. Como *Janus* moderno, o processo migratório atual olha para dois lados e se investe de poder único exatamente por ser permissivamente bilateral. Não se fala mais de cortes abruptos e eternizados em decisões extremadas. A mobilidade do mundo contemporâneo deixa aberto caminho de circulação mais permissiva e as escolhas ganham alcances flexíveis, idas e vindas, trocas constantes e por vezes contraditórias. É exatamente neste bojo que o subjetivismo das narrativas ganha massa explicativa. E então a história oral se faz objeto dinâmico de estudos permitindo transparências não visíveis em outras fontes.

Vanessa Paola Rojas Fernandez se apresenta neste trabalho como expressão desta nova abordagem de história emigratória.

Aderindo ao uso de narrativas pessoais, os dados informativos, de maneira lúcida, transformam números, aspectos historiográficos e leis, em elementos complementares às falas sempre ternas e prenes de sentimentos que vão além das informações. E assim abrem atalhos de juízos onde o *eu* pessoal – a voz de comando de quem propõe o estudo –, ganha sentido remoçado pelas circunstâncias que costuram a vida pessoal dela, autora, com o movimento da própria família, inscrito por sua vez em fluxos mais alargados. A mera colocação deste suposto, por sua vez, convoca outras ligações, estas mais complexas, onde se arrolam os movimentos decorrentes de um fenômeno microestrutural articulado ao funcionamento em nível planetário da imigração. Fala-se da imigração latino-americana, continental, em face contextual dos deslocamentos globais. E aí a pesquisa ganha musculatura por revelar a intimidade de um processo que, envolvendo a pesquisadora, sua família e grupos tangíveis, se coloca em rota explicativa do conjunto amplíssimo, da atualidade itinerante.

A percepção da presença dos chilenos no Brasil, se pode dizer, se situa ainda no espaço dos estudos inéditos. São bem poucos os tentos marcados no jogo geral das buscas de explicações afeitas a este processo. Mesmo os exames que integram os fluxos de sul continentais ainda não incorporaram os chilenos nos processos de deslocamentos próximos. O quase vazio de referências exige uma problematização audaz, arriscada e sensível, capaz de superar o suposto do *push/pull* ou das *redes sociais*. E no caso chileno nem aspectos econômicos combinados como influxos políticos têm tanta eficácia. Assim, as motivações apresentadas para as vindas de chilenos ao Brasil se mostram dependentes de variações de cromática sutil. A especificidade do caso chileno é curiosa em si e em comparação com outras. Por lógico os fatores políticos da presença de Allende naquele governo, desde os anos de 1970 e principalmente o golpe de estado e a violenta ditadura instalada por Pinochet três anos depois se transpareceram nos motivos de mudanças. A originalidade, contudo, corre por conta das razões variadas, dos

tempos diversos de saída e negociações fragmentadas, plurais até mesmo no mesmo conjunto parental. O curioso é que o processo de negociação identitária dos chilenos no Brasil não demandou acertos de contas internos da comunidade. A reinvenção de um calendário celebrativo em terras brasileiras, a criação de clubes e redes de afetos, e a existência de grupos folclóricos, mostra uma superação das diferenças e mais do que isto garante um sentido específico à presença dos chilenos como emigrantes em nosso país.

Além da valentia e originalidade da abordagem do tema, o presente estudo indica a necessidade de desdobramentos de outros trabalhos que carreguem o mesmo compromisso de desvelamento da intimidade de casos. A emigração como processo familiar e continuado, a inscrição do caso chileno no panorama mais amplo dos fluxos de países vizinhos ao Brasil, tudo somado, revela que não é mais possível um caminho de volta nos avanços alçados pela prática e uso da história oral. A leitura deste texto é, pois, um convite à complexidade do entendimento emigratório para o Brasil e assim também atinge o patamar questionador do que será a nova América Latina, formada por cromos que se reorganizam sob a égide dos ajustes continentais.

Agradecimentos

A pesquisa de mestrado que resultou neste livro não teria sido realizada sem os imigrantes chilenos que foram por mim entrevistados, os quais gentilmente aceitaram narrar e compartilhar algumas das memórias sobre suas vidas. Meus agradecimentos especiais a eles: Berta Rosas Morales, Herminda Mercedez Caamaño, Alejandro Hormazabal, Luís Eleodoro Merino Román, Osvaldo Oyanedel, Marianne Fernandez Hazeldine e Pedro Francisco Rojas Velden. Estendo esses agradecimentos aos seus familiares e a outros imigrantes chilenos da colônia, que em diversos momentos apoiaram este trabalho de “colaboração”.

O Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) e seus pesquisadores também merecem um agradecimento especial, pois foi a partir deste núcleo de pesquisas, estudos e vivências que o trabalho aqui apresentado pôde ser idealizado e concretizado. Neste processo, o professor e orientador José Carlos Sebe Bom Meihy é personalidade fundamental.

Por fim, meus sinceros agradecimentos à Universidade de São Paulo e ao seu Programa de Pós-Graduação em História Social, onde foram desenvolvidos, respectivamente, meus estudos de graduação e de mestrado, e à Editora Pontocom pela presente publicação.

Introdução

A pesquisa que deu origem a este livro é resultado de uma experiência migratória que foi – e é ainda – em parte por mim vivenciada. Filha de mãe e pai chilenos, sempre estive em contato com as coisas relacionadas àquele país. Emigrantes no Chile e imigrantes no Brasil, a experiência de meus pais marcou profundamente a minha formação pessoal.

Muitas de minhas melhores lembranças de quando eu era criança são as viagens de fim de ano com minha família ao Chile. Lembro que lá ficávamos durante as férias de verão, na casa de nossos parentes, metade do tempo na cidade natal de meu pai, metade do tempo na cidade natal de minha mãe. Nesses curtos períodos, estreitavam-se as relações com meus primos e primas, tios e tias, avôs e avós – relações essas que eu não tinha no Brasil e que, portanto, eram por mim muito estimadas.

A nossa chegada àquele país era plena de expectativas e alegrias. A despedida, triste e dolorosa. Ainda hoje posso sentir a emoção de meu pai e de minha mãe revendo, depois de muito tempo, seus entes queridos, seus amigos e sua terra de origem.

Em minha casa aqui no Brasil, cresci presenciando uma “negociação” entre os costumes dos dois países: embora tenham predominado os costumes brasileiros, muitos costumes chilenos sempre estiveram presentes. As comparações entre o “aqui” e o “lá” ainda hoje são constantes. Inserida nesse meio, eu que nasci no Brasil, mas que fui criada dentro de alguns valores culturais do Chile, vi o interesse por tudo o que fosse relacionado a este país desenvolvendo-se quase que naturalmente em mim.

O gosto pessoal fez com que a história do Chile, particularmente do período contemporâneo, fosse por mim muito apreciada. Meu contato com essa temática foi inevitável: no Chile ou no Brasil, a memória coletiva dos chilenos com os quais estive em contato sempre forneceu alguns episódios que chamavam a minha atenção: “as eleições de 1970” e as críticas ao “governo de Salvador Allende”; o “mercado negro”; o “violento golpe militar de 1973”; o “ataque e o bombardeio do palácio presidencial *La Moneda*”; o debate em torno da questão do “suicídio” ou do “assassinato” do presidente deposto; a “dura repressão”; o famoso “Rio Mapocho de Santiago transbordante de corpos no dia seguinte ao Golpe”; o “Estádio Nacional cheio de pessoas que foram presas pelos militares”; o “toque de recolher”; a “censura”; o “exílio”; o debate entre “pinochetistas e anti-pinochetistas” – enfim, uma gama de temas realmente fascinantes.

Durante a minha graduação em História, percebi a escassa produção intelectual brasileira sobre esse período da história recente do Chile, o que se tornou, para mim, mais um elemento motivador de estudos. Ao entrar em contato com as teorias e procedimentos da história oral, no Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo, decidi pesquisar o tema da emigração/imigração chilena ocorrida nas três últimas décadas do século XX, a partir da história oral de vida de seus próprios emigrantes/imigrantes.

Assim, em vez de estudar o período Allende, o Golpe militar ou o período ditatorial de Pinochet, que são, afinal, os temas que mais chamam a atenção dos historiadores e de outros pesquisadores desse campo, optei por um tema que é decorrência dos anteriores – a questão emigratória chilena e sua presença no Brasil – e que, embora não seja um assunto central na bibliografia do período, é sem dúvida importante para as ciências humanas e para os dois países envolvidos no processo.

A cidade de Campinas, do interior do Estado de São Paulo, foi selecionada para o desenvolvimento da pesquisa por motivos de ordem pessoal e técnica: sendo eu filha de imigrantes chilenos aí residentes, já possuía um contato prévio com outros chilenos

imigrantes, o que se tornou elemento facilitador para uma pesquisa de história oral. Além disso, trata-se de uma colônia significativa de chilenos no Brasil, pois ali residem cerca de três mil deles, contando ainda com uma associação (*Asociación de Chilenos Residentes en Campinas y Región Pablo Neruda*) e dois grupos folclóricos (Conjunto Folclórico Pablo Neruda, da mencionada associação, e o *Conjunto Folklórico Raíces de Chile*).

No primeiro semestre de 2008, sob a orientação do professor José Carlos Sebe Bom Meihy, ingressei no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, onde pude desenvolver o tema selecionado. O trabalho foi finalizado em 2011, com o título *Dilemas da construção de identidade imigrante: história oral de vida de chilenos em Campinas*.

Mais do que uma questão exclusivamente acadêmica, não se pode negar a relação desta pesquisa com as circunstâncias de minha própria vida. Influenciada pela minha própria história e pela experiência migratória de meus pais, que não terminou neles, mas que continuou em mim, este estudo é resultado do que Edward Said definiu como “dimensão pessoal”, que é o investimento pessoal em um estudo derivado da consciência do que se é (SAID, 1990).

* * *

A presença de chilenos no exterior tornou-se um elemento estrutural desse país a partir da década de 1970. Argentina, Estados Unidos, Suécia, Canadá, Austrália, Brasil, Venezuela, Espanha, França e Alemanha são os dez países com maior número deles no mundo. Exilados, foragidos voluntários ou mesmo insatisfeitos com o contexto de então, no total cerca de 500 mil chilenos se deslocaram, durante as três últimas décadas do século XX, a diversos países¹. Considerando que em 2002 o Chile possuía

1 *Chilenos en el Exterior: Donde Viven, Cuantos Son y Qué Hacen los Chilenos en el Exterior*, disponível em: www.chilesomostodos.gov.cl.

cerca de 15 milhões de habitantes², é fácil imaginar o impacto disto naquele ambiente.

No caso específico do Brasil, sua quantidade em 1960 era quase inexistente, não ultrapassando a cifra de 2.000. Em 1980, houve um enorme aumento deste número, com quase 18.000 chilenos vivendo aqui. Na década de 1990 já eram 20.000, registrando uma pequena queda no ano 2000, com pouco mais de 17.000 chilenos vivendo no país³. Nesse mesmo ano, constavam entre as dez nacionalidades que apresentavam a maior quantidade de imigrantes internacionais residentes no Brasil (SALA, 2005).

O Chile passava por um difícil momento político, econômico e social, o que afetava diretamente a vida de seus cidadãos. Durante o período ditatorial chileno, que vigorou entre 1973 e 1990, muitas pessoas foram obrigadas pelo Estado a abandonar o país, pois estavam sendo duramente perseguidas e corriam risco de vida, os chamados “exilados políticos” ou “refugiados”. Ao contrário destes, forçados a deixar o país, muitos saíram voluntariamente, em busca de melhores condições de vida em outros países, tornando-se assim emigrantes/imigrantes: “como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração” (SAYAD, 1998).

A maioria dos chilenos exilados foi para países como Austrália, Canadá, França e Suécia, que tinham naquele momento programas governamentais de apoio à recepção de perseguidos políticos (ARTIGAS, 2006). O Brasil não possuía tais programas nessa época, pois também se vivia aqui sob governos militares (1964-1985), mas o país apresentava ofertas de trabalho e

2 A população chilena, segundo os quatro últimos recenseamentos, é a seguinte (em números aproximados):

1970: 8.900.000;
1982: 11.400.000;
1992: 13.400.000;
2002: 15.200.000

(Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas de Chile).

3 IBGE: Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000. Há também outras estimativas, que apresentam números maiores do que esses.

anunciava o “milagre econômico brasileiro”, o que propiciou a entrada de milhares de estrangeiros, entre eles os chilenos.

Afinal, o que levou essas pessoas a optarem pela saída de seu país de origem e o que trouxe parte delas ao Brasil? A reflexão sobre esta e outras questões pode ser encontrada na voz e nos argumentos dos próprios imigrantes chilenos, uma vez que se trata de um movimento recente e, portanto, com personagens vivos. Para isto, uma pesquisa de história oral de vida mostrou-se interessante.

Entendendo a história oral como um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com um grupo de pessoas a serem entrevistadas, a fim de se promover análises de processos sociais do presente (MEIHY & HOLANDA, 2007), na pesquisa mencionada foram feitas sete entrevistas de histórias de vida com imigrantes chilenos residentes na cidade de Campinas/SP, sendo quatro homens e três mulheres, que ali chegaram entre as décadas de 1970, 1980 e 1990.

A constituição deste corpus documental se deu através das “entrevistas livres e abertas” feitas com os “colaboradores” ao longo da pesquisa e cujas narrativas orais foram, posteriormente, materializadas na forma escrita segundo os procedimentos da “transcrição”, “textualização” e “transcrição” (MEIHY, 2005). Trata-se, portanto, de uma documentação especialmente elaborada para este trabalho e que era, até então, inexistente.

* * *

Este livro é uma adaptação da dissertação *Dilemas da Construção de Identidade Imigrante: História Oral de vida de Chilenos em Campinas*, desenvolvida entre os anos de 2008 e 2011. Para tanto, alguns capítulos originais da dissertação foram mantidos, sendo revisados e reorganizados. Outros capítulos, mais conceituais e técnicos, não foram rerepresentados, pois possuem relação maior com a dissertação enquanto uma pesquisa acadêmica. Lembra-se que a íntegra da dissertação pode ser obtida na Biblioteca de Teses da Universidade de São Paulo.

O livro está dividido em duas partes. A primeira parte é composta de quatro capítulos, sendo o primeiro, uma contextualização histórica do Chile do período colonial ao período contemporâneo, desenvolvido a partir da bibliografia consultada, e os demais, apresentando as análises que foram feitas durante a pesquisa, desenvolvidos a partir das entrevistas de história oral. É bom salientar que essas análises são interpretações feitas por mim, enquanto autora e pesquisadora, sendo assim uma interpretação pessoal e subjetiva e, portanto, não a única possível. Os leitores são convidados a desenvolverem suas próprias análises, se assim o desejarem, daí a importância da segunda parte deste livro, em que são apresentadas as sete histórias de vida da pesquisa.

1. Traçado histórico: apontamentos necessários

O Chile está localizado na América do Sul, prolongando-se no continente antártico e na Polinésia com a Ilha de Páscoa. Limita-se ao norte com o Peru, ao leste com a Argentina e a Bolívia através da Cordilheira dos Andes, ao sul com o Polo Sul, e a oeste com o Oceano Pacífico (ver mapa 1, adiante). A região norte do país, de Arica a Antofagasta, um território rico em recursos minerais, foi anexada pelo Chile da Bolívia e do Peru em um enfrentamento conhecido como Guerra do Pacífico (1879-1883). Em termos administrativos, o país está dividido em 15 regiões, cada uma a cargo de um intendente designado pelo presidente da República (mapa 1). Apesar de possuir o melhor IDH da América do Sul – sua colocação em 2010 foi 45º – o país possui ainda grande desigualdade social.

Colonizado pelos espanhóis, o primeiro explorador de grande parte do que é hoje o território chileno foi Diego de Almagro, que realizou a travessia da cordilheira dos Andes e chegou ao vale de Copiapó em 21 de março de 1536. Decepcionado por não encontrar as riquezas que esperava, Diego de Almagro retornou e coube a Pedro de Valdivia, que ali chegou em 1540, tomar a posse solene do território em nome da Espanha.

Os indígenas que ali viviam, com destaque para os mapuches no centro-sul e os incas no extremo norte, lutaram contra a dominação espanhola. Das lutas entre os mapuches (também chamados de araucanos) e os espanhóis trata o famoso poema épico *La Araucana*, escrito pelo espanhol Alonso de Ercilla



y Zúñiga e publicado em duas edições, em 1569 e 1574. Dividido em três partes, este épico foi composto em oitavas reais e contém 37 cantos, nos quais são narradas as exaltações militares dos espanhóis contra os mapuches na Guerra do Arauco. Apesar das críticas que poderiam ser feitas, esta obra faz parte da cultura nacional chilena, é leitura obrigatória nos currículos escolares do país e, em geral, lhes é motivo de orgulho, como podemos ler no prólogo da obra:

O Chile tem a honra, graças a dom Alonso de Ercilla y Zuñiga, de ser a única nação posterior à Idade Média cujo nascimento é cantado em um poema épico como aconteceu com a Espanha no *Poema del Cid*, com a França em *La Chanson de Roland...*(SCARPA, In: ERCILLA & ZUÑIGA, 1982)

O fim do período colonial chileno é datado pela historiografia em 18 de setembro de 1810, quando foi formada uma junta de governo que se posicionava contra a invasão napoleônica na metrópole Espanha. A partir daí apareceram os primeiros textos constitucionais, as primeiras leis próprias e novas instituições autônomas, iniciando-se também as guerras contra as tropas reais. Em 1814, a autoridade espanhola no território americano foi restaurada, até que, após outras batalhas entre as tropas reais e as tropas separatistas, em 12 de fevereiro de 1818 foi declarada a Independência do Chile sob a liderança de Bernardo O'Higgins. Como os chilenos consideram-se independentes desde a formação da junta de 1810, 18 de setembro é a data comemorativa da Independência do país.

Diego de Almagro, Pedro de Valdivia e Bernardo O'Higgins são, em resultado do processo de construção do Estado Nacional chileno, considerados heróis nacionais. Foram exaltados por historiadores como Francisco Antonio Encina, tido como principal historiador chileno do século XX e cuja obra principal, a monumental *Historia de Chile*, em vinte volumes, exerceu "assombrosa influencia na historiografia chilena" (GUTIERREZ, 2004).

Monumentos a estes e a outros heróis nacionais chilenos podem ser encontrados na capital Santiago e em outras cidades do país, fazendo parte do estoque material de uma história nacional construída pelo Estado e que integra a cultura coletiva de seus conterrâneos.

No início da década de 1930, os partidos oligárquicos Conservador e Liberal, que antes dominavam o cenário político chileno, perderam sua legitimidade como consequência da crise mundial de 1929, enquanto novos partidos foram integrados, iniciando um famoso período democrático no Chile. Durante esse período, os chilenos conheceram diferentes governos, de diversas orientações políticas, cada qual constitucionalmente eleito, o que foi caracterizado como uma “histórica estabilidade política” do país quando comparado a seus vizinhos do continente:

De fato, o que chamava a atenção naquele país, em contraste com o conjunto da América Latina, era precisamente a sua histórica estabilidade política, comparável apenas aos países ocidentais mais consolidados do ponto de vista político. (AGGIO, 2002)

A estabilidade democrática foi rompida em 1973, quando houve o golpe de Estado que instaurou uma ditadura militar no país. Antes desta ruptura, e para entendê-la melhor, merece destaque o governo de Salvador Allende e os antecedentes de sua eleição.

Ainda no início do período democrático chileno, nos anos 30, houve um reagrupamento dos partidos políticos existentes: os partidos de esquerda se consolidaram, pois o Partido Comunista e o Partido Socialista passaram a ser integrados no sistema político; os tradicionais partidos de direita, Partido Conservador e Partido Liberal, se fundiram em um só, o Partido Nacional; e uma nova força de centro surgiu, com a fundação do partido da Falange Nacional, que foi, posteriormente, a base do Partido da Democracia Cristã, fundado em 1957. Esses quatro partidos (Partido Comunista, Partido Socialista, Partido Nacional e Partido

da Democracia Cristã) passaram a dominar o cenário político eleitoral chileno a partir da década de 1950.

Devido à sua economia mineradora exportadora, sendo o maior produtor mundial de cobre, o surgimento de uma classe operária organizada no Chile deu-se já no início do século XX: em 1909 foi criada a primeira central sindical do país, a FOCH, Federação Operária Chilena, e em 1912 foi fundado o Partido Operário Socialista, que mais tarde tornou-se o Partido Comunista do Chile. Esse operariado organizado possibilitou a introdução no país de ideologias provenientes do movimento operário europeu, incluídas aí diversas variantes do anarquismo e do socialismo.

A reunião desses fatores – histórica estabilidade política e institucional, movimento operário organizado e a existência e atuação de fortes partidos de esquerda no sistema político – explica porque a proposta de um governo socialista no Chile, que levou Salvador Allende Gossens à presidência da República em 1970, não era estranha e incabível. Assim afirmou o sociólogo Emir Sader: “não foi por acaso que se dava no Chile uma tentativa de governo socialista” (SADER, 1992).

As eleições presidenciais chilenas eram realizadas a cada seis anos. Nas eleições de 1952, os dois partidos da esquerda chilena (Partido Comunista e Partido Socialista) se uniram e lançaram a candidatura de Allende, obtendo uma pequena votação. Apesar desse pequeno número de votos, o importante neste momento é que as forças que o apoiavam apareceram pela primeira vez como uma força autônoma unida na cena política. Nestas eleições, venceu para presidente o general Carlos Ibáñez com mais de 47% dos votos, sob o lema “o general da esperança”.

Nas eleições de 1958, o quadro eleitoral que se formou estava bastante fragmentado, com quatro candidaturas demonstrando potencial de vitória. Os resultados foram bem divididos, com a vitória do candidato da direita: 31,6% dos votos para Jorge Alessandri, 28,9% para Salvador Allende, 20,7% para Eduardo Frei e 15,6% para Luís Bossay. As duas grandes surpresas dessa eleição foram o desempenho da esquerda, com a candidatura de

Salvador Allende ficando em segundo lugar, e a emergência da Democracia Cristã como um partido forte, com a candidatura de Eduardo Frei.

No pleito de 1964, a esquerda imaginava como certa sua vitória, novamente com a candidatura de Salvador Allende. Porém, nova surpresa: quem venceu foi o candidato da Democracia Cristã, Eduardo Frei, com um programa fundado em propostas de transformação da sociedade. Os resultados foram: Eduardo Frei: 55,4%, Salvador Allende: 39% e Julio Durán: 5%. Essa eleição esteve basicamente polarizada entre a esquerda e o centro, pois a direita não participou com um candidato.

Por fim, nas eleições de 1970, Salvador Allende, em sua quarta tentativa, saiu eleito presidente pela coalizão esquerdista denominada *Unidad Popular* (UP). O quadro político eleitoral de então estava tripartido, com três candidatos fortes, o que foi decisivo para a sua vitória: ele obteve 36,2% contra 34,9% de Jorge Alesandri, do Partido Nacional, e 27,8% de Radomiro Tomic, da Democracia Cristã.

O resultado das eleições de 1970, a vitória de Salvador Allende pela *Unidad Popular*, significou o que muitos chamaram de “inauguração de uma experiência única no mundo” ou de “situação inédita na história”, pois pela primeira vez um presidente declaradamente marxista chegava ao poder através de eleições gerais e livres, ou seja, através de um processo democrático. Sobre a perplexidade que este fato poderia provocar naquele momento:

Socialismo na América Latina? Em pleno ano de 1970? Quando a ditadura militar brasileira se consolidava e emergia como modelo político e de crescimento econômico para seus vizinhos? Quando a Argentina seguia mergulhada num regime militar há 4 anos? Quando a Bolívia, entre idas e vindas, via se imporem sempre novos governantes militares? Quando os Estados Unidos eram governados por Richard Nixon e por Henry Kissinger? E quando Cuba estava isolada e as guerrilhas

em refluxo na América Latina? Foi nesse momento que o Chile iniciou uma experiência de governo inédita na América Latina. (SADER, 1992)

Deve-se ter cautela, porém, para não confundir o início do governo da *Unidad Popular* com o início de um governo socialista de fato. O que chama a atenção neste caso, o que é “inédito na história”, é a eleição de um governo com essa proposta, a proposta de um governo socialista a ser institucionalizado por meio de uma transição pacífica. Intelectuais e políticos da época criaram a expressão “experiência chilena” ou “via chilena ao socialismo” para designar essa intenção de realizar a transição ao socialismo em democracia. Em seu discurso de posse, proferido no Estádio Nacional do Chile em 05 de novembro de 1970, Salvador Allende observou:

“sem precedentes no mundo, o Chile acaba de dar uma prova extraordinária de desenvolvimento político, fazendo possível que um movimento anticapitalista assuma o poder pelo livre exercício dos direitos cidadãos” (ALLENDE, apud MODAK, 2008).

Como a eleição de Salvador Allende não se processou por maioria absoluta (apenas 36,2% dos votos), era necessária a ratificação do resultado pelo Congresso Nacional. O resultado foi ratificado, mas antes ocorreram duas tentativas de impedimento: primeiramente, através de um golpe constitucional, quando políticos do Partido Nacional fizeram a proposta aos políticos da Democracia Cristã de que o Congresso ratificasse a segunda maioria dos votos, ou seja, o candidato Jorge Alesandri, o qual posteriormente renunciaria para que em um novo pleito o candidato democrata-cristão fosse apoiado pelo Partido Nacional. Esta proposta não foi aceita pela Democracia Cristã, que preferiu negociar com a *Unidad Popular* e assegurar-se de que as liberdades e o regime democrático seriam preservados pelo novo governo. Ocorreu, então, uma reação mais extremista: alguns integrantes

direitistas planejaram o sequestro do comandante-em-chefe do Exército chileno, René Schneider, que seria atribuído aos grupos de esquerda e que levaria a nação a opor-se à posse de Allende. Schneider acabou assassinado e, descoberto o plano, o fato provocou revolta e escândalo entre os chilenos. Em outubro de 1970, a eleição de Salvador Allende foi confirmada pelo Congresso e, assim, “Allende já iniciou seu governo com um prenúncio dos tempos conturbados que o esperavam” (SADER, 1991).

Em linhas gerais, a proposta deste governo era a instauração do socialismo mediante uma transformação gradual da economia, da sociedade e do Estado chilenos. A economia seria reorganizada em moldes socialistas a partir da criação de uma *Area de Propriedad Social* (APS), que deveria englobar os grandes monopólios e que passaria a desempenhar um papel no desenvolvimento econômico. Ela seria acompanhada de uma área de economia mista e outra área de economia privada, complementares à área estatal. O aparelho estatal, por sua vez, iria mudando sua natureza de classe de um Estado burguês para um Estado popular.

O desenrolar do processo, no entanto, revelou que as coisas não seriam tão simples assim. O historiador Osvaldo Coggiola observou:

O compromisso de Allende e da UP, já selado desde a vitória eleitoral de 1970 por meio de um “pacto de garantias”, de não tocar os alicerces do Estado, principalmente as Forças Armadas, e de manter seu programa de reformas dentro dos limites do regime capitalista, não foi suficiente para conter uma direita que, também desde 1970, começou a se organizar para dar uma saída radicalmente reacionária à situação de crise e mobilização popular (COGGIOLA, 2001).

O primeiro ano de governo Allende pode ser considerado relativamente calmo, quando a *Unidad Popular* começou

a colocar em prática suas propostas. Iniciou um programa de reativação da economia, decretando um congelamento dos preços e um substancial aumento de salários e induzindo o incremento da demanda. Colocou em prática um processo de nacionalização de empresas e da grande mineração, conseguindo vencer o Congresso de que o que deveria ser pago de indenização às grandes empresas mineradoras estrangeiras já havia sido apropriado por elas em seus lucros. Deu continuidade à reforma agrária, já iniciada timidamente no governo anterior de Eduardo Frei, expropriando latifúndios. Bancos foram estatizados. Concomitantemente, mobilizações populares começaram a surgir no campo, com ocupações de terras, e nas cidades, com atuação direta do operariado nas expropriações de empresas do setor têxtil.

Enquanto a estabilidade de preços funcionou e os aumentos de salários favoreceram o consumo, a classe média apoiou o governo. Nas eleições municipais de 1971, a esquerda obteve uma vitória sem precedentes, ao conquistar a maioria do colégio eleitoral com mais de 50% dos votos. A burguesia e a oposição, no entanto, reagiram, iniciando a estratégia de asfixia econômica: deixaram de investir e a produção foi deixando de ser canalizada para o mercado formal, sendo dirigida para o “mercado negro”. Produtos faltavam e reapareciam. Com a greve de caminhoneiros, a distribuição do que havia foi prejudicada. Assim, o desabastecimento se generalizou. Donas de casa saíam às ruas batendo panelas vazias contra o desabastecimento, a chamada “marcha das panelas vazias”. Os trabalhadores, por sua vez, tomavam conta das fábricas por iniciativa própria.

A Democracia Cristã passou a contestar cada vez mais a legalidade de alguns projetos colocados em prática pelo governo, como o início das APS e a nacionalização do cobre. Até então, este partido atuava de forma pendular entre a esquerda e a direita, o que provocou fraturas em seu interior. Em 1969, um grupo denominado “rebelde” formou o *Movimiento de Acción Popular Unificado* (MAPU). Em 1970, um grupo denominado “terceiristas” retirou-se do partido e, com uma ala do MAPU, formou a *Izquierda Cristiana* (IC). Ambos incorporaram-se à

Unidad Popular. Membros da direita também se reorganizaram: em setembro de 1970, logo após a eleição presidencial, foi formado o grupo *Pátria y Libertad*, que realizava mobilizações violentas contra o governo e seus apoiadores. Além disso, a própria *Unidad Popular* também passou por fraturas internas, pois alguns setores criticavam a via chilena ao socialismo.

Com a piora da situação econômica, o aumento da polarização ideológica, das mobilizações populares e dos confrontos entre o Executivo e o Legislativo, em outubro de 1972 o Chile viveu uma paralisação quase integral de suas atividades, a “crise de outubro de 1972”, considerada pelo historiador Alberto Aggio como “a ofensiva mais incisiva e geral da oposição desde o início do governo Allende” (AGGIO, 2002).

Para superar esta crise, o governo constituiu um gabinete com participação militar nos ministérios, pensando-a como um fator legitimador. Entre estes militares, destacou-se o general Carlos Prats, comandante-em-chefe do Exército e conhecido “legalista”, que foi nomeado ministro do Interior. Além dele, o contra-almirante Ismael Huerta foi nomeado ministro das Obras Públicas, e o general Cláudio Sepúlveda, ministro de Minas.

Em março de 1973 foram realizadas eleições parlamentares no Chile. Apesar de todos os conflitos e de todas as dificuldades, os partidos de esquerda obtiveram 44% dos votos. Embora não tenham conseguido a maioria no Congresso, também não permitiram os dois terços necessários para a destituição do presidente, que seria feita pela oposição através de um *impeachment*. Neste mesmo mês, em uma reestruturação do ministério, os militares foram afastados.

Em 29 de junho ocorreu uma tentativa de golpe militar conhecida como “*tancazo*”, quando um grupo radical de oficiais cercou o palácio presidencial, exigindo a renúncia do presidente. As tensões se agravavam. As mobilizações populares continuavam tentando impulsionar as transformações revolucionárias, mantendo um relativo grau de combatividade. Centenas de fábricas foram ocupadas e os “cordões industriais”, formas de organização operária por fábricas de uma mesma região, estavam cada vez mais atuantes, como o *Cordón Industrial Vicuña*

Mackena. Do outro lado, o empresariado e os opositores empenhavam-se com todas as forças para reinstalar o caos econômico e social. Alfredo Sirks, jornalista brasileiro que estava no Chile, descreve uma situação caótica dentre as muitas que presenciou na capital do país:

No centro da cidade, manifestações: trabalhadores e militantes de esquerda gritam “*Allende, Allende, el pueblo te defende*” e um grupo mais exaltado destes entra em choque com membros da *Juventud Nacional* e do *Pátria y Libertad*. [...] Gritaria, pedradas, correntes e paus em ação. Apagaram as luzes da cidade, o centro vira um breu entrecortado por faróis de carros. [...] As luzes voltam e Allende pelo rádio tranquiliza o país: a sabotagem de uma torre de alta tensão não foi acompanhada por nenhuma ação subsequente (SIRKS, 1982).

Consequentemente, diversas organizações já pediam a renúncia do presidente e a intervenção das Forças Armadas: a Corte Suprema, a Ordem dos Advogados, a Pontifícia Universidade Católica e a imprensa conservadora. Tendo em vista o golpe militar a ser efetivado, a oficialidade golpista chilena já havia começado um processo de unificação interna, livrando-se dos militares legalistas. Contestaram a postura legalista do general Carlos Prats, que se recusava a participar de qualquer golpe, fazendo-o renunciar em agosto. Neste mesmo mês, um acordo aprovado pela maioria dos deputados e pelos presidentes do Senado e da Câmara declarou a ilegalidade do governo da *Unidad Popular*. Concomitantemente, setores expressivos do movimento popular reagiam ao clima de possível golpe e criticavam os líderes da *Unidad Popular* que nada faziam de concreto para preparar um enfrentamento com a oposição e que insistiam em fazer acordos que já não respondiam às suas expectativas. As discussões políticas em torno dessa questão e a diferenciação entre os que queriam um enfrentamento armado e os que não queriam eram cada vez mais latentes.

Sem interlocutores dentro das Forças Armadas, o presidente Allende fez uma última tentativa de reestruturação ministerial, trazendo novamente os militares ao gabinete. Nomeou o general Augusto Pinochet Ugarte comandante-em-chefe do Exército desde a saída de Prats. Paralelamente, preparava um plano político que dividiria a oposição: a convocação de um plebiscito no qual o governo se comprometeria em entregar a presidência a seu substituto legal, o então presidente do Senado, o democrata-cristão Eduardo Frei. Esta tática de Allende não chegou a se concretizar, pois antes dela foi efetuado o golpe militar: desconhecendo as tendências golpistas de seu ministro Pinochet, Allende havia lhe contado sua intenção de anunciar o plebiscito à população em 11 de setembro de 1973. O golpe, que já vinha sendo planejado há tempos, foi antecipado para esta data.

O período que se iniciou com o golpe de Estado, a ditadura militar, pode ser considerado o período mais cruel da história chilena. O próprio Golpe foi extremamente violento: o palácio presidencial chileno, *La Moneda*, no centro de Santiago, amanheceu cercado por tropas do Exército e da Aeronáutica, enquanto tropas da Marinha já haviam se rebelado na cidade de Valparaíso. Através do rádio, os militares golpistas anunciaram que uma Junta Militar havia sido formada e que um ultimato de rendição incondicional era oferecido ao presidente a ser deposto. No entanto, Allende anunciou que estava no palácio presidencial e que se negava a abandoná-lo.

Sobre a discussão que se seguiu acerca da morte de Salvador Allende no palácio presidencial, se ele teria sido assassinado ou se teria se suicidado, o escritor Eduardo Galeano poetizou:

A direita mesquinha e a esquerda puritana dedicaram boa parte de seus fervores discutindo se Salvador Allende suicidou-se ou não.

Allende tinha anunciado que não sairia vivo do palácio presidencial. Na América Latina, é tradição: todos dizem a mesma coisa. Depois, na hora do golpe de Estado, correm para o primeiro avião.

Tinham-se passado muitas horas de bombas e fogo e Allende continuava combatendo entre os escombros. Então chamou seus colaboradores mais íntimos, que resistiram com ele, e disse:

– Desçam, que eu já vou.

Eles acreditaram e foram embora, e Allende ficou sozinho no palácio em chamas.

Que importa de quem foi o dedo que disparou a bala final? (GALEANO, 2006)

A repressão que se seguiu ao Golpe foi brutal: o Congresso Nacional foi fechado por tempo indeterminado; as fronteiras e os aeroportos foram fechados, ninguém podia entrar nem sair do país; as “forças legais” tinham autorização para fuzilar qualquer pessoa que reagisse às suas ordens ou que fosse encontrada com armas, nas ruas ou dentro de suas próprias residências; milhares de chilenos foram presos no Estádio Nacional de Santiago, depois que as delegacias, presídios e quartéis ficaram cheios de detidos políticos, sendo que muitos deles foram mortos; nas fábricas ocupadas e nos bairros pobres, as *poblaciones*, ocorreram assassinatos em massa; as embaixadas estrangeiras rapidamente ficaram lotadas de pessoas em busca de asilo para partirem ao exílio; até mesmo no exterior houve perseguição política: o general Carlos Prats e sua esposa foram assassinados na capital da Argentina em 1974, onde estavam exilados, e Orlando Letelier, ex-ministro de Allende, foi assassinado em plena capital dos Estados Unidos em 1976, onde era diplomata.

“Roleta chilena” foi a expressão criada por Alfredo Sirks para referir-se à repressão chilena daqueles dias: maciça e totalmente arbitrária, sem critérios definidos. As pessoas podiam ser fuziladas por terem encontrado em sua casa um livro ou um jornal de esquerda, se esse fosse o “estado de espírito” do chefe da patrulha. A falta de critérios era total e a sobrevivência uma questão de acaso. Assim também denunciou o escritor Ariel Dorfman:

Porque *el jefe máximo* não agiu sozinho. São muitos, inúmeros, os que participaram de seus crimes e os permitiram. A começar, sem dúvida, pelas centenas de militares e funcionários de primeiro ou quarto escalão que executaram as ordens do General, os homens que apertaram o gatilho ou enfiaram o bisturi ou apertaram o torniquete (DORFMAN, 2002).

A ditadura militar chilena durou de 1973 a 1990 e é considerada uma das ditaduras mais sangrentas desse período na América Latina, já que vários países dessa porção do continente também vivenciavam o autoritarismo em sua forma de governo. A “Operação Condor”, que consistiu num pacto entre as ditaduras do Chile, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, é resultado da aliança entre esses governos autoritários.

No Chile, apesar da participação dos outros militares – o general Sergio Arellano, o almirante Patrício Carvajal, o comandante-em-chefe da Força Aérea Gustavo Leigh, o coronel Nilo Floody, o comandante José Toríbio Merino no comando da Marinha e o general César Mendoza no comando dos Carabineiros, entre outros – a ditadura militar assumiu a personificação de Pinochet. Este foi um dos articuladores do Golpe, e fazia parte da Junta Militar como comandante-em-chefe do Exército. Logo se tornou Presidente da Junta, e em 1974 fez-se nomear “chefe supremo da nação”, reduzindo a Junta a um setor legislativo do governo.

Há de se destacar também o apoio internacional ao regime, com destaque para os Estados Unidos. Além de apoio militar e logístico, apoio econômico. Em comparação com o governo de Allende, o governo militar recebeu muito mais ajuda econômica:

Entre 1974 e 1976, a ajuda econômica total dos Estados Unidos alcançou os 183,6 milhões de dólares, em contraste com os 19,8 milhões que Allende recebeu. Os créditos e outros empréstimos do *Export-Import Bank* alcançaram 141,8 milhões de dólares durante aqueles anos,

em comparação com os 4,7 milhões do período Allende. O governo Pinochet recebeu 66,5 milhões de dólares em créditos do Banco Mundial durante os 3 primeiros anos e Allende não recebeu crédito algum dessa instituição (MUÑOZ, 2010).

Em 1978, Pinochet convocou um plebiscito no qual os chilenos deveriam votar pelo regime militar ou pela resolução das Nações Unidas, que havia condenado o seu governo na Comissão de Direitos Humanos⁴, conforme explicou Heraldo Muñoz:

Realizado em 4 de janeiro de 1978, sob condições de estado de sítio, sem registro de eleitores, sem observadores, sem debate público nem cobertura crítica da imprensa. A cédula consistia na seguinte afirmação: “Face à agressão internacional lançada contra nossa pátria, apoio o presidente Pinochet em sua defesa da dignidade do Chile e reafirmo a legitimidade de seu governo.” Os eleitores eram instruídos a pôr sua marca ao lado de uma bandeira chilena para o “Sim” e de um quadrado preto para o “Não” (MUÑOZ, 2010).

No início dos anos 1980, manifestações de descontentamento com o regime político foram ganhando expressões mais abertas. Mesmo com a forte repressão, movimentos organizados contrários ao governo militar sempre existiram. Os mais conhecidos foram o *Movimiento de Izquierda Revolucionária* (MIR) e o *Movimiento Patriótico Manuel Rodríguez*. Deve-se mencionar também a consciência por parte do clero chileno, destacando o Vicariato da Solidariedade, que refugiou e amparou perseguidos da ditadura, denunciou torturas e promoveu campanhas pelos desaparecidos.

4 Em março de 1977 uma Comissão de Direitos Humanos da ONU reuniu-se em Genebra e condenou o regime chileno.

Em março de 1981, Pinochet prestou juramento como presidente segundo as disposições de uma nova Constituição para o Chile. Esta Constituição estabeleceu que no fim de seu mandato, em 1988, haveria um plebiscito no qual a população aprovaria ou desaprovava um candidato único, indicado pelas Forças Armadas, como presidente da República. Algum tempo depois, Pinochet promoveu-se a capitão general do Exército, patente que somente o herói nacional Bernardo O'Higgins merecera.

Em 1988 foi realizado o plebiscito proposto na Constituição vigente. Pinochet havia sido indicado pelas Forças Armadas para concorrer ao novo mandato e o plebiscito determinou se ele deveria “Sim” (“*Si*”) ou “Não” (“*No*”) concorrer ao cargo, ao qual o povo respondeu negativamente. O governo teve que aceitar o resultado – em função da vigilância internacional sobre o plebiscito e do isolamento da ditadura chilena com o fim das outras ditaduras no Cone Sul – e eleições presidenciais foram convocadas pela primeira vez desde 1970. Patricio Alwyn, pelo Partido da Democracia Cristã, foi eleito com 55% dos votos, assumindo a presidência em 1990 e encerrando o período ditatorial chileno, que durou 16 anos e meio.

Em 1990, a partir de um decreto do então presidente Patricio Alwyn, foi criada a Comissão Nacional de Verdade e Reconciliação (CNVR), com o objetivo de esclarecer a verdade sobre as violações aos direitos humanos cometidas entre 11 de setembro de 1973 e 11 de março de 1990. O relatório desta comissão foi publicado em 1991⁵ – uma publicação de 2 mil páginas em 3 volumes – reconhecendo que os direitos humanos de 2.279 pessoas foram gravemente violados neste período.

Em 1992 a lei nº 19.123 criou a Corporação Nacional de Reparação e Reconciliação (CNRR) para determinar os casos que a Comissão Verdade e Reconciliação não conseguiu abordar em profundidade, assim como novos casos que se apresentaram. O total de vítimas reconhecidas oficialmente subiu para 3.195.

5 O relatório, dividido em 3 volumes, está disponível em formato PDF no site oficial do governo do Chile: http://www.ddhh.gov.cl/ddhh_rettig.html.

Destas, 2.008 pessoas foram mortas e 1.183 ficaram desaparecidas (sendo 4 casos nonatos).⁶ O governo chileno reconheceu também 38.574 pessoas qualificadas como exoneradas políticas, segundo a Lei 19.234 que regula o Programa de Reconhecimento ao Exonerado Político.

Para além dessas estimativas oficiais, há quem mencione mais de 40 mil mortos, 2 mil desaparecidos e um milhão de exilados durante o período ditatorial chileno (LITTÍN, apud MÁRQUEZ, 1986).

6 Documentação do Programa de Direitos Humanos, retirado do site oficial do governo chileno: www.ddhh.gov.cl/estadisticas.html

2. Memórias do Chile

História oral e memória estão intimamente ligadas: os entrevistados, ao narrarem suas vidas e os acontecimentos relacionados a ela, com suas impressões e opiniões dos fatos, o fizeram a partir de suas memórias pessoais. Ainda que as entrevistas tenham sido realizadas individualmente com cada colaborador e que as memórias aí evocadas sejam, portanto, memórias pessoais de cada indivíduo, essas memórias são também coletivas, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda de acordo com o lugar e as relações que a pessoa possui” (HALBWACHS, 2006).

Sendo as narrativas construções, elaborações, seleções de fatos e impressões, não são capazes de evocar os fatos em si, mas uma versão dos fatos, o que já gerou um debate sobre a validade da memória como fonte histórica. Atualmente, as “representações ou memórias coletivas tornam-se parte do conjunto histórico, como uma nova alternativa para compreender o passado” (RIBEIRO, 2007).

Nesta perspectiva, os trabalhos de história oral de vida não possuem como objetivo a veracidade dos acontecimentos de que tratam, mas sim saber como as pessoas que participaram de tais acontecimentos os qualificam: “o que mais vale em história oral de vida são as versões individuais dos fatos da vida” (MEIHY & HOLANDA, 2007).

Neste trabalho de história oral, portanto, pretendeu-se analisar e tornar públicas as versões e visões sobre os fatos que envolveram – e que envolvem ainda – o movimento migratório chileno ocorrido nas três últimas décadas do século XX, com as

consequências deste processo na vida desses imigrantes. Construiu-se assim uma versão coletiva da história recente do Chile.

2.1. Participação dos chilenos no mercado de trabalho e na vida política do país

Das três mulheres entrevistadas, duas falaram sobre sua participação no mercado de trabalho já nas décadas de 1960 e 1970, época em que eram ainda muito jovens: a colaboradora Berta começou a trabalhar aos 15 anos de idade e a colaboradora Marianne aos 17.

A participação dos chilenos em geral na vida política do país também era comum. Os chilenos eram politizados e conheciam as tendências políticas de seu país, sendo que este conhecimento e atuação não estavam restritos a uma determinada classe da sociedade ou à intelectualidade. Além disso, a filiação em partidos políticos e a militância fizeram parte da juventude de alguns.

Luís: Na minha adolescência eu voltei a *Talcahuano* para estudar [...] eu fui eleito secretário-geral do movimento estudantil dessa escola quando estava no segundo ano do curso técnico. (..) Com minhas inquietudes de dirigente, eu trabalhava por um partido político chamado Democracia Cristã, do qual fui indicado para fazer vários cursos de sindicalista.

Herminda: Eu lamento que perdemos a Austrália, pois acreditávamos que o novo governo, da *Unidad Popular*, ia conseguir *independizar* o Chile, uma ideia um pouco ilusória, coisa de jovens que éramos na época. Acreditávamos que a mudança de ideal e de política poderia melhorar a situação do nosso país, mas não sabíamos os bastidores, o que estava por acontecer.

Oswaldo: Eu sempre fui de esquerda. Nas eleições de 1970, votei por Salvador Allende. E o governo de Allende

foi péssimo. Foi péssimo porque fora de não deixarem-no governar, ele como presidente foi um horror. [...] Votei pelos partidos de esquerda que havia, pela *Unidad Popular*, não pela pessoa dele, certo?

Marianne: Eu passei um susto tão grande porque eu tinha o meu nome inscrito no partido da Juventude Socialista, eu achava que eu ia morrer, que iam me buscar em casa por eu ter o meu nome ali!

Pedro: Eu tinha tanto conhecimento nessa área que eu nunca fui mandado embora, independente do meu pensamento político, tanto com o pessoal de esquerda, que começou a comandar a firma, quanto depois com o pessoal de direita...

Berta: Eu sempre fui muito engajada com a política lá no Chile durante a minha juventude, eu fui até *presidenta* da ala juvenil do partido da Democracia Cristã. Posteriormente entrei em uma fase de descrença política, saí do partido e nunca mais militei. Mas minhas tendências sempre foram de justiça social.

Alejandro: Uma discussão que eu tinha com a minha mãe era o lado político dela [...] Eu nunca fui assim de frequentar partido político, mas as minhas ideias eram mais de esquerda e as ideias dela eram de direita.

2.2. Contexto social e econômico antes do governo da Unidade Popular

Percebendo que a história recente do Chile possui dois marcos – o governo da Unidade Popular (1970-1973), liderado por Salvador Allende, e a ditadura militar (1973-1990), liderada por

Augusto Pinochet – os pronunciamentos de nossos colaboradores sobre estes assuntos foram organizados de acordo com eles. Mas qual era o contexto social e econômico do país antes desses períodos?

É senso comum entre os chilenos utilizar as dificuldades do governo de Allende para justificar a intervenção dos militares no Chile. No entanto, ao observar o contexto antes desse período, que nos foi relatado nas histórias de vida, é possível perceber que os chilenos, em geral, já passavam por dificuldades econômicas e sociais anteriores a 1970.

Os pais da colaboradora Berta se separaram quando ela tinha cinco anos de idade e ela teve, então, que ir morar com umas tias de seu pai, provavelmente porque tais tias possuíam melhor condição financeira para criar e educar a criança. Além disso, como já vimos anteriormente, Berta começou a trabalhar muito jovem, aos quinze anos de idade.

O pai da colaboradora **Herminda**, “devido a mudanças de governo”, ficou sem trabalho durante a sua adolescência. A família, que antes vivia em um “lugar muito bonito”, teve que se mudar para um bairro inferior, onde tinham um terreno e construíram uma casa. A colaboradora avaliou que teve uma infância e adolescência muito bonitas, mas fica claro que houve uma queda no nível econômico da família:

Fui criada em um lugar muito bonito de *Concepción*, chamado *Parque Ecuador*. Tive uma infância muito bonita e uma adolescência bonita também, só que devido a mudanças de governo meu pai ficou sem trabalho e por isso a situação foi um pouco mais difícil na época da minha adolescência. Mas somado a tudo isso, já tínhamos um terreno, para onde nos mudamos e construímos uma casa, e assim seguimos vivendo em outro bairro.

O colaborador **Oswaldo** dividiu a sua vida em duas etapas: antes e depois da separação de seus pais. Isto porque, enquanto seus pais eram casados, ele tinha uma condição econômica muito

boa, seus pais lhe davam “do melhor”, estudou em escola particular e estudou música. Depois da separação, porém, quando tinha entre 12 e 13 anos de idade, passou algumas necessidades:

Somente um ano, no primeiro ano que eu fiquei sozinho com minha mãe e minha irmã, logo depois da separação de meus pais, não tínhamos nada em casa, só tínhamos uma garrafa de Coca-Cola, aí nos abraçamos e eu lhes disse: “última vez, isto aqui não passará nunca mais”. Graças a Deus foi dessa maneira. [...] Porque eu trabalhava de dia e às vezes eu trabalhava de noite também, trabalhava a hora que precisasse, sábado à tarde eu encerava o laboratório, passava uma esponja de chão para madeira, e tinha um negócio que a gente chamava de *chancho*, era um negócio que tinha uma escova retangular onde se colocava o pano para poder dar brilho nas tábuas... Era duro, 13 anos eu tinha!

A colaboradora **Marianne** contou que teve uma infância difícil, “uma infância muito dura, muito pobre, terrível”. Aos 17 anos, ela foi a escolhida entre os filhos da família para ir trabalhar na capital do país:

Tive que me mudar pra *Santiago*, a capital do Chile, fui morar na casa de uma prima de minha mãe e no verão ia visitar a minha família em *Linares*, mas eu não gostei nenhum pouco... Ainda tenho muito ressentimento disso...

O colaborador Pedro também teve uma origem humilde, seu pai era caseiro. Durante a sua juventude, prestou serviço militar e poderia ter feito o curso da Escola de Cadetes se seu pai tivesse condições de custeá-lo. Também começou a trabalhar jovem, antes dos 17 anos de idade, como operário em uma fábrica de pisos de madeira. Para fazer faculdade, trabalhava de dia e estudava à noite.

2.3. Contexto social e econômico durante o governo da Unidade Popular (1970-1973)

O governo de Salvador Allende foi lembrado em quase todos os relatos. Herminda falou sobre a esperança que ela e seu marido tiveram com a vitória de Allende e o início de seu governo. Luís, que era sindicalista, contou que teve contato pessoal com o presidente e que a parte sindical era muito bem atendida por ele. Osvaldo mostrou-se totalmente descontente com este governo e, como era administrador de uma padaria, narrou as dificuldades que os chilenos tinham neste período para adquirir produtos alimentícios básicos, tomando o pão como exemplo. Marianne, assim como Osvaldo, lembrou-se das enormes filas que faziam e do “mercado negro”, bem como da situação caótica do país:

Herminda: Saiu eleito presidente no Chile o candidato de meu marido, Salvador Allende, e decidimos ficar, imaginando que haveria uma melhora na situação laboral do país, acreditando que seria “*la solución para el trabajador*”. Mas não deu certo, não aconteceu o que esperávamos. Ao contrário, foi piorando...

Luís: Nesse período a parte sindical era mais atendida por Salvador Allende, a gente sempre estava em reuniões com ele, eu conhecia o presidente da República do Chile assim pessoalmente. Tive a oportunidade de estar com ele em três ocasiões em *La Moneda*, o palácio presidencial chileno.

Osvaldo: O Allende levou o país à desordem, à escassez, tomou medidas que na minha opinião não deveria. Isto é um pouco relativo entre chilenos, cada um tem seu pensamento. [...] Lembro que as pessoas para conseguir comprar pão tinham que estar numa fila enorme às quatro horas da tarde de um dia para receber o pão na manhã do dia seguinte. [...] No meu caso, dependendo da quantidade

de farinha que eu tinha, era o pão que eu fazia. Para comprar farinha, tinha que ir a lugar que se chamava ECA, Empresa de Comércio Agrícola, onde você ia e pedia cem sacos de farinha, eles viam o que você fazia e te davam cinquenta, aí você tinha que pagar antecipado esses cinquenta sacos e esperar. Era o maior problema, porque a farinha não chegava, não havia caminhões, quem transportava farinha eram os estudantes da *Universidad Técnica del Estado*. Então era um problema sério.

Marianne: No comecinho da década de 70 eu morava com aquela tia ainda, prima da minha mãe, porque também lembro quando a gente ia de madrugada nas filas pra comprar as coisas, na época de Salvador Allende. Nessa época era assim, por exemplo, diziam “em tal lugar vai chegar Omo”, aí a gente ia de madrugada nesse lugar fazer as filas pra comprar Omo, ou “em tal lugar vai chegar carne”, aí íamos. [...] A gente também ia muito no rio *Mapocho*, nos camelôs, comprar as coisas no mercado negro mesmo, o mais necessário tinha que comprar, um sabonete, um creme dental, e os caras vendiam caro pra caramba!

Virou uma bagunça tão grande, tão grande, tão grande... Eu saía pra trabalhar e tinha que voltar pra casa sem trabalhar, porque estava toda a bagunça no centro de políticos, de pedrarias, de bombas lacrimogêneas... Tinha uns pregos com várias pontas e que jogavam nas ruas, os “*miguelitos*”, enchiam as ruas de *miguelitos* pra furar os pneus de tudo quanto é caminhão, explodiam as pontes com dinamite, estouravam os reservatórios de água... Aí nunca se sabia se eram as pessoas da *Unidad Popular*, que era o partido do governo, ou se eram as pessoas do Partido Nacional querendo criar caos, só sei que quem pagava as consequências era a população, que ficava vários dias sem água, sem luz, sem trabalhar...

2.4. Contexto social e econômico durante a ditadura militar (1973-1990)

A respeito da ditadura militar instaurada em 1973, quase todos os colaboradores, além de mencionarem que ficaram desempregados após o início da mesma, relataram algum episódio ocorrido nesta época. Aqueles que se posicionaram a respeito da ditadura, afirmaram ser contrários a ela. Qual seria o posicionamento dos outros colaboradores? Não se sabe ao certo, pois o posicionamento que houve entre aqueles colaboradores foi voluntário, não houve uma pergunta formulada sobre este assunto aos entrevistados, uma vez que este não era o tema central da pesquisa.

Ainda assim, tal questionamento se mostra interessante por ser parte integrante da memória coletiva dos chilenos, entre os quais, em geral – e aqui relato observações do trabalho de campo – são visíveis três posicionamentos sobre a ditadura: (1) aqueles que são totalmente contrários; (2) aqueles que são contra as atrocidades que foram cometidas, mas entenderam-na como necessária e inevitável devido ao contexto anterior do país; (3) aqueles que são favoráveis à ditadura, independente das atrocidades que foram cometidas.

A seguir, algumas opiniões e episódios sobre o período:

Osvaldo: E quem me disser que não foi assim, que eu estou mentindo, pode fazer fila aqui na porta de minha padaria que eu deixo claro a todos! Porque aqui no Brasil tem alguns chilenos que dizem que não foi assim. Foi assim sim! Eu vivi isso. [...] Quem não viveu pensa que estou contando uma história, ou como já aconteceu aqui, já conheci muitos chilenos que querem passar um pouco menos... Mas não, a gente sofreu! [...] Eu vivi isso. Vivi porque eu trabalho, e trabalhei minha vida inteira, com uma coisa que chega a todo mundo, que é o pão. O pão que o chileno gosta de ter todos os dias, todas as horas.

[...] Então eu trabalhava com gente, trabalhava nas *poblaciones* em Chile, em lugares de baixa renda, via o sofrimento das pessoas.

Marianne: Todo mundo chorando e gritando, que desespero... Aí eu encontrei uma amiga minha, que era colega de trabalho, a Vicky, e falamos “pra onde vamos?”, como que íamos voltar a pé pra nossas casas? [...] Sorte que passou correndo um amigo dela que tinha um escritório aí no centro, na esquina da *Mackiver* com a alameda *Bernardo O’Higgins*, ele conhecia ela há muito tempo, então ele entregou a chave desse escritório pra ela, pra gente entrar lá e se esconder. [...] E era tanques, era bombas, era sirene... Tudo fechado, ninguém saía na rua, os carros sumiram, e os militares mandando todo mundo desaparecer: “corre, corre, corre”... Chegamos lá, entramos que nos jogamos pra dentro!

Oswaldo: *Allanar* significa entrar nas *poblaciones* e tirar as pessoas pra fora de suas casas, *allanavan* as casas, revistavam tudo. Um *allanamiento*, essa era uma palavra assim normal na cabeça do pobre lá.

Marianne: Os militares entravam nas vilas de madrugada, invadiam as casas, os *allanamientos*, e se achavam que tinham que levar alguém, eles levavam!

Alejandro: Lembro das pessoas com aquele medo do exército entrar na sua casa procurando algo, que isso era muito comum, eles entravam na sua casa de madrugada procurando alguma coisa, pegavam os homens e iam embora e nunca mais você via, entendeu? Esse era o maior medo, mas como minha família nunca foi nem sequer de ter leituras desse tipo, livros contra o governo, nada, então a gente não tinha medo de nada porque não tinha nada que temer também.

Herminda: E quando veio o Golpe Militar de 73 não ficou nada, as pessoas todas migraram, pelo menos da área em que trabalhava o meu marido, então ficou tudo desorientado, cada um saiu pra um lado!

Luís: Até que um dia, depois de duas ou três tentativas de pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida e que queriam que eu fizesse parte da nova Central de Trabalhadores que Pinochet estava formando, eu dizendo que não, que ia pensar, que não, que ia pensar... Até que um dia uma pessoa me disse: “é melhor que você renuncie a *Huachipato*, se retire, já que não quer colaborar com o governo”. Aí eu me retirei.

Berta: No ano que chegamos, em 78, ainda havia ditadura disfarçada aqui no Brasil, pois foi o ano em que Figueiredo foi nomeado presidente e Maluf governador de São Paulo. [...] E eu tinha saído de uma ditadura no Chile que era cada dia mais cruel, coisa que como recém-chegada pude sentir uma certa diferença, imagino que porque eram os últimos anos de um sistema que já tinha usado e abusado demais de seu poder.

Alejandro: Essas são algumas lembranças que eu tenho desse período de ditadura no Chile. Lembro da época do *Sí* do *No*, que foi a época que o Pinochet fez aquele plebiscito, colocou que *Sí* era para ele ficar ou *No* para ele sair. E era protesto direto, era violento o negócio, aquele cheiro de pneu queimado, o cheiro daquela bomba, você saía pra rua e sentia aquela pimenta ardida, o pessoal desligava a força e você via o helicóptero do exército em cima com um foco de luz procurando alguém fazendo alguma coisa...

Uma imagem que é coletiva ao povo chileno foi evocada pelos colaboradores Marianne e Alejandro: lembraram-se que era

comum naquela época, entre as pessoas que gostavam do governo militar, encontrar nas casas chilenas um quadro do ditador na sala.

Marianne: E no Chile tinha muita gente com esse respeito ao Pinochet, as pessoas tinham até um quadro dele na sala de suas casas!

Alejandro: Mas para se ter uma ideia, minha mãe tinha uma foto do Pinochet na sala!

Sem pretender confrontar as opiniões dos colaboradores, não se pode deixar de considerar que em uma entrevista de história oral, um momento formal e para um trabalho a ser publicado, a cautela dos entrevistados quanto às suas opiniões a respeito de determinado assunto é maior. Sendo a ditadura militar chilena uma das ditaduras mais brutais que houve na América Latina, admitir formalmente um posicionamento em seu favor não deve ser fácil, assim como posicionar-se contra e admitir os sofrimentos que passaram devido a ela.

O sociólogo Michael Pollak apontou como o “silêncio” pode ter razões bastante complexas em determinados assuntos: em face de uma lembrança traumatizante, o silêncio pode se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas, assim como as vítimas podem preferir guardar o silêncio por ser a lembrança traumatizante comprometedora para elas; abster-se de falar pode ser melhor do que se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão grave; razões pessoais também podem explicar o silêncio, por exemplo, de pessoas que querem poupar os seus filhos de suas feridas; uma situação ambígua e passível de gerar mal-entendidos pode levar ao silêncio antes de produzir ressentimento e contestações inesperadas; o silêncio também pode ser provocado pela angústia de não se ter encontrado uma escuta no momento em que se quis falar ou pelo medo de ser punido (POLLAK, 1989).

3. O movimento emigratório/imigratório

Luís Carlos Eleodoro Merino Román veio em 1975 para o Brasil, quando tinha 33 anos. Ele nasceu em *Talcahuano*, “na província de *Concepción*”, localizada na região de *BíoBío*. Com uma população de aproximadamente 164 mil habitantes, destacam-se nesta cidade a *Escuela de Pesca de San Vicente*, um centro educacional que existiu entre 1935 e 1970 e que teve vários nomes ao longo desse período, entre eles o de *Escuela Industrial y de Pesca de San Vicente*, citado por nosso colaborador em referência a onde ele estudou, e também a *Compañía Siderúrgica Huachipato*, onde ele trabalhou, “uma usina que é líder no mercado nacional chileno de aço”. Fizemos a entrevista em 2008, aos seus 66 anos de idade e 33 anos de Brasil.

Herminda Mercedes Caamaño veio em 1975, quando tinha 29 anos. Ela nasceu em *Concepción*, “cidade que fica ao sul de *Santiago*”, capital da região de *BíoBío*. Com aproximadamente 216 mil habitantes, destaca-se aí a *Universidad de Concepción*, onde nossa colaboradora iria cursar o curso de Oceanografia, se não tivesse vindo para o Brasil. Fizemos a entrevista em 2008, aos seus 63 anos de idade e 33 anos de Brasil.

Pedro Francisco Rojas Velden veio em 1977, quando tinha 33 anos. Ele nasceu em *Santiago*, mais especificamente em *Las Condes*, naquela época “um povoado que ficava perto da cidade”, atualmente uma das comunas que compõem a cidade de *Santiago* e um dos locais mais nobres do país, com belas casas, shoppings e centros financeiros. Fizemos a entrevista em 2009, aos seus 65 anos de idade e 32 anos de Brasil.

Marianne Fernandez Hazeldine veio em 1978, quando tinha 23 anos. Ela nasceu em *Gorbea*, uma comuna no sul do Chile, “perto de *Temuco*”, na região de *Araucanía*, com uma população de apenas 16 mil habitantes, aproximadamente. Posteriormente, mudou-se para *Linares*, “cidadezinha” de aproximadamente 78 mil habitantes localizada na região de *Maule*, próxima aos complexos termas *Panimávida* e *Quinamávida*. Fizemos a entrevista em 2009, aos seus 54 anos de idade e 31 anos de Brasil.

Berta Rosas Morales veio em 1978 para o Brasil, quando tinha 31 anos. Ela nasceu em *Viña Del Mar*, “uma linda cidade turística do Chile”, famosa por suas belas praias, casas e hotéis, localizada na região de *Valparaíso*. Com aproximadamente 287 mil habitantes, esta cidade é famosa também porque aí acontece todos os anos o Festival Internacional da Canção de *Viña Del Mar*, ou simplesmente “*Festival de Viña*”, um dos mais importantes eventos musicais da América Latina. Fizemos a entrevista em 2008, aos seus 61 anos de idade e 30 anos de Brasil.

Oswaldo Oyanel veio em 1986, quando tinha 33 anos. Ele nasceu em *Santiago*, capital e maior cidade do país, centro cultural, administrativo, industrial e financeiro do Chile, localizada na região metropolitana de *Santiago*. Com uma população de aproximadamente 6 milhões de habitantes, é também uma cidade turística, pois há aí vida noturna agitada, museus, conjuntos arquitetônicos, teleféricos e centros de esqui próximos. Fizemos a entrevista em 2009, aos seus 56 anos de idade e 23 anos de Brasil.

Alejandro Hormazabal veio em 1997, quando tinha 25 anos. Ele nasceu em *Santiago*, que é a capital chilena, mas passou parte de sua infância em *Chillán*, “uma cidade no sul do Chile”, localizada na região de *BíoBío*. Com aproximadamente 162 mil habitantes, a cidade é mundialmente conhecida porque aí encontra-se o complexo turístico e centro de esqui *Termas de Chillán*. Fizemos a entrevista em 2008, aos seus 36 anos de idade e 11 anos de Brasil.

As informações sobre os colaboradores são resumidas no quadro apresentado adiante:

Quadro de entrevistadas

| NOME | DATA ENTREV. | IDADE⁷ | ANO DE CHEGADA | OCUPAÇÃO |
|------------------------------|-------------------------|--------------------------|-----------------------|--|
| BERTA ROSAS MORALES | Jan. e Mai./2008 | 61 | 1978 | Secretária bilingue aposentada, professora de espanhol, agente cultural do Consulado chileno e integrante da Associação de Chilenos de Campinas. |
| HERMINDA M. CAAMAÑO | Mai./2008 | 62 | 1975 | Dona de casa. |
| ALEJANDRO HORMAZABAL | Out./2008; Out./2010 | 37 | 1997 | Professor de espanhol e integrante da Associação de Chilenos da cidade. |
| LUÍS E. MERINO ROMÁN | Mar./2009 | 66 | 1975 | Ex-sindicalista, metalúrgico aposentado, integrante do <i>Conjunto Folklórico Raíces de Chile</i> . |
| OSVALDO OYANEDEL | Ago./2009 | 44 | 1986 | Dono de padaria, onde faz e vende comidas típicas chilenas. |
| MARIANNE F. HAZELDINE | Out./2009 | 55 | 1978 | Dona de casa. |
| PEDRO F. ROJAS VELDEN | Nov./2009 | 65 | 1977 | Engenheiro aposentado e comerciante de materiais novos e usados. |

7 Idade do(a) colaborador(a) no momento da entrevista.

3.1. A emigração

Durante o período ditatorial chileno, que vigorou entre 1973 e 1990, o Chile passou por um difícil momento político, econômico e social, o que afetava diretamente a vida de seus cidadãos. Muitas pessoas foram obrigadas pelo Estado a abandonar o país, pois estavam sendo duramente perseguidas e corriam risco de vida, os chamados “exilados políticos”. Diferente destes, forçados a deixar o país, neste período muitos chilenos saíram voluntariamente em busca de melhores condições de vida em outros países, tornando-se assim emigrantes/imigrantes. Embora não tenham sido obrigados a efetuarem tal deslocamento, foram levados a isto pelas circunstâncias desfavoráveis em que se encontravam dentro do Chile. Não há, assim, como atenuar o peso do Estado sobre o movimento emigratório chileno durante as três últimas décadas do século XX, ainda que seja necessário fazer esta diferenciação entre o “exilado político” e o “emigrante/imigrante”.

Conscientes da história de seu país, cujo período ditatorial produziu milhares de perseguidos políticos, são os próprios chilenos que fazem essa diferenciação entre os exilados políticos e os emigrantes – sem necessariamente utilizarem esta nomenclatura – atribuindo razões econômicas e sociais às causas geradoras da emigração e razões políticas às causas geradoras do exílio. Diversas vezes durante o desenvolvimento da pesquisa, ao procurá-los para serem entrevistados, fui logo avisada: “mas eu não saí por motivo político”, como podemos notar nas falas dos colaboradores Alejandro, referindo-se aos seus tios, e Osvaldo e Herminda, sobre eles mesmos:

Alejandro: Eles vieram na década de 70, mas não foi por questão política, na verdade eles vieram por uma questão de oportunidade, porque naquela época o Brasil tinha um déficit muito alto de engenheiros e meu tio, que é engenheiro, ele veio...

Osvaldo: Essa foi uma das razões que me fez sair do Chile, eu estava cansado e quis vir pra cá [...] não foi questão política nem nada.

Herminda: Lembro que muita gente foi pro Canadá, a outra opção na época, e nós viemos pro Brasil. Não foi escolhido, mas uma opção que tivemos...

Segundo este ponto de vista, não há entre os colaboradores desta pesquisa nenhum exilado político, são todos emigrantes/imigrantes.

É por esta diferenciação também e por atribuírem sempre o fator político aos exilados políticos que alguns dos chilenos entrevistados não colocaram a ditadura militar como a causa principal da emigração que fizeram. No entanto, ao lermos suas histórias de vida, podemos considerar que o novo regime instaurado em 11 de setembro de 1973 foi a causa principal da saída do Chile de cinco deles, pois são visíveis o impacto e as consequências que o Golpe trouxe à vida dessas pessoas:

Berta: Até que um belo dia foi o Golpe Militar e o destino da gente começou a mudar, porque meu marido sim era muito engajado na política partidária e por conta disso ele foi demitido de seu emprego, foi um exonerado político mesmo. Enquanto eu continuei no Chile, ele viajou para outros países, Equador, Peru, procurando um lugar onde pudesse trabalhar.

Luís: Depois veio o Golpe Militar e aí eu comecei a ter problemas. Mesmo sendo democrata-cristão, pelo fato de ser dirigente sindical e militante. Até que um dia, depois de duas ou três tentativas de pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida e que queriam que eu fizesse parte da nova Central de Trabalhadores que Pinochet estava formando, eu dizendo que não, que ia pensar, que não, que ia pensar... Até que um dia uma pessoa me disse: “é melhor

que você renuncie a *Huachipato*, se retire, já que não quer colaborar com o governo”. Aí eu me retirei.

Herminda: Meu marido foi um dos primeiros que ficou desempregado no Chile depois do Golpe Militar.

Marianne: Depois do Golpe eu fiquei sem trabalho, todo mundo ficou sem trabalho na casa de meu irmão, era super difícil... Não tinha nem como procurar trabalho nessa época, porque muita coisa fechou, os comércios todos fechados, o que funcionava à noite antes já não podia funcionar mais, muita gente sem trabalho, uma pobreza muito grande no país, tudo muito limitado...

Oswaldo: Ainda era ditadura no Chile e eu estava cansado daquela situação. Eu não queria mais viver obrigado a fazer as coisas, não gosto que ninguém me imponha regras, por exemplo, o toque de recolher que havia. [...] Eu passei tudo isso numa idade entre 23 e 25 anos durante o Golpe, super jovem, e cortaram tudo o que eu queria, cortaram meu futuro...

Percebe-se nestas histórias de vida um “corte”, uma guinada, entre o antes e o depois da instauração do regime militar no Chile: os maridos das colaboradoras Berta e Herminda ficaram desempregados; o colaborador Luís, que era sindicalista, foi obrigado a abandonar sua atividade por não ter aderido ao governo e também ficou sem trabalho; a colaboradora Marianne, que vivia com a família de seu irmão, viu todos aí ficarem desempregados; e o colaborador Oswaldo, que não ficou desempregado após o Golpe, não suportou o autoritarismo do regime militar, embora o tenha tentado, pois decidiu pela emigração treze anos após o início da ditadura.

Assim, mesmo que muitos dos chilenos não atribuam diretamente ao Golpe e ao regime com ele instaurado a causa de sua emigração, por não terem sido perseguidos políticos e,

portanto, não serem exilados, a leitura desses relatos nos leva a discordar dessa postura. Podemos, então, atribuir à emigração empreendida por tais pessoas não somente as questões econômicas e sociais, mas também as políticas, embora a questão econômica tenha maior ênfase em suas explicações. Para tanto, a colaboradora Berta apresentou uma definição interessante: “Foi aí que começou a história do exílio econômico...”

A história do colaborador **Pedro** se distingue das outras porque ele não ficou desempregado no Chile e, diferente da maioria dos chilenos da época, não teve problemas econômicos. Justificou sua emigração na busca de “aventura” e “desafio pessoal”, e não por necessidade financeira:

E no Chile eu não estava desempregado nessa época, eu trabalhava numa grande empresa que era concorrente dessa daqui do Brasil, e eu estava bem lá, era encarregado de projetos da área de transformadores, já tinha meu apartamento e um carro zero, já tinha uma condição de vida razoável.

No entanto, ainda que não tenha ficado desempregado, presenciou a demissão de vários trabalhadores, e mesmo não tendo grandes problemas, não ficou imune às consequências da luta política existente no país:

Porque na época depois do Golpe era muita mudança de diretoria, de engenheiros, durava um tempo cada um. [...] Só que eu não terminei a faculdade, faltaram dois anos para eu terminar e por causa do Golpe de Estado que houve em 1973 eu perdi toda a minha documentação, as faculdades foram incendiadas pelos estudantes e pessoas de esquerda, que eram contrários ao Golpe.

O colaborador **Oswaldo**, que também não ficou desempregado, pois era dono de seu próprio negócio, viu sua padaria declinar, novamente em consequência da situação política: diversas

vezes não pôde abrir o seu estabelecimento, outras tantas não conseguiu entregar as encomendas aos seus clientes ou sequer chegar ao seu local de trabalho:

E era dos dois lados: eu tinha uma padaria que ficava perto do aeroporto e lá tinha um funcionário que às vezes me ligava dizendo: “Osvaldo, já passaram a avisar que se amanhã a gente abrir a padaria, queimam a padaria”. Aí passavam dois dias que não se podia abrir a padaria, que não se podia sair para entregar o pão. Muitas vezes eu chegava até certa parte e não podia continuar, às vezes eu estava a dez quadras da padaria e não podia passar: pedras de todos os lados, tudo o que se puder imaginar. Ou então eu com a caminhonete cheia de pães para fazer entregas e sem poder entrar nos bairros... [...] Então você começava a criar dívidas e a ter problemas, o banco não quer nem saber se houve concentração disso ou daquilo, no banco chegou o cheque, tem que estar o dinheiro. E aí começam seus problemas.

O colaborador **Alejandro** foi o único dos entrevistados que não contou nenhuma grande mudança em sua vida logo após o Golpe, pois tinha apenas um ano de idade em 1973. Ainda assim, usou-o como referencia cronológica para narrar sua história de vida:

Eu me chamo Alejandro Hormazabal, nasci em *Santiago* em outubro de 1972, um ano antes do Golpe Militar.

A emigração de Alejandro difere essencialmente das outras porque foi ocasional, resultado de um ato apaixonado e aventureiro, após vir ao Brasil em viagem e decidir-se por permanecer aqui. Já a emigração dos outros colaboradores – exceto do colaborador Pedro – foi ato pensado e premeditado, consequência direta da ditadura militar que deixou milhares de chilenos desempregados, como o marido de Berta, o marido de Herminda,

Luís e Marianne, ou insatisfeitos aqueles que, mesmo com dificuldades, tentaram resistir, como Osvaldo.

É possível ainda, em casos como os dos colaboradores Pedro e Alejandro, para os quais o Golpe de 1973 e seu governo não trouxeram grandes agravantes às suas vidas, enxergarmos uma influência indireta da situação política entre as causas da emigração que empreenderam, uma vez que não teriam saído do Chile se em outros países não estivessem residindo chilenos que emigraram como consequência do Golpe e da ditadura instaurada.

Não se trata de dizer, contudo, que o Chile estivesse em uma situação favorável antes de 1973 e que tudo mudou a partir desta data, provocando uma fuga em massa. As próprias narrativas dos colaboradores demonstram, em alguns casos, as dificuldades econômicas e sociais que já passavam muito tempo antes. Vimos em suas memórias coletivas que muitos chilenos tiveram uma infância e adolescência marcadas pelo baixo nível econômico da família, um período que não foi possível datar precisamente, mas seguramente anterior ao governo da Unidade Popular (1970-1973). Vimos que também no contexto deste governo o país passava por sérios problemas econômicos e sociais – gerados pela reação organizada da oposição e pelos confrontos entre a esquerda e a direita – todos eles ocasionando transtornos na vida de seus habitantes em geral. Mesmo assim, enquanto tiveram emprego e confiança, os chilenos não emigraram, é o que dizem as estatísticas e as narrativas desta pesquisa. Alguns até chegaram a cogitar a possibilidade da mudança de país antes de 1973, mas não a efetuaram:

Luís: Eu já tinha tido a oportunidade de sair do Chile no começo dos anos 70 para a Austrália, mas não fui.

Herminda: Com o tempo, novas mudanças bruscas de governo aconteceram e a situação foi ficando difícil no Chile, o que influenciou no trabalho de meu marido. No começo dos anos 70 já começamos a pensar em migrar, e ele entrou em um plano de emigração para a Austrália.

Quando já estava tudo certo para irmos, saiu eleito presidente no Chile o candidato de meu marido, Salvador Allende, e decidimos ficar.

Pode-se afirmar, então, que a emigração em massa entre os chilenos se deu após o Golpe, quando ficaram sem emprego e sem perspectivas de recolocação no mercado de trabalho nacional. Ao ficarem desempregados, muitos deles procuraram outro trabalho dentro de seu próprio país antes de apostarem na emigração como solução e por isto não saíram imediatamente após o Golpe. O colaborador **Luís** chegou a montar um negócio próprio:

Então comecei a formar um criadouro de frangos com um amigo, um compadre, começamos a criar pintinhos. Só que o negócio foi mal e o dinheiro começou a acabar.

O colaborador **Pedro** deixou claro como a recolocação no mercado de trabalho nacional chileno era conflituosa e por vezes impossível, dependendo da orientação política que tinham os trabalhadores e seus respectivos empregadores:

Eu tinha tanto conhecimento nessa área que eu nunca fui mandado embora, independente do meu pensamento político, tanto com o pessoal de esquerda, que começou a comandar a firma, quanto depois com o pessoal de direita.

O marido de **Berta** é um exemplo daqueles cujo posicionamento político levou à demissão, época em que as influências tornaram-se fundamentais:

Porque meu marido sim era muito engajado na política partidária e por conta disso ele foi demitido de seu emprego, foi um exonerado político mesmo. [...] Ficou dois anos em uma empresa que o pai dele tinha certa influência...

Ainda que quisessem, os chilenos não poderiam simplesmente esconder a opinião política que tinham antes do Golpe na

tentativa de alguma oportunidade empregatícia, pois, conforme vimos na análise de suas memórias, eram engajados e participativos na vida política do país, o que quer dizer que praticamente todos sabiam a opinião de todos. A emigração surgiu, assim, como possível solução para muitos.

3.2. A imigração

Antes de optarem pelo Brasil como lugar de destino, outros países foram cogitados para isso por nossos colaboradores: Austrália, Equador, Peru, Venezuela, Argentina, Canadá e Estados Unidos foram citados. Para explicar o porquê dessa opção, três motivos principais foram apontados, em alguns casos articulados entre si, em outros individualmente: a oferta de trabalhos que existia no Brasil em determinadas áreas naquela época, os contatos estabelecidos com familiares e/ou conhecidos chilenos que já estavam aqui e as facilidades da documentação:

Luís: E também tinha me interessado um pouco pela Venezuela, porque quando eu estive na Colômbia, num curso sindical para dirigentes cristãos, com a Venezuela ao lado, tive muito contato com venezuelanos. Depois que descartei a ideia de Venezuela, minha intenção era somente Argentina. Mas na Argentina nós chilenos éramos muito perseguidos, você entrava no país e todos sabiam quem você era, o que você tinha feito, porque estava ali. Em duas entrevistas que eu fiz não gostei, não tive a acolhida que pensava ter e não quis mais. E aqui no Brasil já havia familiares da minha esposa, que viviam em Santos. Além desses familiares, havia também alguns colegas do trabalho de *Huachipato* trabalhando em São José dos Campos.

Herminda: Então perdemos a oportunidade de ir para a Austrália e começamos a pensar em algum país latino-

americano. Pensamos no Equador e na Venezuela, que na época estavam bem. Só que estes dois países não nos davam segurança de permanência, primeiro teríamos que migrar como turistas e só depois saberíamos se a nossa situação se estabilizaria. Tentando encontramos o Brasil, que tinha bastante fonte de trabalho disponível nessa época e por isso estava recebendo migrantes. [...] Saímos com visto de permanência do Chile para cá, e isto foi o que nos deu segurança. [...] Lembro que muita gente foi pro Canadá, a outra opção na época.

Pedro: Eu já tinha tido vários convites de trabalho para outros lugares, nos Estados Unidos, por exemplo... [...] Aí um amigo meu, que já trabalhava no Brasil, me indicou. [...] Então eu já vim empregado de lá do Chile, com a documentação feita e a passagem de avião e estadia tudo pago pela empresa que me contratou no Brasil.

Marianne: Nesse tempo se escreviam cartas pra Chile, os chilenos contando nas cartas que aqui estava tudo muito bom, e assim foi vindo gente e mais gente de lá pra cá. [...] Quando meu marido veio pro Brasil ele não estava desempregado no Chile, ele até tinha um bom emprego lá, mas ele quis vir porque tinha vários amigos dele que já trabalhavam aqui e ele estava preocupado que pudesse vir a ficar desempregado no Chile.

Berta: Enquanto eu continuei no Chile, ele viajou para outros países, Equador, Peru, procurando um lugar onde pudesse trabalhar. Voltou pro Chile e ficou dois anos em uma empresa em que o pai dele tinha certa influência, até a ideia da irmã dele, que já estava morando no Brasil, ir um dia passar férias no Chile e convencê-lo a vir pra cá. Ela falou que aqui no Brasil tinha boas oportunidades de trabalho, que engenharia civil era muito aceita, e ele topou.

Oswaldo: Eu já tinha vindo pro Brasil no ano 79, passar um tempo com minha irmã e meu cunhado. Depois eu vim outra vez, a passeio, e gostei. E como eu sempre estive junto da minha irmã, como eu já não aguentava mais a situação no Chile, decidi vir para morar.

Alejandro: No ano de 1991 eu vim pela primeira vez ao Brasil. Eu já tinha família em Campinas, um tio e uma tia que moram aqui há mais de trinta anos. [...] Então em 1991 eu vim pela primeira vez ao Brasil, passar as férias na casa daqueles meus tios chilenos que já moravam aqui. Voltei em 1997 e fiquei.

Estão presentes aí as chamadas “redes de imigrantes”, que são redes de contatos estabelecidas entre novos imigrantes e imigrantes de um período anterior, constituindo uma continuidade nos processos migratórios. O estabelecimento dessas redes se dá aleatoriamente e é comum a todos os movimentos migratórios, e com os chilenos não foi diferente.

Ainda nestes trechos, nota-se que o planejamento e a decisão do ato de emigrar partiram predominantemente do lado masculino, sendo os homens os principais articuladores do processo migratório que, se não solteiros, envolveu toda a família – neste caso, o que podemos chamar de “família nuclear” ou “família conjugal”, isto é, o casal e seus filhos. A pesquisadora Samira Adel Osman notou em seu trabalho sobre imigrantes árabes em São Paulo a importância da família, pois entrevistou a primeira e a segunda geração de imigrantes e as vozes envolvidas se entrecruzaram partindo de um projeto familiar único (OSMAN, 1998). No caso da presente pesquisa, em que foram feitas entrevistas somente com membros da primeira geração de imigrantes chilenos, também foi possível notar a importância da família nos relatos, embora não seja possível tomá-la como atenção essencial de estudo. Ainda assim, podemos perceber que mais do que chilenos imigrantes, são também famílias imigrantes: em muitos casos, primeiramente os homens vieram sozinhos para o Brasil,

se estabilizaram e só depois vieram os outros integrantes da família. É interessante observar como os homens, em alguns trechos das narrativas, narraram na primeira pessoa do singular e as mulheres na terceira pessoa:

Herminda: Ele veio pro Brasil antes de mim, com três colegas, foram pro Rio Grande do Sul, onde havia uma proposta de trabalho. Ficou três meses trabalhando lá e não gostou, então ele voltou pro Chile. Ele veio no ano 74 e voltou em janeiro de 75 pensando que as coisas poderiam ter melhorado em nosso país, mas não. Então ele voltou pro Brasil.

Luís: Eu cheguei no Brasil em julho de 1975, em dezembro me mudei para Campinas e no dia 12 de fevereiro de 1976 finalmente encontrei um trabalho! A minha esposa e meus filhos chegaram um mês depois, em março.

Pedro: Eu trabalhei um tempo nessa firma de Jundiaí e depois eu recebi uma proposta de uma firma daqui da cidade de Campinas que dobrou o meu salário, daí eu vim para Campinas. Trabalhei três meses aqui e consegui um mês de férias pra ir para o Chile pegar a minha esposa, com quem na época eu não era casado ainda e com quem eu casei e tive três filhas depois: a Astrid, a Karina e a Vanessa, todas nasceram no Brasil.

Marianne: Nós namoramos três meses apenas antes de nos casar. Na verdade, eu já o conhecia há um ano antes do casamento, é que namoramos esses três meses e ele veio para o Brasil, ficou aqui um tempo e depois voltou pro Chile com um contrato de trabalho daqui, aí nos casamos e viemos pra cá.

Berta: Em fevereiro de 1978 ele veio para o Brasil sozinho, em maio ele já estava trabalhando em uma grande

empresa de Campinas e em junho mandou buscar a gente, eu e nossos dois filhos.

Oswaldo: Quando vim para o Brasil eu já estava casado, minha filha Paola tinha 11 anos de idade. Primeiramente vim sozinho, fiquei um ano sozinho, não conseguiria sair me arrumando com todo mundo.

A cidade de Campinas, elemento comum aos chilenos imigrantes desta pesquisa como lugar de estabilização e de estabelecimento no Brasil, não foi um lócus de atração direta a todos os colaboradores. Pode-se identificar um processo de deslocamento interno no Brasil entre alguns dos entrevistados antes de se estabelecerem ali: Luís passou por São José dos Campos, Santos, São Paulo e Bahia; o marido da colaboradora Herminda passou pelo Rio Grande do Sul, foi para o Chile, voltou para o Brasil e foi para Paulínia, cidade da região metropolitana de Campinas; Pedro passou por Jundiaí; Berta chegou em Campinas, foi para Salvador e lá morou durante 4 anos, então voltou para Campinas. Os colaboradores Herminda, Marianne, Oswaldo e Alejandro chegaram diretamente à cidade. Assim, Campinas é hoje local de uma colônia de chilenos no Brasil devido às oportunidades de emprego que aí encontraram e aos contatos que tinham os chilenos recém-chegados com outros chilenos que já estavam nesta cidade.

3.3. Experiências de adaptação

O trabalho no novo país, no início do processo migratório, também é tema que emerge predominantemente do lado masculino, mesmo entre as colaboradoras que já trabalhavam no Chile antes de virem para cá. Enquanto os homens narraram suas próprias experiências neste campo, as mulheres narraram as experiências de seus maridos. Percebe-se nestas experiências uma diferença

entre aqueles que já vieram empregados do Chile (caso do colaborador Pedro), aqueles que vieram com várias possibilidades de trabalho porque possuíam a formação tecnológica de que o Brasil necessitava na época (casos do marido da Berta e do marido da Herminda), e aqueles que vieram sem essa colocação (casos dos colaboradores Luís e Osvaldo). A trajetória destes últimos, nestes termos, se comparada à daqueles, pode ser considerada mais complicada inicialmente.

O caso de Luís é ilustrativo: decidiu vir tentar algo no Brasil com mais três amigos, colegas de seu antigo trabalho, e chegaram a São Paulo em julho de 1975. No dia seguinte foram à cidade de São José dos Campos, onde havia uma possibilidade de trabalho, mas cujo salário não lhes agradou. Decidiram então ir para Santos, onde já residiam familiares da esposa de Luís. Enquanto os colegas de Luís decidiram voltar para o Chile, pois ficaram desapontados no Brasil, ele decidiu ficar, afinal já tinha até vendido a sua casa lá no Chile. Longos 7 meses se passaram até que ele conseguisse encontrar seu primeiro trabalho. Ao longo desse período, sua jornada de sobrevivência não foi fácil: primeiramente ficou hospedado na casa de seus parentes em Santos e começou a procurar trabalho, “só que nada resultava”, então estendeu sua procura à cidade de São Paulo e ficou “um par de meses assim em Santos, São Paulo, Santos, São Paulo, Santos, Santos, São Paulo...”. Mudou-se para a cidade de Campinas, onde lhe disseram que havia mais possibilidades de trabalho do que em Santos, hospedou-se em uma pensão e recomeçou a sua busca. Encontrou seu primeiro emprego em fevereiro de 1976 e, aliviado, no mês seguinte pôde receber sua família – esposa e filhos – do Chile, os quais aguardavam ansiosamente a autorização para virem. A saudade e a dificuldade de terem ficado distantes neste tempo são percebidas no seguinte trecho:

Luís: Minha esposa cada vez que me escrevia dizia que estava vindo do Chile, que estava vindo, que não aguentava mais. Tínhamos três filhos nessa época, ficavam um pouco na casa do meu pai, outro pouco na casa da mãe dela.

Até que um dia ela me disse que já tinha terminado de receber o pagamento da nossa casa e que estava vindo.

Logo depois da reunião familiar, tiveram uma filha no Brasil, mas Luís ficou novamente sem trabalho, o que lhe gerou outros percalços. Chegou a ir para a Bahia “de carona em cima de um caminhão”, em busca de uma oportunidade. Em São Paulo, durante um teste empregatício, não soube responder em português, o que lhe impossibilitou a vaga de trabalho desejada:

Então voltei a São Paulo para fazer um teste, só que respondi tudo em espanhol, não sabia escrever em português! Aí a primeira pessoa que pegou a prova não entendeu nada, isso me deu raiva, piquei a prova e fui embora pra minha casa em Campinas.

Considerando que os métodos de sobrevivência em outra cultura exigem três fatores combinados: (1) negociação das tradições originais, (2) adaptação ao contexto e (3) persistência na edificação de novo padrão de vida (MEIHY, 2004), visualiza-se estes fatores nas trajetórias dos chilenos entrevistados:

1) **Negociação das tradições originais**⁸

O colaborador **Luís** forneceu-nos um exemplo belíssimo dessa negociação em sua busca por trabalho:

O mais difícil pra mim aqui no Brasil era a forma de se apresentar nas entrevistas, porque no Chile as pessoas quando vão procurar trabalho vão com sua melhor roupa, normalmente de terno. Então eu via avisos assim de “precisa-se de ajudantes de produção”, aí eu ia, mas ia de terno e gravata, com pasta de documentos de couro, essas coisas. Aí me olhavam e diziam “não, pra você aqui não

⁸ Entende-se, neste caso, tradição como sinônimo de hábitos e costumes nacionais.

tem trabalho, você ajudante de produção?”. Até que um dia eu decidi ir de calça jeans, uma camisa e minha carteira. Era para operador de grua, que aqui se chama operador de ponte rolante. Esse foi meu primeiro emprego no Brasil.

A colaboradora **Herminda** reconheceu que estava impondo uma tradição chilena à sua nora – o hábito de tomar chá, mesmo em dias de calor – o que já pode ser considerado uma negociação:

Eu não prestei atenção que estava impondo certas coisas a eles, à minha nora principalmente, por exemplo quando ela tomava *té* comigo em dias super calorentos!

O colaborador **Oswaldo** contou como mudou seu modo de se expressar no novo país. Segundo ele, é um costume chileno apelar as outras pessoas, principalmente de modo pejorativo, coisa que ele não pode fazer com os brasileiros, pois provocaria desentendimentos, mas que continua fazendo com seus amigos chilenos residentes no Brasil:

Outra coisa que eu tive que mudar é que lá no Chile as pessoas estão sempre colocando uma etiqueta nas outras, para todas as pessoas tem sempre uma etiqueta, te olham e te dizem: “*este es creído*”, “*este es hueón*”, “*este es pesado*”, “*este es cachetón*”, “*este es guatón*”, “*este es pelado*”... O chileno é assim, te olha e te rotula sem nunca ter falado com você, isso acontece desde pequeno. E nós temos a imaginação péssima lá no Chile. Eu sempre conversei disso com um chileno que vem aqui na minha padaria, sempre falamos das coisas que passamos no Chile, como nos comportamos quando estamos lá, então a gente brinca como diríamos em Chile certas frases, por exemplo, em vez de dizer: “você conhece a senhora da esquina?”, diríamos “você conhece aquela velha *hueona*, *guatonada* esquina?”! E nós dois morremos de rir disso!

2) Adaptação ao contexto

A questão do idioma esteve presente em quase todas as narrativas. Falantes do idioma espanhol, os chilenos no Brasil precisaram aprender o idioma português. Esta aprendizagem deu-se em diferentes tempos e níveis para cada um, mas o que importa é observar quais as dificuldades que eles tiveram no novo país e como se adaptaram.

As colaboradoras Herminda e Berta contaram que a questão do idioma já era uma preocupação antes mesmo de emigrarem:

Herminda: Meu marido tinha essa preocupação, ele não queria sair do Chile com sua família e chegar a um país desconhecido sem essa tranquilidade, principalmente no Brasil que o idioma era diferente.

Berta: Aliás, a questão do idioma foi uma das minhas preocupações antes de vir pra cá, eu ficava pensando “em que que eu vou trabalhar quando não falo o português?”.

Berta lembrou-se também da dificuldade de comunicação em seus primeiros meses no Brasil, a qual foi contornada com a ajuda de sua cunhada, chilena que estava há mais tempo aqui. Em outro momento, alinhou o idioma com sentimentos como a “saudades” e a “dor de estar longe” para explicar a solidão sentida assim que mudou de país:

Ela que já entendia português me acompanhou atrás de imobiliárias para alugar casa e me acompanhou a fazer compras. [...] Meus primeiros seis meses aqui no Brasil nunca vou esquecer, porque cheguei sem saber uma palavra em português e minha saudade, minha dor de estar longe...

Ao final de sua narrativa, provou a sua completa adaptação ao idioma informando que se formou na faculdade de Letras/Português. Antes disso, trabalhou como secretária bilíngue durante anos em uma grande empresa:

Foi uma grande barreira para mim, mas nunca desisti. No ano 85 eu comecei a trabalhar na parte de faturamento no Diário do Povo, antigo jornal de Campinas, até que soube que precisavam de alguém que falasse espanhol na Mercedes Benz, onde trabalhei como secretária de exportação durante 14 anos.

O colaborador Luís também contou da dificuldade que teve com o idioma em seus primeiros meses de Brasil, relatando que não conseguiu realizar um teste empregatício por não saber responder em português. **Luís** também se referiu a como os chilenos iam aprendendo o idioma em seus locais de trabalho, quando contou ter empregado vários chilenos em um restaurante do qual era proprietário:

Ajudamos muitos chilenos também: talvez quinze, vinte, vinte e cinco pessoas que passaram por aí trabalhando. Aprendiam o idioma e saíam a procurar trabalho em outra parte, porque eu também não tinha condições de oferecer um bom salário.

A colaboradora Herminda também relacionou a aprendizagem do idioma ao mundo do trabalho e assim justificou o fato de utilizar somente o idioma espanhol em seu dia a dia: como não precisou trabalhar, em sua casa sempre manteve o idioma de origem, onde “somente se *habla*”. Neste caso, Herminda não fez questão nenhuma de se adaptar ao idioma do país em que vive, pois estendeu a regra de só se comunicar em espanhol a todos que frequentam a sua casa: seus filhos, seus netos e até seu genro e nora é que tiveram que adaptar-se ao seu idioma, o que ela considerou “interessante” para eles, por terem a oportunidade de “conhecerem uma cultura diferente”. Informou que seus filhos, chilenos que vieram ainda crianças para o Brasil, falam perfeitamente o português, mas que ela ficou em um “impasse”: entende perfeitamente, mas prefere continuar falando o espanhol porque não gosta de expressar-se em um português não fluente.

Fora da privacidade de seu lar, porém, é visível um processo de adaptação ao idioma, pois seguramente teve que utilizar o português para fazer aqui no Brasil algo admirável: voltou a estudar, cursou novamente o que já tinha cursado nos colégios do Chile, “do primário ao secundário e com boas notas!”, e fez diversos cursos, por exemplo, o de instrumentadora cirúrgica.

Sobre a questão do idioma para os seus filhos em seus primeiros dias de Brasil, ela contou:

Herminda: Eu não sabia falar nada em português e fui atrás, perguntei onde tinha uma escola próxima e fiz a matrícula deles, numa escola estadual. Meus filhos contam que na hora do recreio era a metade do tempo eles falando em espanhol e a outra metade do tempo os outros alunos tentando entender-lhes, e que voltavam para a sala de aula sem conseguir entender o que diziam um ao outro!

A colaboradora **Marianne** não falou sobre o seu processo de adaptação à língua, mas referiu-se ao seu atual sotaque percebido pelas pessoas, mesmo morando há mais de 30 anos no Brasil, o que faz com que a identifiquem como uma não nacional:

Aonde eu vou, quando falo alguma coisa, já na hora me perguntam de que país eu sou, por causa do meu sotaque...

O caso do colaborador **Alejandro** é singular: não teve nenhum problema com a questão do idioma, pelo contrário, como gosta de estudar “línguas”, interessou-se pelo português de quando ainda morava no Chile e colocou o idioma do Brasil ao lado da comida, do clima, do povo e da mistura de raças do país para explicar por que se apaixonou por ele:

O idioma é uma coisa que eu já gostava muito, pra se ter uma ideia, eu aprendi português bem antes de vir pra cá, eu escutava uma rádio que era do Rio Grande do Sul só com a intenção de poder entender o português e eu também

lia Jorge Amado, que o meu pai tinha a coleção completa do Jorge Amado. Pelo fato de ter família aqui, a gente começou a ter contato com o português. [...]Aí eu vim pra cá de férias, pra conhecer o povo, ver como é que era o Brasil, e eu me apaixonei! Adorei o clima, a comida, o povo, aquela mistura de raças, a língua...

Alejandro conciliou sua facilidade em aprender línguas, seu gosto pessoal pelo português e seu idioma de origem para começar a dar aulas de espanhol no Brasil, atividade profissional a que se dedicou durante todos os anos que residiu aqui, ou seja, de 1997 a 2010.

Esta atividade profissional, lecionar espanhol no país de idioma português, tornou-se comum a vários chilenos residentes no Brasil, cujo trabalho pode ser, para alguns, um reforço ou complemento ao orçamento mensal já existente – caso de Berta, que é aposentada e dá aulas particulares de espanhol – ou, para outros, o próprio sustento – caso de Alejandro.

Pode-se concluir, assim, que a questão do idioma foi uma problemática inicial para os imigrantes chilenos, presente no início da adaptação ao novo país, e embora a diferença entre as duas línguas tenha ocasionado dificuldades para a maioria, nunca foi um empecilho para permanecerem no Brasil. Atualmente, não é nada que os preocupe.

É interessante acrescentar ainda que a questão do idioma nesta pesquisa não esteve presente somente ao ser citada nas narrativas, mas também nas fases de aquisição das entrevistas e de confecção do documento escrito: no processo de aquisição das entrevistas, sabia que meus colaboradores poderiam narrar em espanhol, em português ou em “portunhol”, de acordo com a maneira que simplesmente comesçassem a narrar, e isto não era algo que me preocupasse, por ser eu falante do português e do espanhol. Logo nas primeiras entrevistas já fui questionada sobre qual idioma deveriam narrar suas histórias de vida, se eu queria que “falassem” ou “*hablasen*”. A todos expliquei que deveriam narrar da maneira que ficassem mais à vontade, e o resultado

ficou assim: Berta narrou em português e utilizou muitas palavras e expressões do espanhol, Hermina narrou em espanhol, Alejandro narrou em português, Luís narrou em espanhol e com algumas palavras e expressões do português, Osvaldo narrou em espanhol, Marianne narrou em espanhol e Pedro narrou em português com muitas palavras e expressões do espanhol. Esta mistura de idiomas, por sua vez, influenciou no processo de confecção do documento escrito: finalizadas as transcrições e textualizações, fiquei em dúvida se na transcrição deveria ou não traduzir tudo o que foi dito em espanhol para o português, afinal, trata-se de um trabalho feito no Brasil e em uma universidade brasileira.

No livro *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (BURGOS, 1991), a autora optou por deixar na narrativa de sua entrevistada algumas das expressões indígenas por ela empregadas, a fim de tornar a narrativa escrita mais próxima da narrativa oral. Na pesquisa *Braços da resistência: anti-franquistas em São Paulo. História oral da imigração espanhola* (GATTAZ, 1995), o autor também se deparou com esta problemática do idioma e ponderou que não pretendia deixar todos os espanholismos da fala de certos depoentes, o que as tornaria mais próximas do espanhol do que do português, mas que também não era sua intenção eliminar todas as palavras ditas em espanhol, consideradas um indicador importante.

Tendo esses trabalhos como exemplo, optei por deixar as entrevistas em português e com algumas palavras e expressões do espanhol, a fim de deixar exposta a marca do idioma natal dessas pessoas presente em suas falas, principalmente os nomes de lugares, de instituições, de tradições e de termos ou expressões próprias do Chile. Tais palavras e expressões são facilmente identificáveis no texto e, por considerá-las compreensíveis, quando não explicadas na própria narrativa e pelo próprio narrador, não foram apresentadas traduções para elas.

3) Persistência na edificação de novo padrão de vida

Ao efetuarem a mudança de um país para outro, os chilenos não fizeram somente uma mera mudança de espaço físico, mas também mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais (SAYAD, 1998). Ao vivenciarem todas essas mudanças, assumiram o compromisso pessoal de edificar um novo padrão de vida no novo país, afinal, não foram mudanças fáceis. Este novo padrão é, assim, resultado da compensação que necessitaram para tudo o que abdicaram. No caso dos chilenos imigrantes desta pesquisa, não necessariamente a edificação de um novo padrão de vida esteve relacionada ao mundo do trabalho e do dinheiro. Esta não foi, aliás, uma questão sobre a qual os colaboradores falaram especificamente, mas algumas conclusões a partir da leitura de suas histórias de vida podem ser contempladas:

Herminda edificou como novo padrão de vida acompanhar o seu marido na mudança de um país para outro e continuar vivendo, no espaço de seu lar, como se vivesse ainda no Chile:

Nesse aspecto minha cabeça é mais chilena ainda... Eu praticamente sempre estou pensando em comida chilena, nos hábitos chilenos, até a forma que eu criei os meus filhos foi da maneira que se costumava fazer lá! Geralmente eu penso ainda nos anos 70. Não que eu vivo nos anos 70, mas que eu mudei de casa somente. Como não necessitei sair a trabalhar, mantenho uma vida como se sempre tivesse vivido no Chile!

Luís edificou como novo padrão de vida fornecer uma melhor condição econômica e social para sua família e mantê-la unida no Brasil, adotando como meio para isto o sustento familiar através de seu trabalho:

Porque viemos pensando “vamos ganhar muito dinheiro e depois de uns cinco anos voltamos pro Chile”, mas aí vimos que o que íamos ganhar era o mesmo que ganhávamos lá. Como eles não tinham vendido a casa deles,

resolveram voltar. Eu que já tinha vendido a minha, resolvi ficar. [...] E hoje estamos aqui! Todos os filhos estão crescidos e casados. Chegamos aqui no Brasil éramos cinco: minha esposa, nossos três filhos Luís Antonio, Patrício Alcides, Marialexi de Pilar, e eu. Cinco. Primeiro vim eu sozinho, depois minha esposa com nossos três filhos. Aqui tivemos mais uma filha, a Denisse Soledad, que é brasileira. Depois vieram os netos e uma bisneta: Natasha Karolyna, Patrícia Alejandra, Beatriz Soledad, Luís Eduardo, Pedro Henrique e Hermione. Então temos quatro filhos, cinco netos e uma bisneta. E os novos integrantes brasileiros: André, Ricardo, Luzia, Bruna e Alexi. Não posso deixar de homenagear minha eterna enamorada que me acompanha já há 45 anos, Íliadel Carmen.”

Pedro formulou como novo padrão de vida trabalhar no Brasil e ser muito bem remunerado para isto, afinal, se já estava empregado em seu país de origem e mesmo assim decidiu pela emigração, o retorno financeiro tinha que ser compensador. Exaltou em sua narrativa os conhecimentos que tinha na área em que trabalhava e os esforços que fez:

Eu trabalhei um tempo nessa firma de Jundiaí e depois eu recebi uma proposta de uma firma daqui da cidade de Campinas que dobrou o meu salário, daí eu vim para Campinas. [...] Quando vim para o Brasil eu comecei tudo do zero, vendi o que eu tinha lá no Chile e cheguei aqui com duas malas debaixo do braço. Fui para Jundiaí e numa semana fiquei num hotel que valia x, na outra num hotel que valia x-2 e depois num que era x-3!

Marianne formulou como novo padrão de vida prosseguir na melhora da qualidade econômica e social que passou a ter a partir do processo migratório. Em sua narrativa, percebe-se uma rotatividade em sua vida em termos de residência: durante a infância, morava na cidade de *Gorbea*, com sua mãe, seu pai

“ausente” e seus irmãos. Com a separação de seus pais, mudou-se com sua mãe e seus irmãos para outra cidade, na casa de seus avós maternos. Nesta época, residia durante a semana na casa de uma tia com sua irmã, para poderem ir à escola, e aos finais de semana e férias com sua família, na casa de seus avós. Aos 17 anos, mudou-se para Santiago contra a sua vontade, para poder trabalhar, e aí ficou residindo na casa de uma prima de sua mãe. Algum tempo depois, ainda em Santiago, foi morar com a família de seu irmão mais velho e, posteriormente, fez mais uma mudança antes de vir para o Brasil, quando foi morar com uma tia. Assim, a mudança de país significou para **Marianne** também uma ascensão social, pois pela primeira vez foi dona de sua casa e, além disso, deslumbrou-se com a oferta de produtos no mercado brasileiro:

Aqui era maravilhoso em 1978, tudo em abundância, tudo fácil de comprar, nós chegamos aqui e ficamos assim fascinados!

Berta edificou como novo padrão de vida cooperar na elaboração, manutenção e ampliação de atividades relacionadas aos chilenos residentes no Brasil, particularmente aos chilenos residentes em Campinas. Em sua narrativa, ela falou sobre a dor e a saudade que sentiu ao deixar o país de origem, principalmente em seus primeiros meses, durante os quais escrevia cartas imensas para toda sua família lá no Chile. Essa dor sentida por Berta ao “chegar num país estranho” e onde não tinha “nenhum familiar sanguíneo” fez com que ela se empenhasse na formação e manutenção de uma associação de chilenos em Campinas, a Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda, da qual é uma das “sócias fundadoras”. Para ela, esta associação substitui em parte a família que os chilenos deixaram lá no Chile:

Não somos de sangue, mas o fato de sermos chilenos, o fato de convivermos juntos, é como se essa comunidade

viesse substituir em parte um pouco a família que a gente deixou.

Além de sua participação nesta associação, Berta contou trabalhar voluntariamente no setor cultural do consulado chileno de Campinas e demonstrou amplo conhecimento e engajamento sobre os temas relacionados à emigração/imigração chilena. Entre os seus conhecimentos, destacam-se suas explicações sobre as festas típicas da colônia, sobre o que é *Une-Chile* e *Dicoex* e sua opinião a respeito da luta pelo direito a voto dos chilenos no exterior.

Osvaldo edificou como novo padrão de vida seguir trabalhando no Brasil no mesmo ramo em que já trabalhava lá no Chile, que era panificação, e viver à sua maneira, com liberdade e sem ter que viver “obrigado a fazer as coisas”. Para seguir com tranquilidade, elaborou uma estratégia mental:

Quando cheguei aqui no Brasil esqueci de tudo de lá, fiz uma lavagem cerebral em mim mesmo, não quis mais saber, eu pensava “*país de mierda*, que não serve para ninguém”. Servia para quem? Para militares e ricos.

Alejandro edificou como novo padrão de vida residir no Brasil e aqui trabalhar como professor do idioma espanhol. Em sua narrativa, ele deixou clara a “paixão” que sentiu pelo Brasil e pela nova profissão aqui descoberta, o que fez com que ele se empenhasse em seu projeto de cumprir o seu “sonho”. Ainda que tivesse algumas restrições financeiras, devido à instabilidade de sua atividade profissional, sua persistência durou até o momento em que constituiu uma família e sentiu-se responsável por ela:

Tô cumprindo o meu sonho. Assim como o brasileiro tem o sonho americano, de morar nos Estados Unidos. Qual que é a diferença: ele vai atrás de dinheiro. Eu não vim atrás de dinheiro, eu vim atrás do povo, eu vim atrás da língua, não queria dinheiro. Então não é uma questão de

trabalho, não é uma questão de dinheiro, que se fosse por dinheiro, sinceramente, o negócio caiu muito. [...] Agora sim ficar no Brasil vai começar a ser uma questão de dinheiro, porque agora eu vou ter uma filha, eu preciso priorizar certas coisas.

A persistência na edificação de um novo padrão de vida entre os emigrantes/imigrantes pode estar relacionada ao seu universo psicológico, pois muitas vezes eles são acusados pelos nacionais que não emigraram de terem abandonado o país, de não terem resistido, de não terem ajudado. Há casos também em que eles mesmos se sentem culpados de terem deixado o amado país de origem e, para ambos os casos, apontam diversas justificativas para sua emigração. Sentem também a necessidade de provar para si mesmos e para a sociedade em geral que o ato efetuado foi correto e que foram bem-sucedidos em suas trajetórias. Por vezes, chegam a construir o “mito do herói” para suas vidas: aquela pessoa que, apesar de todos os obstáculos enfrentados, ao final é vitoriosa. Sobre esta culpa que sentem alguns imigrantes, Sayad disse:

A presença aqui se deve muito à ausência lá; todo imigrante continua sendo um emigrante de algum lugar. Por mais justificada que seja a emigração, ou seja, a ausência, ela permanece sempre suspeita. Ela sempre contém, secretamente, aos olhos de todos (os próprios emigrantes, suas famílias, a sociedade como um todo) a suspeita da “traição”, da “fuga” e, no limite, de ser um “renegado” (SAYAD, 1998).

3.4. A questão da (in)documentação

Os colaboradores Alejandro e Luís apontaram uma problemática comum a milhares de imigrantes em todo o mundo, relacionada

à persistência na edificação de seus novos padrões de vida: a questão da (in) documentação. Esta questão esteve presente em quase todas as narrativas da pesquisa, mas somente esses dois colaboradores apresentaram-na como uma problemática pessoal.

Não coincidentemente, aqueles chilenos que já vieram empregados ou que possuíam a referida formação tecnológica que o Brasil necessitava na época e cujas profissões constavam nas listas dos consulados e embaixadas, vinham também com a documentação garantida para toda a sua família, isto é, com o “visto permanente”. As colaboradoras Herminda e Marianne contaram que vieram para o Brasil com este tipo de documentação, graças à formação profissional de seus respectivos maridos:

Herminda: Como ele tinha um curso técnico, saímos com visto de permanência do Chile para cá, e isto foi o que nos deu segurança.

Marianne: Quando vim para o Brasil eu já vim direto pra Campinas e vim com a documentação feita de lá do Chile, vim com visto permanente obtido com o contrato de trabalho de meu ex-marido. As empresas nessa época faziam uns contratos maravilhosos, a própria empresa se encarregava de comprar as passagens, alugar o apartamento, comprar móveis e um carro pro funcionário. Elas precisavam muito de mão de obra estrangeira nessa época, pois no Brasil não havia muitos profissionais...

Oportunidades diferentes tiveram aqueles que vieram sem essa documentação regularizada, isto é, com o “visto de turista”, para posteriormente serem “legalizados” segundo os preceitos da legislação brasileira. Assim vieram para o Brasil os colaboradores Luís e Alejandro e pode-se perceber a ênfase a esta questão em suas narrativas, ainda que tenham imigrado em datas distintas.

Vimos na história de vida de **Luís** sua difícil trajetória em busca de trabalho quando chegou ao novo país. Contribuiu para

tornar essa trajetória mais difícil a ausência da documentação regularizada, pois dificultava o seu acesso ao mercado de trabalho. Os momentos que mencionou em sua narrativa para lidar com esta questão devem ter sido comuns a milhares de chilenos residentes no Brasil. Inicialmente, ele começou a procurar emprego e necessitava para tanto uma carteira de trabalho, documento ao qual ele não tinha acesso sem estar regularizado no país. Resolveu, então, tentar contornar a situação de uma maneira usual e fora das regras vigentes:

Comecei a procurar emprego em Santos, só que nada resultava, porque a gente vinha do Chile como turista, sem documentação. Aí para poder trabalhar começavam os contatos com pessoas que vendiam documentos, teve uma vez que eu fui parar na Polícia Federal porque andava com uma carteira falsa.

Posteriormente, em uma ocasião em que já estava empregado, quase foi impossibilitado de permanecer no emprego, pois a empresa não poderia registrá-lo sem seus documentos pessoais:

Então no trabalho iam me demitir, iam passar os três meses de experiência e não iam me contratar se não chegassem os documentos. Nesse tempo, eu já tinha feito amizade com o engenheiro chefe do setor, o Dr. Edson Mendes Vieira, de vez em quando lhe levava um presente, um vinho chileno, ele sempre falava no departamento pessoal pra esperar mais um pouco.

Somada a todas as dificuldades, Luís se lembrou do deslocamento que tinha que fazer até a cidade de São Paulo, pois não existia naquela época uma sede da Polícia Federal, responsável pelo atendimento a estrangeiros nos estados da Federação, na cidade de Campinas. Sua preocupação com a questão da (in)-documentação era comum entre os imigrantes nesta situação:

Eu e minha esposa já tínhamos tentado várias vezes arrumar a documentação, inclusive depois com a certidão de nascimento da Denisse, minha filha que nasceu no Brasil, não conseguíamos. Meus papéis sempre voltavam, três vezes voltaram indeferidos, outras tantas me informavam que minha pasta com os documentos estava perdida... E aí eu tinha que fazer tudo de novo, eu pedia licença do trabalho e ia até São Paulo na polícia federal. [...] Na televisão a gente via alguns casos, por exemplo uma família de argentinos que lhes deram de prazo oito dias pra saírem do país, mesmo tendo filhos brasileiros. Lembro que vários chilenos se imaginavam assim...

Na história de vida de **Alejandro**, a questão da (in)documentação esteve presente em toda sua trajetória de imigrante e pode ser apontada como um dos motivos que o fez retornar ao seu país de origem: logo que Alejandro chegou ao Brasil, conseguiu um emprego, aliás, este foi um dos motivos que o fez ficar, pois sua imigração não foi um ato premeditado. Este emprego foi também para ele a descoberta de uma vocação profissional, que era “dar aulas” de espanhol.

Embora empregado, Alejandro nunca pôde obter um emprego formalmente “registrado” e que lhe garantisse direitos básicos dos trabalhadores, como 13º salário e férias remuneradas, devido à sua (in)documentação. Esta informalidade no trabalho impossibilitou-lhe também o acesso a uma casa própria e a um automóvel, pois não podia fazer financiamentos. Este fato não era algo que o preocupasse tanto, afinal ele não estava aqui por “dinheiro”, mas pelo seu “sonho”. A constituição de uma família, esposa e filha, após mais de dez anos residindo no Brasil, o levou a repensar seus projetos e retornar ao Chile:

Na verdade, eu tô indo por uma questão muito simples, não só pelo fato do trabalho, que trabalho eu tenho aqui, o que eu não tenho ainda é a segurança de poder ter um registro em carteira, de poder ter um 13º salário, de poder

ter umas férias remuneradas, de poder ter esses direitos básicos porque na área que eu trabalho aqui no Brasil, que é professor de espanhol em escolas de idiomas, não tem isso...[...] Então eu não tenho como comprar um carro ou uma casa, e isso até que não me incomodava tanto há um tempo atrás, só que agora eu tenho que pensar na minha família, na minha esposa e na minha filha, eu preciso ver o futuro dela.

É interessante notar neste trecho que Alejandro atribui a sua informalidade empregatícia à área em que atua, embora não possua a formação acadêmica de professor. Ainda assim, se Alejandro quisesse procurar emprego em outra área, não teria a documentação necessária e continuaria trabalhando sem registro em carteira, o que não lhe traria nenhuma vantagem em relação à atividade na qual já estava inserido e, fator fundamental, pela qual era “apaixonado”.

Antes de decidir pelo retorno ao seu país de origem, Alejandro teve outro problema relacionado à (in) documentação, “uma dor de cabeça” para registrar a sua filha que nasceu no Brasil em dezembro de 2008:

Porque quando ela nasceu eu ainda estava sem meus documentos e o pessoal do cartório não queria registrar minha filha sem que eu apresentasse o meu passaporte. Eles foram um pouco chatos nisso, que por lei ela tem o direito a ter a documentação, mas o cara do cartório queria o meu passaporte e eu só tinha a *identidad*, então eu tive que ligar pra várias pessoas pra me ajudarem, liguei pra Pily, que é uma amiga chilena, e ela foi a única pessoa que conseguiu resolver o pepino. Ela se fez passar por representante público e falou dos direitos humanos, aí o cara liberou, mas mesmo assim eles não queriam registrar a minha filha...

Com o nascimento de sua filha, Alejandro adquiriu o direito de obter o “visto permanente”, mas não o solicitou, uma

vez que já havia planejado o seu possível retorno ao Chile e que teria que pagar uma multa por estada irregular. Então optou pela anistia de 2009:

Logo que a Bruna nasceu veio a anistia e aí eu fui me recolher, eu e minha esposa, a Marcela, mas tiramos a documentação de “provisório”, porque a anistia não concede a “permanente”. Eu até poderia ter tirado a documentação “permanente” depois que a minha filha nasceu aqui no Brasil, mas como teria que pagar uma multa, eu tirei pela anistia mesmo.

A “multa” apontada por Alejandro figura entre algumas das lutas dos movimentos imigrantes em geral, que pedem maior rapidez nos procedimentos de regularização de documentação e a supressão de taxas e multas onerosas.

A preocupação que Alejandro carregou consigo ao longo dos anos de sua residência no Brasil – 1997 a 2010 – acerca dessa questão da (in)documentação foi tal que uma de suas primeiras providencias em relação à filha foi a organização da documentação dela:

Depois eu também registrei a minha filha no consulado chileno pra ela poder ter a dupla nacionalidade e de fato agora ela já tem as duas carteiras de identidade, a do Chile e a do Brasil, então ela entra no Chile como chilena e no Brasil como brasileira.

A situação pessoal de Luís e Alejandro referente à problemática da (in) documentação é comum a milhares de imigrantes no Brasil, chilenos e de diferentes nacionalidades, o que é também um paradoxo: em linhas gerais, para regularizarem a situação no país precisam comprovar um emprego formal e para conseguirem um emprego formal é preciso estar regularizado!

Vale lembrar que a política migratória brasileira atual é orientada pela lei nº 6.815 de 1980, que é amplamente criticada

por ser considerada uma lei ultrapassada, da época da ditadura militar brasileira e que reafirma o princípio da defesa do trabalhador nacional:

Consagração máxima do paradigma da segurança nacional, a lei vigente garante ao Estado a possibilidade de discriminar, punir ou ejetar, de distintas formas, qualquer estrangeiro que o Poder Executivo considerar como uma ameaça. Além de arbitrária, a lei da ditadura é obsoleta. Incompatível com o rol de direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988 e com o direito internacional dos direitos humanos, o Estatuto do Estrangeiro também não responde às necessidades econômicas dos imigrantes e do país. Não há controvérsia sobre a urgência de revogá-lo (VENTURA & ILLES, 2010).

3.5. A questão do retorno

A questão do retorno faz parte de todos os movimentos migratórios, uma vez que a emigração é tida por seus emigrantes como uma etapa provisória em suas vidas, pelo menos no início do processo migratório:

Só se aceita abandonar o universo familiar (universo social, econômico, político, cultural ou moral, quando não mental) ao qual se pertence “naturalmente”, só se aceita emigrar e viver em terra estrangeira num país estrangeiro (i.e., imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução (SAYAD, 1998).

Os chilenos, ao emigrarem, também planejavam retornar ao seu país de origem: tiveram como projeto se estabelecer durante

algum tempo no país que escolheram como destino e, finda a ditadura militar no Chile e/ou quando o contexto do país estivesse melhor, voltar para lá. Este período não estava pré-determinado, pois não sabiam quanto tempo duraria o governo ditatorial e nem quanto tempo levaria para melhorar o contexto do país de origem, mas idealizavam alguns anos apenas. A ditadura chilena, no entanto, demorou a acabar – foram mais de 16 anos – e o contexto econômico do país também não parecia melhorar, conforme relatou **Marianne**:

Então o Chile só foi começar a melhorar depois de uns 10, 12 anos que o Pinochet já estava no governo, por isso também que fomos ficando no Brasil, porque na verdade viemos com a intenção de voltar, nunca viemos pra ficar, mas a situação lá no país não melhorava...

Luís e Herminda fizeram o mesmo cálculo de ficarem apenas 5 anos no Brasil:

Herminda: A ideia quando viemos pro Brasil era ficar uns 5 anos e voltar.

Luís: Porque viemos pensando “vamos ganhar muito dinheiro e depois de uns cinco anos voltamos pro Chile”...

Duas explicações principais emanam das narrativas de nossos colaboradores para esclarecer porque não retornaram ao país de origem: com a passagem dos anos, eles foram ficando no Brasil, foram se adaptando ao país e constituindo uma nova vida e novos compromissos, como trabalho, filhos e netos; e o Brasil é apresentado como país hospitaleiro e conquistador, assim como os seus habitantes:

Marianne: Depois também minhas filhas nasceram, foram crescendo, indo à escola, fui me acostumando, me habituando, gostando das coisas daqui.

Herminda: Para mim foi bonito vir pra cá, uma experiência, nunca nos arrependemos. E assim se foi passando o tempo, faz já 33 anos que vivemos aqui. [...] Fomos ficando e nos adaptando, então realmente nossas raízes vão ficar aqui...

Oswaldo foi quem afirmou com mais afinco o desejo de retorno ao Chile, mas considerou que precisa fazer uma avaliação dessa possibilidade em termos econômicos. Como justificativa para retornar, apresentou a parte comercial no Brasil, que é “uma coisa louca”, e, principalmente, a violência existente no país: contou o caso de um chileno que retornou também por este motivo, cujo filho havia sido sequestrado, sendo que ele próprio teve sua irmã chilena assassinada por “bala perdida” aqui no Brasil:

Eu gostaria de voltar para o Chile. Quero ir morrer lá, não quero morrer aqui. Aqui no Brasil estou cansado. Eu gosto, mas estou cansado de estar aqui, quero estar um pouco lá. Se puder subsistir, irei. Primeiro tenho que fazer uma viagemzinha para ver se vale a pena voltar, se perceber que não poderei me manter lá, tenho que ficar aqui... [...] Eu não posso me queixar daqui, o que sim aconteceram foram coisas más, como a morte de minha irmã, coisas que te dão vontade de pegar as coisas e ir embora. Eu acho que você passa coisas aqui que nunca teria passado no Chile, e não estou falando em termos financeiros, mas aqui acontecem coisas absurdas! Um dia veio um chileno em minha padaria comprar *empanadas* e ele me mostrou as passagens de avião dele e de sua família, estavam voltando pro Chile depois de um susto que passaram aqui...

Berta também manifestou o desejo de retornar ao Chile, um pensamento que lhe é ocasional, ao mesmo tempo em que apresentou fortes motivos para a não realização desse desejo:

Às vezes eu penso que um dia eu quero voltar pro Chile, mas acredito que só quando eu esteja muito velhinha, quando já não possa fazer mais nada. O fato de meus filhos estarem aqui, os netos, são laços que são difíceis de cortar. Mas que eu tenho pensado que um dia vou voltar pro Chile, quando eu estiver muito velhinha, eu tenho pensado.

A posição atual dos outros colaboradores é a de que já não há mais a possibilidade de retornar ao país de origem, embora esta possibilidade tenha sido desejada e cogitada anos atrás. Admitir a permanência definitiva no Brasil exige que se avalie positivamente o processo migratório que empreenderam e o país que lhes foi receptor:

Pedro: Assim que eu vim pra cá, achei a acolhida no Brasil muito boa com o pessoal de fora e por isso não senti nenhuma diferença muito especial entre os dois países, eu me senti em casa e até hoje estou acostumado. Se alguém me fizesse uma proposta pra voltar para o Chile, eu penso cinco vezes.

Herminda: Hoje eu não penso em voltar a morar no Chile. [...] Nesse aspecto o Brasil tem sido um país generoso conosco, as pessoas são muito receptivas, acolhedoras, eu acho que os brasileiros são muito abertos e por isso eu considero muito o povo brasileiro em geral.

Nestes casos, uma comparação entre os dois países, Chile e Brasil, fornece motivos favoráveis à permanência definitiva no Brasil. Herminda avaliou que o clima do Brasil é melhor que o do Chile, por não gostar muito do frio, e que fizeram conquistas econômicas aqui que não teriam feito lá. Marianne avaliou que a economia do Chile, apesar de ser destaque na América Latina, é muito limitada e que se alguns chilenos retornassem ao seu país, dependendo de sua ocupação no Brasil, lá não teriam sucesso:

Herminda: Eu sempre dizia que se eu voltasse, iria para o norte, por causa do tempo frio do sul, de onde eu vim, que sempre fez mal para minha saúde. O clima do Brasil me conquistou, entre viver aqui ou no Chile, eu diria mais aqui. [...] E falando em termos econômicos, eu tenho quase certeza que não teríamos conseguido no Chile o que conseguimos aqui.

Marianne: Porque apesar de hoje em dia se dizer que o Chile é maravilhoso, que a economia está muito boa e etc., essas pessoas que estão aqui não conseguiriam trabalhar lá com o que trabalham aqui. Tem chileno no Brasil que trabalha com comércio, que trabalha com artesanato, um tipo de trabalho que lá não daria certo.

A narrativa do colaborador Alejandro apresenta um diferencial nessa discussão sobre a possibilidade de retorno por ele tê-la efetuado antes do término da pesquisa. Justamente ele, que era quem mais dizia não pretender e não desejar esse retorno ao seu país de origem, que afirmava ser “apaixonado” pelo Brasil e completamente adaptado a este país. É por isto também que foram feitas duas entrevistas com este colaborador, com um intervalo de dois anos entre elas.

Na primeira narrativa, Alejandro já havia delineado a possibilidade de retorno ao seu país de origem, mas diferente dos outros colaboradores, este retorno não seria efetuado devido a um desejo pessoal e sim por necessidade de reorganização de sua vida econômica. Na segunda narrativa, Alejandro já estava se preparando para retornar de fato e, ao mesmo tempo em que justificava sua decisão, demonstrava preocupação e estranhamento:

Alejandro: Hoje a situação mudou, mas ainda é aquela coisa, eu não vim com aquele interesse de ganhar dinheiro e voltar, tanto assim que eu moro aqui há mais de dez anos e eu não tenho nada, eu não tenho casa própria, eu não tenho carro. Pode ser que eu tenha que voltar pra

minha terra ou ir embora pra outro lugar onde eu possa pagar as contas e viver em paz. (Entrevista realizada em outubro de 2008)

Tanto que na data de hoje nós estamos praticamente voltando pro Chile, pra refazer a vida. É uma coisa que me deixa um tanto preocupado, porque eu moro há 15 anos aqui no Brasil, e eu como turista no Chile é lindo, maravilhoso, mas morar lá, não sei se vai dar certo. (Entrevista realizada em outubro de 2010)

Sobre o retorno, a pesquisadora Samira Adel Osman explicou a existência de dois mitos:

O mito do retorno sustenta-se na ideia de que a migração é um ato provisório e o retorno propriamente é tido como fato garantido, ainda que esse fato nunca se concretize. [...] Outro mito do qual se nutre o retorno é a concepção de que aquele que volta, volta o mesmo, como se o período transcorrido entre a partida e o retorno tivesse sido cristalizado e tudo tivesse permanecido em suspenso durante todo o processo migratório (OSMAN, 2006).

Alejandro demonstrou em sua narrativa consciência em relação ao segundo mito do retorno apresentado, não como mito, mas como a realidade do que lhe poderia acontecer neste processo de readaptação e reinserção a ser feito em seu próprio país de origem. Esta readaptação e reinserção são comuns de acontecer entre aqueles imigrantes que decidem retornar, pois após anos residindo em outro país, eles já não retornam a mesma pessoa e também não encontram a mesma realidade de quando emigraram. Em muitos casos, tornam-se imigrantes em seu próprio país, “gringos” em sua própria terra:

Alejandro: A gente se acostuma tanto aqui no país, que a última vez que eu fui pro Chile eu era gringo na minha

terra. Eu era um gringo na minha terra! Eu era chileno, mas pra mim tudo era novidade, por exemplo, o pouco que falava na TV de política, eu não entendia. O povo contava uma piada, eu não entendia. Mas se eu escutasse uma piada do Maluf, eu já ria. Então eu acostumei com o Brasil, com tudo. (Entrevista realizada em outubro de 2008)

É estranho, depois de 15 anos morando aqui no Brasil, eu vou chegar na minha terra e vai ser tudo novo pra mim: trabalho novo, vida nova, hábitos novos...(Entrevista realizada em outubro de 2010)

A preocupação de Alejandro com o seu retorno ao Chile, que pode ser chamado também de re-imigração, levou-o a formular um projeto para sua vida que é interessante de ser destacado, afinal, trata-se de um evento comum nos movimentos migratórios e exemplo de que a imigração não é fato acabado:

Nesse intervalo eu tenho que ver se eu vou me acostumar lá, se a Marcela vai se acostumar, se a Bruna vai se acostumar. E senão, a gente vem de volta, não vai ter jeito. (Entrevista realizada em outubro de 2010)

4. Dilemas da construção de identidade imigrante

Uma das problemáticas fundamentais que emanam dos trabalhos de história oral de vida e movimentos migratórios é o processo de adaptação e negociação identitária que os imigrantes têm de fazer no novo contexto ao qual foram inseridos.

Ao efetuarem a mudança de um país para outro, os imigrantes são portadores de valores de uma cultura original, a cultura do país da emigração, e chegam com esses valores a uma cultura diferente, a cultura do país da imigração. Para uma adaptação ao contexto, alguns de seus valores culturais de origem precisam ser revisados e até abandonados, ao mesmo tempo em que novos valores culturais vão sendo adquiridos, completando aqueles e por vezes provocando conflitos, o que exige uma negociação. Esses valores culturais nacionais são os formadores de identidade nacional dos habitantes de uma nação. Assim sendo, os imigrantes, ao negociarem seus valores nacionais culturais, estão, na verdade, negociando sua identidade nacional.

O sociólogo Zygmunt Bauman dedicou algumas de suas reflexões ao tema da identidade, explicando que esta não tem mais a “solidez de uma rocha”, sendo bastante negociável e revogável e dependente das decisões e dos caminhos que o próprio indivíduo toma. Assim, a identidade é construção, porque resultado de um esforço, de uma tarefa a ser realizada e que só aparece como tal quando o “pertencimento” não é mais uma condição sem alternativa. Sobre a ideia de identidade nacional, lembrou que ela não foi naturalmente gestada e incubada na

experiência humana, mas cuidadosamente construída pelo nascente Estado moderno e suas forças, sendo a ideia de pertencer a uma nação uma convenção arduamente construída. Na atualidade, entre os vários problemas conhecidos como “minha identidade”, a nacionalidade ganhou uma proeminência particular entre os milhões de refugiados e imigrantes que o mundo atual em rápido processo de globalização produz em escala bastante acelerada. Esses indivíduos se veem, portanto, na emergência de escolherem uma identidade entre as alternativas existentes e de lutarem por ela, embora em muitos casos lhes tenha sido negado o direito de adotar a identidade de sua escolha (BAUMAN, 2004).

O sociólogo Stuart Hall também escreveu sobre as novas identidades que estão surgindo na época do sujeito pós-moderno, sendo este um “sujeito fragmentado”, composto não de única, mas de várias identidades, algumas vezes identidades contraditórias ou não resolvidas. O sujeito pós-moderno não tem, assim, uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas diferentes identidades em diferentes momentos e uma nunca anulando a outra completamente. Sobre a identidade nacional, ainda que ela não esteja literalmente impressa em nossos genes, efetivamente pensamos nela como se fosse parte de nossa natureza essencial. Por isto que, sem um sentimento de identidade nacional, o sujeito experimenta um sentimento profundo de perda subjetiva. O autor apresentou ainda o conceito de “tradução”, que descreve as formações de identidade que atravessam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispensadas para sempre de sua terra natal. São pessoas que retêm forte vínculo com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado, sendo obrigadas a negociarem com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perderem completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas (HALL, 2005).

Entre os imigrantes, podemos observar que a identidade nacional tende a se sobrepor as suas outras identidades, pois o

que antes era uma ideia natural, entra em conflito com o surgimento de uma nova alternativa de identificação nacional. Pode-se dizer assim que “identidade imigrante” é a construção de uma nova identidade, baseada nos dois polos nacionais relacionados ao processo da emigração/imigração empreendida. Essa construção, no entanto, não é tão simples quanto possa parecer:

Expostos a uma outra cultura que os atrai, tendem a viver processos duplos de identificação. A adesão a outro meio, no entanto, não é absoluta nem harmoniosa, pois pede um relacionamento com os pressupostos da cultura original, de maneira a proceder a um diálogo que implica renúncias e escolhas, enfim, mudanças. [...] Mais do que a troca ou o uso simultâneo das duas identidades, o que se nota é uma negociação que aos poucos vai se instalando, sugerindo definições que substituam uma pela outra. (MEIHY, 2005)

A problemática apresentada neste trabalho foi verificar entre os chilenos entrevistados como se deu o processo de construção de identidade imigrante para cada um deles, analisando a negociação que tiveram que fazer entre os seus valores culturais originais e os valores culturais a que foram expostos. Esta análise se deu de acordo com as “redes” que foram estabelecidas durante a pesquisa.

Os chilenos emigrantes das três últimas décadas do século XX, porque pessoas com um drama comum, a experiência da emigração/imigração, vividos com intensidade e consequência relevantes, compõem uma “comunidade de destino”. Desta comunidade de destino, considerou-se todos os chilenos imigrantes residentes na cidade de Campinas/SP membros de uma “colônia”, pois formam uma coletividade ampla com uma comunidade de destino marcada. Assim, a cidade de Campinas possui uma colônia de aproximadamente 3 mil chilenos. Os chilenos entrevistados nesta pesquisa de história oral foram, por sua vez, divididos em duas “redes”, que são subdivisões da colônia e

que possuem argumentos plurais (MEIHY & HOLANDA, 2007). O estabelecimento das redes se deu após a percepção de que na colônia de Campinas existe uma comunidade que foi constituída ao longo do processo migratório e que esta gera uma diferenciação identitária entre os chilenos envolvidos nela (rede I) e os chilenos não envolvidos (rede II). Trata-se de uma “comunidade realmente existente”, ou seja, uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, a “comunidade imaginada”, mas que não é (BAUMAN, 2003).

Nesta perspectiva, dos sete imigrantes chilenos entrevistados, três pertencem à rede I e quatro à rede II. Foi na confluência dessas redes que pudemos observar, entre outros temas, uma história coletiva da colônia.

4.1. Rede I

Na história de vida do colaborador Luís, nota-se que as negociações culturais que ele teve que fazer em seus momentos iniciais de imigração estiveram relacionadas ao mundo do trabalho: vimos que ele precisou negociar uma tradição original chilena ao procurar emprego no Brasil e que, em outro momento, perdeu uma oportunidade devido à diferença de idiomas.

Mas o que mais se destaca em sua trajetória no Brasil, em termos identidade, é o seu engajamento cultural na colônia de Campinas: **Luís** contou que em 1984 comprou e montou um bar-restaurante tipicamente chileno, o “Recanto Chileno”, que foi um ponto de encontro entre os chilenos imigrantes da cidade de Campinas e um local para mostrar a cultura chilena aos nacionais: “Daí começamos a mostrar a nossa cultura para os brasileiros, os chilenos de Campinas se reuniam aí”. Em outro trecho de sua narrativa, percebemos que o local tornou-se, em algum momento, ícone da imagem chilena em Campinas, pois para aí se dirigiam muitos chilenos recém-chegados:

Ajudamos muitos chilenos também: talvez quinze, vinte, vinte e cinco pessoas que passaram por aí trabalhando. Aprendiam o idioma e saíam a procurar trabalho em outra parte, porque eu também não tinha condições de oferecer um bom salário. Mas quem passou aí encontrou o apoio que necessitou. Não tinham onde dormir às vezes, não tinham o que comer, chegavam com a passagem somente. Da rodoviária eram mandados pro Recanto. Muita gente chegou lá com a polícia também, conversavam com os policiais e eles diziam ‘ah, lá atrás do 8º Batalhão tem um restaurante chileno’.

Este espaço chileno em Campinas durou 15 anos e durante esse período foram organizadas pelo colaborador e sua família algumas festas comemorativas chilenas, festas de comemoração da Independência do Chile, chamadas *Fiestas Del Dieciocho de Septiembre*. O lugar deve integrar, assim, parte da memória coletiva dos chilenos da colônia relativa a meados da década de 1980 ao fim da década de 1990.

Luís também participou da fundação de um conjunto folclórico chileno na cidade, o “*Conjunto Folklórico Raíces de Chile*” e contou-nos como se deu essa fundação:

Em 1995, com um grupo de famílias chilenas de Campinas, fundamos o Conjunto Folclórico *Raíces de Chile*. Éramos sete famílias e nossa primeira apresentação foi na Escola de Cadetes de Campinas. Depois da apresentação fizemos um chá no Recanto Chileno, eu ainda tinha o restaurante, e a partir daí começamos a apresentar em vários outros lugares.

A participação nesse conjunto não se restringiu a Luís, mas abarcou grande parte da sua família no Brasil. Nota-se em um trecho de sua narrativa o alcance identitário do colaborador chileno em seus descendentes, até mesmo naqueles que nasceram aqui. Neste caso, a assimilação à pátria chilena, por parte de sua

família, pode ter sido tal que a nacionalidade chilena é estendida a todos, inclusive aos membros brasileiros:

Foi numa apresentação que fizemos no Memorial da América Latina em São Paulo, nesse dia eu acho que foi a primeira vez que subiram ao palco quatro gerações para apresentar o baile chileno no Brasil: estava a bisneta Hermione, a neta Natasha, Luís Antonio que é meu filho e pai da Natasha, e eu! Já existem muitos chilenos de quatro gerações em São Paulo, mas não que dançam em um grupo folclórico.

Atualmente, além de se dedicar às atividades do grupo folclórico, Luís trabalha com sua esposa fazendo comidas caseiras típicas chilenas por encomenda: “*empanadas, chilenitos, arrollados, pastel de choclo...*”.

Assim, percebe-se na história de vida de Luís a construção de uma identidade imigrante em que ele teve que negociar, principalmente em seus primeiros anos imigratórios, seus valores culturais para adaptar-se ao trabalho no Brasil. O colaborador, que no Chile era sindicalista e engajado na política, no Brasil tornou-se engajado na cultura chilena. Este envolvimento com a cultura de seu país de origem parece ter sido a saída encontrada por Luís para suprir uma necessidade pessoal de engajamento e para não sentir-se desenraizado devido ao movimento migratório empreendido. É o próprio colaborador que, durante uma avaliação de sua identidade imigrante, atribui ao seu engajamento na cultura chilena a predominância de sua identidade nacional de origem:

Talvez se eu nunca tivesse tido a oportunidade de fazer folclore do Chile, hoje eu poderia me considerar mais brasileiro do que chileno. Mas o fato de estar metido no folclore e na cultura chilena todas as semanas, o ano inteiro nesse baile, então nunca deixei o país de origem longe. *Tá* longe fisicamente, mas chega o fim de semana

estamos aí lembrando da *cueca*, do *baile mapuche*, do *baile de páscoa*, do *sur*, do *norte*...

Na história de vida da colaboradora **Berta** destaca-se todo o seu conhecimento, resultado de sua experiência migratória, sobre a colônia chilena de Campinas. Ela contou que em 1984 já haviam grupos organizados de chilenos na cidade que se reuniam para jogar futebol e organizarem festas comemorativas do Chile, como o “*Dieciocho Chico*” ou “*Dieciocho de Septiembre*”. Lembrou-se de ter participado nesta época de festas que foram organizadas por dois colaboradores da pesquisa:

Acho que participei da festa de independência num restaurante que tinha um chileno chamado Luís Merino. Participei também de uma festa em uma chácara organizada por outro chileno, o Osvaldo “da padaria”.

Em 1992, Berta participou da fundação de uma associação de chilenos em Campinas, a “Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda”. Berta contou um pouco sobre a trajetória desta associação:

Nossas primeiras reuniões foram feitas em uma lanchonete de um chileno que ficava no bairro do Castelo, mas que durou pouco tempo porque ele vendeu o local. Aí a gente transferiu para a minha casa, que por sorte naquela época tinha um porão, um espaço bom que deu pra fazer as reuniões pros ensaios do grupo folclórico. Depois de um tempo a gente já conseguiu alugar o primeiro local pra Associação, em frente à linha férrea de Campinas, uma casinha velha que começamos até a fazer reformas para adaptá-la um pouco mais às nossas necessidades. Também a prefeitura de Campinas nessa época cedeu-nos um lugar na avenida Campos Salles, acho que chamava Casa de Cultura, um prédio velhinho mas que tinha um espaço bom pros ensaios. Depois a gente se mudou

para uma casa perto do Bosque dos Jetiquibás, que alugávamos por um preço muito alto, só que conseguíamos pagar porque também montávamos um bazar em que vendíamos roupas usadas baratinhas em frente ao bosque nos domingos. Com o tempo, o aluguel lá nas nuvens, apareceu um chileno com um terreno no caminho para Sousas, distrito de Campinas, que é onde estamos atualmente.

Falando sobre as dificuldades de se manter uma organização cultural, Berta fez uma crítica aos chilenos residentes em Campinas que, segundo ela, não têm consciência de colaborar com a Associação e de participarem mais da “comunidade”. Contou que muitos chilenos gostam de ir à “festa da pátria em setembro, de Independência do Chile”, mas sua participação não passa disto:

Eles gostam muito da nossa festa, a gente trabalha como doidos muito tempo antes e no dia nem se vê as caras de tanta correria. Todo mundo vai à festa, “é muito boa, é gostoso vir aqui”, só que durante o resto do ano ninguém se lembra da Associação!

Outras atividades realizadas pela Associação de Chilenos de Campinas e citadas por Berta foram:

Ponto de encontro dos chilenos, almoços, festas típicas, a festa pátria em setembro, os ensaios do conjunto folclórico, aulas de espanhol, de português, enfim, todas essas atividades que fazemos em comunidade. E também é pra fazer a exposição da vida e da obra de Pablo Neruda, que é o nosso patrono. Nosso conjunto folclórico se chama Pablo Neruda.

Ao mencionar o nome do conjunto folclórico do qual faz parte, a colaboradora indicou neste trecho um ícone de referência cultural para os chilenos, que é o famoso poeta Pablo Neruda,

o qual já havia sido citado por ela em outro momento, junto à outra poetisa chilena, Gabriela Mistral, que também pode ser considerada ícone de referência cultural para seus conterrâneos.

Berta contou ainda um pouco sobre a trajetória em Campinas da festa de comemoração da Independência do Chile, chamada de “festas pátrias” ou “*Dieciocho de Septiembre*”, que é a maior festa organizada pelos chilenos, tanto no Chile quanto no Brasil, citando aí elementos que fazem da festa um lócus de estabelecimento e de fortalecimento de laços identitários do grupo:

Lá no Chile são praticamente três dias de festa, igual que o carnaval daqui, porque a independência do Chile foi ganha com uma guerra, o povo chileno lutou muito pra ser independente, acho que por causa desse orgulho da luta que houve é que a Independência é muito, muito comemorada pelos chilenos. Então onde tem chilenos essa festa não pode passar por alto! [...] Nosso maior evento na Associação é a festa de comemoração da Independência do Chile, também chamada “*Dieciocho de Septiembre*”. [...]

No primeiro ano que morei no Brasil, tinha um hotel em Campinas chamado *Holiday Inn* naquela época, *The Royal Palm Plaza* hoje, que tinha como gerente um chileno. E esse chileno fazia um almoço da festa de independência aí no hotel. [...] E quando eu voltei pra Campinas, já havia alguns chilenos que organizavam essa festa. [...]

Acho que participei da festa de independência num restaurante que tinha um chileno chamado Luís Merino. Participei também de uma festa em uma chácara organizada por outro chileno, o Osvaldo “da padaria”. [...] Depois, quando a Associação surgiu no ano 92, nós fizemos nossa primeira festa num clube e convidamos o conjunto folclórico Chile Lindo de São Paulo pra vir dançar. Daí pro ano seguinte a nossa *agrupação* já estava em plena ebulição, com o seu conjunto folclórico nascendo e crescendo, aprendendo as danças, Jorge Pérez foi nosso primeiro professor de dança, um homem muito bom. A festa

seguinte foi numa chácara em Hortolândia, já com o conjunto grande, bem estruturado, com bastante gente tocando e bastante gente dançando. [...]

Nossas festas pátrias sempre têm sido muito boas, o pessoal que vai à festa vai pra se divertir, assistir uma apresentação do nosso conjunto folclórico, dançar, comer *empanadas*, *humitas*, *pastel de choclo*, tomar vinho, tomar *borgoña*, *ponche*, *cola de mono*, que são comidas e bebidas típicas preparadas para essa data.

Sobre o consulado chileno em Campinas, onde a colaboradora trabalhava no setor cultural, Berta contou um pouco da sua história e algumas das atividades desenvolvidas aí:

Em 2002 foi criado o Consulado *Ad Honore* do Chile em Campinas. Em São Paulo já existia o Consulado Geral e o Consulado Adjunto, e este de Campinas é uma conexão com o de lá. [...] E nosso trabalho tem sido bom, já fizemos vários eventos relacionados com a cultura chilena. Para a inauguração do Consulado trouxemos Roberto Bravo, um pianista excepcional que tem no Chile, que se apresentou no Centro de Convivência Cultural de Campinas. A primeira exposição que fizemos também foi nesse local, sobre a vida e a obra de Pablo Neruda. Fizemos uma exposição dos 30 anos da morte de Salvador Allende, no Lago do Café. Além de outras exposições que temos feito na Unicamp, na PUCC, em algumas universidades da região.

A narrativa de Berta forneceu, assim, vários elementos para o esboço de uma história coletiva dos chilenos de Campinas. Não se trata de uma história oficial – tampouco é este o objetivo aqui proposto – mas seguramente é um ponto de vista sobre a organização da colônia de chilenos em Campinas e que deve ser valorizado. Obviamente, sendo a colaboradora integrante da Associação de chilenos, ela narrou suas memórias relacionadas a este grupo

e de acordo com a posição que possui. Além disso, lembrou-se da comemoração organizada pelo colaborador Luís em seu Recanto Chileno, assunto que já foi abordado, e também de uma festa organizada pelo colaborador Osvaldo, assunto a ser abordado na rede II.

A colaboradora Berta, dessa maneira, construiu para si uma identidade imigrante que, baseada em todas as atividades que desenvolveu ao longo dos anos na colônia chilena de Campinas, seja na Associação, onde além de ter participado desde a sua fundação, participa cantando no conjunto folclórico, seja no consulado, onde desenvolve atividades culturais, seja na participação em outros âmbitos, como em congressos e na Une-Chile, em todas essas atividades a preservação dos valores culturais chilenos foi uma preocupação constante. Para ela, a situação de emigrante/imigrante chilena resultou em um grande saber sobre o seu país de origem:

Eu sei muito mais do Chile hoje, estando fora, do que poderia saber estando lá dentro. Sei muito mais sobre tudo o que você perguntar, quanto a lugar, quanto a clima, quanto aos seus prêmios Nobel de literatura...

Além do aprendizado, Berta achou importante não só manter as “raízes”, mas também repassá-las aos descendentes. Nesse trecho, a colaboradora narra a influencia dos pais imigrantes sobre a geração seguinte:

No ano passado foi feito um concurso de *cueca* em São Paulo e o casal vencedor viajou pro Chile para competir com mais 10 países, e o casal daqui do Brasil ganhou o 1º lugar! Os dois nasceram aqui, mas são filhos de chilenos, e foram lá e ganharam o campeonato da dança nacional chilena, isso é um orgulho pra gente, de ver as crianças que nascem fora do Chile e que conseguem pegar o que os pais estão passando. E inclusive esse que é também nosso intuito na Associação, de poder transferir aos filhos

nossas experiências, nossas idiossincrasias, nossas raízes. Temos conseguido com alguns, não com todos, mas sempre há uma sementinha, temos que estar sempre plantando uma sementinha...

Em sua avaliação sobre a sua condição de imigrante, não se desconheceu como tal, inclusive ao longo de sua entrevista ao usar diversas vezes o termo “emigrante” para narrar a sua trajetória. Ao final, avaliou o seu processo migratório como um aprendizado:

Na realidade, a emigração só me fez bem para crescer como pessoa. Muitas experiências de vida, muita coisa que tive que sobrelevar, que passar por cima. E quando eu viajo pro Chile, eu mato toda a minha saudade, como tudo o que aqui não tem, danço *cueca* com meus sobrinhos, canto... Na vida tudo é um aprendizado. Eu acho que a minha vida de emigrante me ensinou muita coisa, muita coisa nova, e que de repente até agradeço a Deus por isso também!

Na história de vida do colaborador **Alejandro** nota-se uma negociação identitária em torno do ser chileno e sentir-se brasileiro: “Eu acho que nasci brasileiro e não sabia!”. Por gostar tanto do Brasil e estar tão adaptado ao país é que Alejandro sente-se brasileiro, o que faz com que ele não se considere um imigrante. Em sua narrativa, no entanto, reconhece sua condição de chileno no Brasil, fazendo uma distinção entre os nacionais e ele, que “é de fora”, que não nasceu aqui. Percebe-se, então, que Alejandro sente-se brasileiro sem esquecer a sua nacionalidade de origem:

Há 12, 10 anos atrás eu me considerava um imigrante, hoje não. Hoje eu sou mais um, eu sou mais um... É por isso que às vezes eu até fico revoltado com o povo daqui, porque eu que sou de fora faço coisas que o povo deveria

fazer e não faz, por uma questão de cultura, por uma questão de costume. Por exemplo, eu já vi muito cara pulando roleta de ônibus pra ir num pagode, mas eu nunca vi pulando roleta pra ir na biblioteca. Então não vem falar pra mim que o governo tem a culpa não, grande parte é nossa também! Por isso que às vezes eu brigo por essas coisas, apesar de que eu tenho plena consciência de que eu não nasci aqui.

Esta diferenciação lhe é lembrada também pelos nacionais, que não admitem críticas de um “estrangeiro” às realidades do país, o que demonstra questões referentes a preconceito e aceitação:

Eu já escutei papos como “você não tem nada que falar, você não é daqui”, ou sei lá, “o que você tá fazendo aqui? Vai pra sua terra”, mas são poucos, eu não posso generalizar todo mundo por causa de uns ignorantes. Então eu não dou bola, eu vou pra frente e pronto, não tô nem aí!

Como Alejandro não teve que fazer grandes negociações culturais com a imigração empreendida, porque decidiu ficar no Brasil por vontade própria e não porque outras condições o obrigaram, não teve problemas de adaptação cultural. Teve problemas sim relacionados à imigração, como a questão da (in)documentação, mas não se trata de um problema de adaptação cultural. De tão identificado com o Brasil, o estranhamento que deveria ter tido aqui no início de seu processo imigratório, sentiu em seu país de origem durante uma viagem e foi este estranhamento que lhe provocou receios quando decidiu retornar ao Chile:

A gente se acostuma tanto aqui no país, que a última vez que eu fui pro Chile eu era gringo na minha terra. Eu era um gringo na minha terra! Eu era chileno, mas pra mim tudo era novidade, por exemplo, o pouco que falava na TV de política, eu não entendia. O povo contava uma piada,

eu não entendia. Mas se eu escutasse uma piada do Maluf, eu já ria. Então eu acostumei com o Brasil, com tudo. [...] É uma coisa que me deixa um tanto preocupado, porque eu moro há 15 anos aqui no Brasil, e eu como turista no Chile é lindo, maravilhoso, mas morar lá, não sei se vai dar certo.

No Brasil, Alejandro participava da Associação de Chilenos Pablo Neruda, um lugar de manutenção dos valores culturais chilenos e sobre o qual ele demonstrou grande estima. Percebe-se no seguinte trecho a completa identificação dele com o grupo e com a cultura de seu país de origem, sendo o único momento em sua narrativa em que ele se reconhece como chileno não apenas porque nasceu lá:

Mas eu tenho um lado bem chileno também, que é a minha participação ativa na Associação de Chilenos Residentes em Campinas Pablo Neruda. Por gostar de música, eu sempre participei aí na parte musical, eu toco vários instrumentos e hoje eu sou o diretor musical. Como funciona: durante um ano inteiro, praticamente todo domingo tem ensaio. Todo domingo é sagrado, não tem conversa! Tem que gostar muito porque é um sacrifício.[...] É o único local onde a gente fala a nossa língua, apesar de que tem muitos brasileiros que participam também, então a gente mistura português e espanhol, vira meio que bagunça, mas é o único local onde a gente faz aquilo e faz com vontade mesmo, de mostrar a cultura do nosso país.

Pode-se concluir, assim, que a identidade imigrante de Alejandro se assenta em um processo duplo de identificação entre o Chile e o Brasil. O Chile porque é o país onde ele nasceu, é o país de sua identidade nacional de origem, identidade esta que é reconhecida por ele e por outras pessoas, e o Brasil é o país com o qual ele se identifica e onde se sente bem para morar, é o

país também onde gosta de mostrar sua identidade cultural chilena. Completamente adaptado à cultura brasileira, este fato faz com que ele não se sinta um imigrante.

4.2. Rede II

Na história de vida da colaboradora **Hermina**, verifica-se que a manutenção de uma identidade nacional chilena permeou a sua narrativa. Hermina explicou que esta manutenção foi possível porque não precisou sair do âmbito de seu lar para trabalhar, pôde seguir a sua vida normalmente em sua casa tal qual seguia lá no Chile:

Geralmente eu penso ainda nos anos 70. Não que eu vivo nos anos 70, mas que eu mudei de casa somente. Como não necessitei sair a trabalhar, mantenho uma vida como se sempre tivesse vivido no Chile!

Para Hermina, manter praticamente a mesma rotina que tinha no Chile foi um processo natural, pois pôde seguir utilizando em sua casa o idioma espanhol e alguns costumes chilenos, como a maneira de criar os seus filhos e as comidas: “*cazuela, carbonada, pastel de choclo, picarones*”. Mostrando que se adaptou sem perder suas autenticidades, a colaboradora advertiu:

E sempre gira em torno disso, se dirão que eu só faço as comidas que gostamos os chilenos, não é verdade, eu também faço comida brasileira, sempre tem o arroz e o feijão para os meus filhos, afinal eles sim entraram no ritmo brasileiro: meus filhos cresceram, saíram a trabalhar, se casaram com brasileiros, então alguns hábitos também mudaram.

Sobre a sua condição de imigrante, Hermina disse:

No fundo eu me sinto um pouco dividida, é tão natural, ou seja, eu sou chilena, mas sou um pouco brasileira. Não sei se posso dizer brasileira, mas eu não me considero uma imigrante. No dia que saímos do Chile sim, pela situação, foi uma migração que tivemos. Só que eu nunca me senti fora de casa, viemos para cá e seguimos vivendo normalmente. Como meu marido já chegou empregado, eu simplesmente ficava em minha casa, não tinha aquela obrigação de ter que dar-me a entender a outras pessoas, eu seguia a vida naturalmente dentro da minha casa. [...] Hoje estou completamente adaptada.

Herminda construiu, assim, uma identidade imigrante em que manteve naturalmente a sua identidade chilena, porque não precisou renunciar a hábitos e costumes de seu país devido à mudança de local. Novos hábitos e costumes brasileiros também foram assimilados naturalmente, sem nenhuma pressão ou obrigação, mas porque quis. Considera-se completamente adaptada porque não sofreu com a mudança de local e, estabelecendo uma comparação entre os dois países, avaliou que o Brasil foi um “país generoso”, assim como a cidade de Campinas, o que faz com que ela se sinta grata:

E falando em termos econômicos, eu tenho quase certeza que não teríamos conseguido no Chile o que conseguimos aqui. Nesse aspecto o Brasil tem sido um país generoso conosco, as pessoas são muito receptivas, acolhedoras, eu acho que os brasileiros são muito abertos e por isso eu considero muito o povo brasileiro em geral. [...] Já vivemos em outras cidades, mas Campinas sempre foi acolhedora e foi onde fomos ficando.

Na história de vida do colaborador **Pedro** não foram encontradas dificuldades de adaptação cultural no Brasil. Pode-se dizer que ele não encontrou essas dificuldades por já ter imigrado de maneira resolvida: veio com o emprego garantido de lá do

Chile, um local para ficar e a documentação “em ordem”. Além disso, sentiu a “acolhida” no Brasil muito boa com o “pessoal de fora” e disse que devido a isto não sentiu nenhuma diferença muito especial entre os dois países:

Assim que eu vim pra cá, achei a acolhida no Brasil muito boa com o pessoal de fora e por isso não senti nenhuma diferença muito especial entre os dois países, eu me senti em casa e até hoje estou acostumado.

O único momento em que ele contou alguma dificuldade relacionada à imigração foi ao falar do falecimento de sua mãe e a “dor” sentida por não estar presente antes desse fato:

Uma dor muito grande que eu tive e sinto até hoje foi quando minha mãe faleceu, eu estava no Brasil e tive que fazer uma viagem repentina para o Chile...

Pedro contou que não é frequentador assíduo da “colônia chilena que se reúne bastante” de Campinas, mas que gosta de participar ocasionalmente, em “grandes eventos” como as “*fiestas pátrias*” ou para assistir aos jogos da Copa:

Em Campinas tem uma colônia chilena que se reúne bastante, mas eu só participo de vez em quando, para grandes eventos como as *fiestas pátrias* ou os jogos da Copa, que o pessoal vai se encontrar num lugar para assistir o jogo da seleção chilena e eu vou!

Neste caso, assim como o futebol no Brasil é marcador de identidade nacional para os brasileiros, o colaborador Pedro também demonstrou engajamento com a sua nacionalidade chilena durante os jogos da Copa, ao contar que ia torcer pela seleção chilena.

Sobre a sua condição de imigrante, Pedro reconheceu que teoricamente o é, mas não se considera, porque se identifica com

o Brasil. Atribuiu à sua documentação “toda em dia” a justificativa para não ter a nacionalidade brasileira e também não ser um imigrante:

Não me considero um imigrante, apesar de que teoricamente seria um, mas não me considero... Eu me considero ainda chileno assim como me considero um pouco brasileiro. Não tenho a nacionalidade brasileira, mas estou com a documentação toda em dia, então não tem nenhum problema...

O colaborador Pedro construiu para si, portanto, uma identidade imigrante formada pelas duas nacionalidades presentes em sua vida: a nacionalidade chilena e a nacionalidade brasileira. O fato de ter sido bem recebido no Brasil e de residir há mais de 30 anos no país, bem como de ter uma esposa e filhos que são brasileiros, faz com que ele se identifique com o país. Ao mesmo tempo, torcer pela seleção chilena na Copa do Mundo é marcador de sua identidade chilena. Para ele, não há nenhum conflito em considerar-se “ainda” chileno assim como considerar-se “um pouco” brasileiro. Ao falar da cidade de Campinas, novamente a relação entre os dois países veio à tona e percebe-se que a junção de ambos em sua identidade imigrante é resultado de uma adaptação harmoniosa e sem grandes preocupações com a questão:

Então eu vim para Campinas por oportunidade de trabalho e gostei muito, me acostumei muito aqui e não trocava Campinas por São Paulo nem por outra cidade. Meta-de de minha vida está em Campinas, estou com 65 anos e cheguei aqui com 30, acho que sou um pouco mais campinense que santiaguino, meu coração *tá* dividido!

Na história de vida da colaboradora **Marianne**, ela mencionou o estranhamento e a sua necessidade de adaptação ao país por meio das comidas:

No começo era horrível, eu só pensava em ir embora, até o pão eu achava horrível, as frutas, tudo ruim!

Ao mesmo tempo, em termos materiais, sentiu-se aliviada com o movimento migratório empreendido:

Para mim foi um alívio sair do Chile, não estava nada fácil a vida lá, e o Brasil era uma maravilha! Aqui era maravilhoso em 1978, tudo em abundância, tudo fácil de comprar, nós chegamos aqui e ficamos assim fascinados!

Ao fazer uma comparação entre o Chile e o Brasil, explicou que no seu país de origem não existe o consumismo que existe aqui, utilizando como exemplo um ícone brasileiro:

As mulheres lá usam um par de sandálias por três, quatro verões, não existe essa questão de modismo que existe aqui. A Xuxa, apresentadora do Brasil, quando teve um programa de 15 minutos lá, tentou vender roupa infantil da marca dela, essas coisas, as crianças nem ligaram! Então as pessoas lá no Chile não são consumistas como no Brasil.

Sobre a sua condição de imigrante, Marianne reconheceu-se com ênfase como tal, argumentando que o Brasil nunca vai ser seu país, mesmo morando há mais de 30 anos nele. Além disso, disse que a sua identidade de imigrante é também reconhecida por outras pessoas, que distinguem nela uma não nacional devido ao seu sotaque:

Apesar de morar há mais de 30 anos aqui no Brasil, eu me considero uma imigrante, sempre vou me sentir uma imigrante porque aqui nunca vai ser meu país. Eu nunca vou me sentir brasileira, posso torcer pelas coisas do Brasil, pra que o Brasil seja bom, pra que o Brasil tenha um bom governo, até porque vai ser bom pras minhas filhas e pra mim também, que moro aqui, mas eu ser brasileira? Nunca! E também todo mundo me considera

uma imigrante, aonde eu vou, quando falo alguma coisa, já na hora me perguntam de que país eu sou, por causa do meu sotaque...

A colaboradora Marianne construiu para si, desse modo, uma identidade imigrante que se reconhece como tal e que se considera totalmente chilena, embora não tenha narrado a manutenção de valores culturais chilenos em seu processo de imigração.

Na história de vida do colaborador **Oswaldo**, ele narrou adaptações que teve que fazer no início do processo imigratório, como mudanças no seu jeito pessoal e no modo de falar:

Quando eu cheguei aqui, me perguntavam se eu estava bravo, perguntavam pra atendente da padaria “o chileno tá bravo?”. Claro que não! Eu tive que começar a mudar meu jeito para adaptar-me aqui, porque todo mundo achava que eu estava bravo. E eu nunca fui assim, muito pelo contrário, sempre fui comunicativo, nunca tive problemas com ninguém nesse sentido, mas as pessoas achavam que eu estava bravo, mal-humorado, porque aqui no Brasil as pessoas são diferentes, os clientes chegam e me cumprimentam, perguntam como eu estou, como está a família, mandam saudações à minha neta... [...] Nós chilenos somos um pouco ordinários pra falar, falamos de qualquer maneira! Somos assim! Há coisas que você só vem se dar conta quando está aqui. [...] Sempre tem algo ou alguém do que rir. Quando você se dá conta? Aqui. E aqui no Brasil é fora de foco praticar um humor desse, ninguém vai te achar graça. O brasileiro também põe apelidos nas pessoas, mas é mais limitado. Lá no Chile não!

Em suas comparações entre o Chile e o Brasil, nota-se uma diferenciação estabelecida por ele entre os chilenos e os brasileiros e a auto inclusão que ele faz ao narrar sobre os modos do povo chileno em geral: “nós chilenos somos”, “dizemos que somos”, evidenciando aí a sua identidade nacional.

Outro ponto que merece destaque em sua narrativa é as críticas que fez aos chilenos de Campinas, contando sentir-se decepcionado com a comunidade:

A parte mais dura é que quando você vem do Chile, jovenzinho, quer ver se há algum lugar onde se juntam os chilenos e depois você leva a maior decepção. A maior decepção! Os chilenos de Campinas são totalmente classistas, somos classistas lá em Chile e aqui vieram igual, não mudaram absolutamente nada, cada um quer ser melhor que o outro. Quem vê de fora pensa que existe uma comunidade...

Oswaldo, que frequentava a Associação de Chilenos de Campinas, ao sentir-se decepcionado, passou a não frequentar mais. Para justificar por que se decepcionou com os chilenos de Campinas, ele explicou uma característica tipicamente chilena, o ser “*patuo*”:

Eu digo, os chilenos são os mais brigadores do mundo. O chileno confunde ser chileno com amizade e com ser educado. Não digo educado de cerimonioso, mas de ter respeito pelo outro. Se você não sabe falar o português, o chileno em vez de perguntar se você quer alguma ajuda, ele caçoa de você. E um bom chileno somos *patuos*, certo? *Patuo* é que a gente gosta de falar mal dos outros. Várias vezes eu cheguei lá na associação de chilenos e percebi que falavam de mim... Por isso parei de frequentar a Associação, porque percebi que falavam de mim. Eu vou gostar disso? Prefiro ficar longe, estou tranqüilinho aqui. As diferenças são grandes...

Vimos que Oswaldo foi citado na entrevista da colaboradora Berta quando ela contava sobre as primeiras festas pátrias de chilenos em Campinas, as quais ele também mencionou:

Quem organizou a primeira festa pátria chilena em Campinas fui eu. A primeira vez que fiz deve ter sido lá pelo ano 88, foi numa chácara com uma piscina para as crianças e um lugar para dançar, cada um levava sua churrasqueira e suas coisas para comer e beber, não se vendia nada. Juntaram-se mais de quatrocentas pessoas para essa comemoração.

Percebe-se, assim, que Osvaldo possui um sentimento de não pertencimento à “comunidade” de chilenos de Campinas, mas que houve um momento em que ele já se sentiu pertencente, pois frequentava a Associação e foi ainda o primeiro a organizar uma festa pátria chilena na cidade. Mais importante do que as críticas em si que Osvaldo fez à “comunidade” chilena de Campinas é perceber esse sentimento de “desidentificação”. Deve-se ressaltar que essa “desidentificação” é com a “comunidade”, e não com todos os chilenos da colônia, pois nota-se em sua narrativa outras relações sociais:

Eu sempre converso disso com um chileno que vem aqui na minha padaria, sempre falamos das coisas que passamos no Chile, como nos comportamos quando estamos lá, então a gente brinca como diríamos em Chile certas frases...

Osvaldo manifestou abertamente o desejo de retornar ao seu país de origem, mas não sabe se há possibilidade financeira para tanto, mesmo possuindo boas relações no Brasil e com os brasileiros:

Eu gosto do Brasil, os brasileiros não te incomodam como estrangeiros, com coisas desse tipo, eu me dou bem com as pessoas em minha padaria, as pessoas chegam aqui como se estivessem em sua casa.

Embora adaptado ao Brasil, isto não significa que se identifique com o país e a com a cidade que reside. Esta falta de

identificação pode ser resultado da “decepção” que teve com a “comunidade” e com a cidade de Campinas, pois foi onde ocorreu a fatalidade com sua irmã. Pode-se concluir, assim, que Osvaldo possui uma identidade imigrante conflituosa entre o país de origem e o país de residência. Seu conflito advém da necessidade de permanecer no Brasil apesar das coisas ruins que lhe aconteceram:

Quando aconteceu essa tragédia, a única coisa que eu queria era voltar na mesma hora pro Chile, mas eu recém tinha comprado minha padaria, o que fazer se você está cheio de compromissos? Não tinha como sair correndo... [...] Eu acho que você passa coisas aqui que nunca teria passado no Chile, e não estou falando em termos financeiros, mas aqui acontecem coisas absurdas!

Sua identidade imigrante também é marcada pelo sentimento de não pertencimento à “comunidade” de chilenos de Campinas. Ainda que outros colaboradores também possam sentir este não pertencimento em relação aos grupos organizados de chilenos da cidade, o caso de Osvaldo é singular porque ele foi o único que fez questão de ressaltar essa condição.

É importante lembrar ainda que a padaria de Osvaldo é ponto de referência identitária chilena em Campinas, pois são vendidas ali empanadas e outras iguarias da culinária chilena. Em um trecho de sua narrativa, percebe-se que chilenos da cidade costumam ir ao recinto comprar as comidas típicas de que gostam:

Um dia veio um chileno em minha padaria comprar *empanadas* e ele me mostrou as passagens de avião dele e de sua família, estavam voltando pro Chile depois de um susto que passaram aqui...

Apontamentos conclusivos

A partir das histórias de vida fornecidas pelos colaboradores desta pesquisa, protagonistas do processo migratório chileno ocorrido nas três últimas décadas do século XX, concluiu-se:

- A emigração de chilenos durante este período é resultado da ditadura militar instaurada no Chile em 1973, mesmo entre aqueles que não eram perseguidos políticos. Isto porque os chilenos emigrantes são pessoas que ficaram desempregadas e sem perspectiva de recolocação profissional no mercado de trabalho nacional após o Golpe de Estado, o que os levou a buscarem oportunidades em outros países. Há também aqueles que não ficaram desempregados, mas que não suportaram o autoritarismo vigente. E há ainda aqueles que não se sentiram prejudicados pelo governo, mas que emigraram por influência daqueles que já haviam emigrado, visualizando-se aí uma causa indireta.
- A escolha pelo Brasil como país de destino deu-se por três motivos principais: pelas oportunidades de trabalho que o Brasil oferecia em determinadas áreas, pela oportunidade de adentrarem o território brasileiro já com a documentação regularizada e pela influência das redes de imigrantes que foram sendo constituídas.
- Essas redes de imigrantes provocam a emigração/imigração de chilenos até os dias atuais, em menor escala.

- Os chilenos que possuíam maior formação educacional/profissional tiveram as melhores oportunidades: ou imigraram com uma vaga de emprego já garantida ou logo que chegaram ao país de destino conseguiram um trabalho, e vieram com a documentação regularizada para toda a família. Ao contrário destes, aqueles que não possuíam a formação tecnológica que o Brasil requisitava na época vivenciaram um paradoxo: conseguir uma vaga de emprego era difícil porque não possuíam a documentação regularizada e regularizar a documentação era difícil porque não possuíam um emprego formal.
- O ato emigratório/imigratório chileno foi organizado predominantemente pelo homem, a quem coube a tarefa de, se casado, vir primeiro sem sua família ao Brasil e, posteriormente, quando já instalado residencial e profissionalmente, reunir a família no novo país.
- Provenientes de uma cultura diferente, os chilenos imigrantes tiveram que adotar três fatores de sobrevivência: negociação das tradições originais, adaptação ao contexto e edificação de novo padrão de vida. A diferença entre os idiomas espanhol e português foi a principal adaptação ao contexto apontada.
- A maioria dos chilenos emigrou com o plano de retornar ao país de origem, quando acabasse a ditadura militar e/ou o contexto econômico aí melhorasse, mas não foi o que aconteceu: os anos foram passando e se adaptaram ao Brasil, onde assumiram novos compromissos e uma nova vida. Atualmente, o retorno ainda é o desejo de alguns.
- A colônia chilena de Campinas/SP destacou-se na divisão de duas redes: a rede I, formada por chilenos com atuação direta na constituição e manutenção de uma comunidade na cidade; e a rede II, formada por chilenos que não possu-

em vínculos com esta comunidade. Na comparação entre as duas redes, notam-se argumentos plurais: enquanto os membros da rede I exaltaram os valores dessa comunidade, afinal são os próprios integrantes dela, entre os membros da rede II houve críticas, indiferença, consideração e elogios. Além disso, enquanto na rede I predominaram a narração de valores que podem ser chamados de “tradições”, como a festa pátria, na rede II predominaram a narração de valores que podem ser chamados de “costumes”, como as comidas chilenas, conforme os conceitos do historiador Eric Hobsbawn:

O objetivo e a característica das tradições (inclusive das inventadas) é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O costume (nas sociedades ditas tradicionais) tem a dupla função de motor e volante, ele não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. O costume não pode se dar ao luxo de ser invariável porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades ditas tradicionais (HOBSBAWN, 2008).

- Em comum, todas as narrativas apresentaram elementos referentes à negociação da identidade nacional, relacionados aos dilemas da construção de identidade imigrante. Assim, observou-se que todos os chilenos imigrantes entrevistados mantiveram alguns valores culturais do país de origem no processo de adaptação ao novo país, de maneiras e intensidades variadas para cada um deles. As imagens selecionadas para integrarem suas histórias de vida tiveram por objetivo ilustrar essa marca essencial em suas vidas, que é o ser chileno no Brasil.

Histórias de vida

- **Luís Carlos Eleodoro Merino Román**
- **Berta Rosas Morales**
- **Alejandro Hormazabal**

Luís Carlos Eleodoro Merino Román

Talvez se eu nunca tivesse tido a oportunidade de fazer folclore do Chile, hoje eu poderia me considerar mais brasileiro do que chileno. Mas o fato de estar metido no folclore e na cultura chilena todas as semanas, o ano inteiro nesse baile, então nunca deixei o país de origem longe!

Meu nome é Luis Carlos Eleodoro Merino Román, tenho 66 anos, nasci no dia 27 de outubro de 1942 em uma cidade chamada *Talcahuano*, na província de *Concepción*, Chile. Passei meus primeiros dias de vida na cidade de *Penco*, pois meu pai trabalhava na *Fanaloza*, fábrica nacional de louça, onde ele foi dirigente sindical. Depois nós voltamos para *Talcahuano*, onde viviam meus avós maternos e paternos, e ali ficamos até 1954 mais ou menos, até nos mudarmos para *Lorenzo Arenas*, onde meu pai havia comprado uma casa.

Na minha adolescência eu voltei a *Talcahuano* para estudar, onde meus primeiros passos na parte técnica foram dados na *Escuela Industrial y de Pesca San Vicente*. Minha experiência aí, onde eu queria ser um metalúrgico, Técnico Torneiro Mecânico, dividiu-se em começar a dirigir, a liderar: eu fui eleito secretário-geral do movimento estudantil dessa escola quando estava no segundo ano do curso técnico. Porém não concluí o meu curso, porque fui convocado pro serviço militar e logo depois

comecei a trabalhar, deixando meus estudos de lado.

Eu trabalhava na *Compañía Siderúrgica Huachipato*, uma usina que é líder no mercado nacional chileno de aço, na cidade de *Talcahuano*, e foi nessa época que eu conheci a Ília, minha esposa. A gente foi se conhecendo melhor e começou uma linda história de amor, que se mantém até hoje. Depois de dois anos de trabalho em *Huachipato*, e de namoro com Ília, nos casamos e compramos uma casa.

Com minhas inquietudes de dirigente, eu trabalhava por um partido político chamado Democracia Cristã, do qual fui indicado para fazer vários cursos de sindicalista. Eu nunca quis me filiar formalmente a esse partido porque não tinha a certeza de que ele era o que mais me satisfazia com suas propostas, mas houve uma ocasião que mais tarde me levou a isso: havia um senhor no meu trabalho em *Huachipato* que desafiava os democrata-cristãos, apostando que Salvador Allende iria ganhar nas eleições de 1964 para presidente do Chile. Eu estava recém casado, com muitas dívidas, mas de tanto escutar ele aí gritar e gritar, levantei da cadeira e lhe disse que eu apostava meu salário em Eduardo Frei, candidato da Democracia Cristã, contra Salvador Allende! Ele na hora cambaleou um pouco, mas seus companheiros o animaram e fechamos a aposta por escrito, com testemunhas e com o envelope do pagamento fechado. E ficou assim, que íamos apostar nosso salário. Quando chegou o dia da eleição eu fui trabalhar e depois fui votar, ele tinha trabalhado de noite, nos encontramos na troca de turno, desejamos boa sorte um ao outro, e à noite soubemos que Frei tinha ganhado! Eu estava na Praça de *Concepción* celebrando com meu pai e com meus irmãos, tocando violão e acordeão, quando meu pai me disse: “já que você ganhou essa aposta, deveria entrar no partido definitivamente”. Mas eu fiquei calado. Então meu salário dobrou naquele dia! Só que como ele era um profissional mais antigo na empresa, o salário dele era maior que o meu, por isso eu acabei aceitando receber menos do que tinha no envelope dele, eu aceitei o que era correspondente ao meu salário. E depois que eu ganhei aquela aposta, comecei a pensar materialmente em

entrar no partido, mas ainda assim com um pé atrás, não me filiei. Continuei com minha atuação política sem estar formalmente dentro de um partido, mas sempre identificado com a Democracia Cristã.

Aí vieram cursos sobre sindicalismo em Colômbia, em Santiago, em *Concepción*. E foram se despertando mais coisas em mim sobre esse tipo de trabalho, de ajudar as outras pessoas através do sindicato. Um dia fui indicado pela Democracia Cristã como candidato a um sindicato pequeno dentro de *Huachipato*: ganhei, fui eleito presidente. Depois vieram outras eleições, algumas perdi, outras ganhei de novo. No ano 72 teve uma grande eleição, onde participaram todos os trabalhadores dos escritórios e todos os operários de *Huachipato*, sendo mais ou menos seis mil pessoas no total, e eu fui eleito para o Comitê de Pessoal, que eram os comitês paritários criados por Salvador Allende em 1970. Em 64 Eduardo Frei havia ganhado as eleições para presidente do Chile, em 70 ganhou Allende, e nesse mesmo ano foram criados esses comitês paritários. E lá pelo início de 73, antes do Golpe Militar, eu decidi ingressar de vez no partido da Democracia Cristã. Foi uma grande experiência para mim. Nesse período a parte sindical era mais atendida por Salvador Allende, a gente sempre estava em reuniões com ele, eu conhecia o presidente da República do Chile assim pessoalmente. Tive a oportunidade de estar com ele em três ocasiões em *La Moneda*, o palácio presidencial chileno. Inclusive eu tive uma recepção diferente da dos outros dirigentes, não sei se era mais por piada, mas o presidente sempre a mim me chamava de “camarada”, sabendo que eu era democrata-cristão. E os comunistas e os trotskistas não gostavam, porque diziam que eles tinham saído a pintar muros, tinham saído a gritar por Salvador Allende, e a eles o presidente lhes dizia “companheiros” enquanto a mim me tratava de “camarada”, isso os deixava com ciúmes e muita raiva!

Depois veio o Golpe Militar e aí eu comecei a ter problemas. Mesmo sendo democrata-cristão, pelo fato de ser dirigente sindical e militante. Até que um dia, depois de duas ou três tentativas de pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida e que

queriam que eu fizesse parte da nova Central de Trabalhadores que Pinochet estava formando, eu dizendo que não, que ia pensar, que não, que ia pensar... Até que um dia uma pessoa me disse: “é melhor que você renuncie a *Huachipato*, se retire, já que não quer colaborar com o governo”. Aí eu me retirei.

Meu pai ficou muito triste, não sabia o que eu ia fazer, mas não sabia também o porquê da minha renúncia. Então comecei a formar um criadouro de frangos com um amigo, um compadre, começamos a criar pintinhos. Só que o negócio foi mal e o dinheiro começou a acabar. Aí eu pensava na casa, em vender a casa e sair do país.

Por volta de 1968, eu tinha recebido na minha casa um tio de minha mãe que havia estado 30 anos no estrangeiro sem dar notícias pra ninguém da família! Ele me contava sua história, de como saiu do Chile sem contar nada pra ninguém e de repente se viu na Guerra Civil Espanhola lutando contra o ditador Franco, e depois de alguns anos na Segunda Guerra Mundial contra os alemães, e que depois ele foi pros Estados Unidos, lá se casou, formou uma família. Essa história me impressionou muito, me abriu a mente de começar a pensar em sair do país. Mas até então ficou só nisso, só pensamento...

Eu já tinha tido a oportunidade de sair do Chile no começo dos anos 70 para a Austrália, mas não fui. E também tinha me interessado um pouco pela Venezuela, porque quando eu estive na Colômbia num curso sindical para dirigentes cristãos, com a Venezuela ao lado, tive muito contato com venezuelanos. Depois que descartei a ideia de Venezuela, minha intenção era somente Argentina. Mas na Argentina nós chilenos éramos muito perseguidos, você entrava no país e todos sabiam quem você era, o que você tinha feito, porque estava ali. Em duas entrevistas que eu fiz não gostei, não tive a acolhida que pensava ter e não quis mais. E aqui no Brasil já havia familiares da minha esposa, que viviam em Santos. Além desses familiares, havia também alguns colegas do trabalho de *Huachipato* trabalhando em São José dos Campos. Então com os amigos que eu andava no Chile, íamos sair em quatro de *Huachipato*, decidimos seguir caminho

para o Brasil. Foi assim que um dia me vi no ônibus Pluma, viajando pro Brasil.

Nós viemos em três, porque um deles ficou em Buenos Aires. Chegamos em São Paulo era julho de 1975. No dia seguinte fomos pra São José dos Campos conversar com a pessoa que ia ser nosso chefe, mas ficamos desapontados porque os salários eram bem abaixo do que esperávamos ganhar. Aí fomos pra Santos e no meio do caminho meus colegas decidiram que iam voltar pro Chile. Porque viemos pensando “vamos ganhar muito dinheiro e depois de uns cinco anos voltamos pro Chile”, mas aí vimos que o que íamos ganhar era o mesmo que ganhávamos lá. Como eles não tinham vendido a casa deles, resolveram voltar. Eu que já tinha vendido a minha, resolvi ficar. Então chegamos em Santos, fomos atendidos pelos primos da minha esposa e na mesma tarde fomos pra São Paulo. Eu fui pegar minhas malas e voltei pra Santos. Eles voltaram pro Chile, pra *Talcahuano*.

Comecei a procurar emprego em Santos, só que nada resultava, porque a gente vinha do Chile como turista, sem documentação. Aí para poder trabalhar começavam os contatos com pessoas que vendiam documentos, teve uma vez que eu fui parar na Polícia Federal porque andava com uma carteira falsa. Tinha comprado, pensei que era legal! Na época eu paguei 5 mil cruzeiros por uma carteira e o salário mínimo não chegava a 500 cruzeiros. Aí com essa carteira eu saía para procurar trabalho, meio com medo, sem nenhum currículo. Fiquei um par de meses assim em Santos, São Paulo, Santos, São Paulo, Santos, São Paulo... Até que um amigo chileno que estava trabalhando em Campinas, que também era de *Huachipato*, me ligou e disse que nessa cidade era mais fácil de encontrar trabalho, que aqui tinha mais indústrias do que em Santos.

Então eu vim para Campinas, fiquei numa pensão e comecei a procurar trabalho. Era dezembro de 75. Minha esposa cada vez que me escrevia dizia que estava vindo do Chile, que estava vindo, que não aguentava mais. Tínhamos três filhos nessa época, ficavam um pouco na casa do meu pai, outro pouco na casa

da mãe dela. Até que um dia ela me disse que já tinha terminado de receber o pagamento da nossa casa e que estava vindo. E eu ainda estava sem trabalho! Oito meses já haviam passado. Eu cheguei no Brasil em julho de 1975, em dezembro me mudei para Campinas e no dia 12 de fevereiro de 1976 finalmente encontrei um trabalho! A minha esposa e meus filhos chegaram um mês depois, em março.

O mais difícil pra mim aqui no Brasil era a forma de se apresentar nas entrevistas, porque no Chile as pessoas quando vão procurar trabalho vão com sua melhor roupa, normalmente de terno. Então eu via avisos assim de “precisa-se de ajudantes de produção”, aí eu ia, mas ia de terno e gravata, com pasta de documentos de couro, essas coisas. Aí me olhavam e diziam “não, pra você aqui não tem trabalho, você ajudante de produção?”. Até que um dia eu decidi ir de calça jeans, uma camisa e minha carteira. Era para operador de grua, que aqui se chama operador de ponte rolante. Esse foi meu primeiro emprego no Brasil, pouco antes da minha esposa chegar.

Aí comecei a trabalhar, conheci pessoas, comecei a praticar mais o português. Mas o trabalho em cima na grua é solitário, então em agosto eu mudei de empresa, inventei uma história para que me demitissem e recebi o fundo de garantia. E aí eu comecei a trabalhar em Paulínia, onde havia vários chilenos trabalhando. Mas depois em Paulínia teve um corte, como eu era dos mais novos, fiquei sem trabalho. Pelo menos a carteira estava registrada.

Nesse lapso, Ília engravidou da Denisse, nossa caçula. E eu comecei de novo a procurar trabalho, procurar, procurar... Até que um amigo chileno de Paulínia me falou pra ir pra Bahia, que lá teria um trabalho com uma pessoa que ele conhecia. E eu fui. Fui de carona em cima de um caminhão, de terno e gravata, sem conhecer nada da Bahia. Deixei a Ília com nossos quatro filhos, o bebê tinha um mês de vida. Era abril de 77. Lá descobri que eu já conhecia aquela pessoa com quem fui falar e ele me disse que ia me contratar em São Paulo. Então voltei a São Paulo para fazer um teste, só que respondi tudo em espanhol, não sabia escrever

em português! Aí a primeira pessoa que pegou a prova não entendeu nada, isso me deu raiva, piquei a prova e fui embora pra minha casa em Campinas.

Muita gente nos ajudou nesse tempo que eu estive sem trabalho – aproveito para deixar uma lembrança especial ao senhor Osvaldo Pereira e aos familiares de Ília– mais ou menos três meses, com quatro crianças. Graças a Deus nunca nos faltou. O aluguel se atrasou, o que podíamos fazer?

Um dia eu estava conversando com um amigo em casa, que também trabalhava em Paulínia e também tinha sido demitido, eu contando minha história, meu compadre contando a dele, quando de repente tocaram a campainha. Fui ver e era uma pessoa que estava uniformizada, perguntou se eu era o senhor Luís Carlos Eleodoro Merino Román. Eu já pensei que fosse um cobrador, mas era um funcionário da Eletrometal de Sumaré avisando que eu deveria estar lá no dia seguinte. Eu já tinha ido nessa empresa fazer uma entrevista pra trabalhar na produção, de terno e gravata, tinha deixado meu currículo.

Então eu fui novamente, cheguei lá oito horas da manhã e me informaram que eu tinha que voltar às duas da tarde, só que eu não tinha dinheiro pra voltar pra minha casa e depois voltar de novo pra lá, por isso resolvi esperar, fiquei na sombra de uma árvore e não comi nada até a hora que me chamaram. Fui entrevistado para um cargo de supervisor, que era Encarregado de Produção. Mesmo eu não conhecendo nada sobre fornos, a área do cargo, o que chamou a atenção da pessoa que me entrevistou é que eu queria trabalhar de noite, de dia, de tarde, o horário que fosse. Quando me disseram pra levar os papéis que iam me contratar, havia um problema: eu ainda não tinha a documentação brasileira. No departamento pessoal me deram um prazo de quinze dias pra entregar toda a papelada. Eu sabia que isso nunca ia chegar! Eu e minha esposa já tínhamos tentado várias vezes arrumar a documentação, inclusive depois com a certidão de nascimento da Denisse, minha filha que nasceu no Brasil, não conseguíamos. Meus papéis sempre voltavam, três vezes voltaram indeferidos, outras tantas me informavam que minha pasta com os

documentos estava perdida... E aí eu tinha que fazer tudo de novo, eu pedia licença do trabalho e ia até São Paulo na polícia federal.

Então no trabalho iam me demitir, iam passar os três meses de experiência e não iam me contratar se não chegassem os documentos. Nesse tempo, eu já tinha feito amizade com o engenheiro chefe do setor, o Dr. Edson Mendes Vieira, de vez em quando lhe levava um presente, um vinho chileno, ele sempre falava no departamento pessoal pra esperar mais um pouco. Nesse vai e vem, vai e vem, passou de 1977 a 1982. Em 82, um dia que eu estava trabalhando, me ligaram de São Paulo avisando que a minha documentação tinha chegado. Dei um pulo dessa altura! No dia seguinte eu fui buscar o meu RNE, Registro Nacional de Estrangeiro, e depois fui até a casa do engenheiro para lhe contar e lhe agradecer, ele ficou mais contente do que eu!

Nas minhas idas atrás da documentação em São Paulo, um dia eu vi que na minha pasta estava escrito “dirigente sindical”. Ainda existia ditadura aqui no Brasil, quando nós chegamos era o governo do general Ernesto Geisel, e tinha o Romeu Tuma que era chefe da polícia federal. Nesse tempo a ditadura era brava ainda. Então eu também tinha medo de conversar de política, por exemplo, quando eu passava num bar era só por alguns minutos, não conversava com ninguém daí, a amizade que eu tinha era com pessoas que iam em casa. No trabalho eu conversava sobre qualquer assunto, menos de política, de sindicato, que a primeira coisa que me perguntavam era isso: o que eu fazia no Chile, por que eu estava aqui. Como eu não sabia com quem eu estava conversando, melhor não falar muito.

Uma vez eu passei um aperto dentro do trabalho: a fábrica que eu trabalhava era muito ligada ao exército porque aí se faziam canhões, e numa ocasião eu tive que receber o presidente da república, João Batista Figueiredo, para explicar-lhe o funcionamento de um forno. Enquanto eu estava mostrando o funcionamento de um forno, a sua excelência estava olhando com uns óculos escuros especiais que a gente tinha para as visitas, os quais permitiam observar o aço quente derretendo dentro da lingoteira,

eu estava entusiasmado explicando quando de repente alguém cutucou o meu ombro: olhei pra trás e vi um negro de terno preto e camisa branca muito grande, parecia que tinha uns três metros de altura, ele me perguntou qual era a minha nacionalidade. Nesse momento eu não tinha os documentos ainda, estava clandestino. Então em um segundo eu me vi transportado pro Paraguai, pra Argentina, sei lá! Mas não aconteceu nada, eu respondi “sou chileno” e ele mandou continuar. Ufa! Este foi um susto! O Figueiredo era um general mais civil, que havia sido reformado, acho que ele que começou a anistia para todos os brasileiros que até então estavam exilados em outros países, mas nesse tempo expulsavam as pessoas ainda, por isso que eu sofri naquele segundo. Na televisão a gente via alguns casos, por exemplo uma família de argentinos que lhes deram de prazo oito dias pra saírem do país, mesmo tendo filhos brasileiros. Lembro que vários chilenos se imaginavam assim...

Eu trabalhei nesse lugar até 1984, quando saí e comprei um bar-restaurant, que foi o Recanto Chileno. Daí começamos a mostrar a nossa cultura para os brasileiros, os chilenos de Campinas se reuniam aí. Ajudamos muitos chilenos também: talvez quinze, vinte, vinte e cinco pessoas que passaram por aí trabalhando. Aprendiam o idioma e saíam a procurar trabalho em outra parte, porque eu também não tinha condições de oferecer um bom salário. Mas quem passou aí encontrou o apoio que necessitou. Não tinham onde dormir às vezes, não tinham o que comer, chegavam com a passagem somente. Da rodoviária eram mandados pro Recanto. Muita gente chegou lá com a polícia também, conversavam com os policiais e eles diziam “ah, lá atrás do 8º Batalhão tem um restaurante chileno”. E geralmente ficavam trabalhando, ainda que fosse por um prato de comida.

Quinze anos durou. Durante todos esses anos a gente fez a festa de Independência do Chile aí, comemorávamos o *Dieciocho de Septiembre*. Em 1999 tivemos que fechar o Recanto Chileno, mas eu e minha esposa continuamos trabalhando aqui na nossa casa fazendo comidas típicas chilenas por encomenda. Fazemos *empanadas*, *chilenitos*, *arrollados*, *pastel de choclo*...

Em 1995, com um grupo de famílias chilenas de Campinas, fundamos o *Conjunto Folklórico Raíces de Chile*. Éramos sete famílias e nossa primeira apresentação foi na Escola de Cadetes de Campinas. Depois da apresentação fizemos um chá no Recanto Chileno, eu ainda tinha o restaurante, e a partir daí começamos a apresentar em vários outros lugares. Foram feitas muitas apresentações, em Campinas, fora de Campinas, muita gente já fez parte desse conjunto: chilenos, brasileiros, uma paraguaia, colombianos. Quando começamos, meus netos eram pequenininhos, tinham entre 5 e 7 anos de idade, e se iniciaram aí dançando *cueca*, a dança típica do Chile. Minha bisneta também já esteve no palco, bebezinha ainda, dentro de um carrinho de bebê! Foi numa apresentação que fizemos no Memorial da América Latina em São Paulo, nesse dia eu acho que foi a primeira vez que subiram ao palco quatro gerações para apresentar o baile chileno no Brasil: estava a bisneta Hermione, a neta Natasha, Luís Antonio que é meu filho e pai da Natasha, e eu! Já existem muitos chilenos de quatro gerações em São Paulo, mas não que dançam em um grupo folclórico.

Eu também acho que o *Raíces* foi o primeiro grupo que se apresentou com alegoria, sem ser somente dança. Em uma apresentação que fizemos da Ilha de Chiloé, do sul do Chile, construímos uma casa e representamos *La Minga*. *La Minga* é uma das tradições mais representativas do trabalho solidário nessa região do Chile, consiste no pedido de ajuda de um vizinho a sua comunidade para a mudança de uma casa de lugar, através de troncos que se colocam embaixo da casa para que ela possa rolar e ser puxada pelas várias juntas de bois. Ficou linda a apresentação!

E agora estamos na luta em busca de homens para integrar nosso grupo como dançarinos, que é o que mais falta no conjunto. Porque é muito difícil, pode parecer fácil, mas não é, imagine que os integrantes têm que dispor de tempo para ensaiar todos os sábados, e as apresentações também são aos finais de semana. E este ano fizemos uma reunião com o conjunto da Associação de Chilenos Pablo Neruda, enviamos cartas à prefeitura de Campinas

solicitando o teatro do Centro de Convivência para uma apresentação conjunta, estamos esperando a resposta.

Talvez se eu nunca tivesse tido a oportunidade de fazer folclore do Chile, hoje eu poderia me considerar mais brasileiro do que chileno. Mas o fato de estar metido no folclore e na cultura chilena todas as semanas, o ano inteiro nesse baile, então nunca deixei o país de origem longe. Ta longe fisicamente, mas chega o fim de semana estamos aí lembrando da *cueca*, do *baile mapuche*, do *baile de páscoa*, do *sur*, do *norte*...

E hoje estamos aqui! Todos os filhos estão crescidos e casados. Chegamos aqui no Brasil éramos cinco: minha esposa, nossos três filhos Luís Antonio, Patrício Alcides, Marialexi de Pilar, e eu. Cinco. Primeiro vim eu sozinho, depois minha esposa com nossos três filhos. Aqui tivemos mais uma filha, a Denisse Soledad, que é brasileira. Depois vieram os netos e uma bisneta: Natasha Karolyna, Patrícia Alejandra, Beatriz Soledad, Luís Eduardo, Pedro Henrique e Hermione. Então temos quatro filhos, cinco netos e uma bisneta. E os novos integrantes brasileiros: André, Ricardo, Luzia, Bruna e Alexi. Não posso deixar de homenagear minha eterna enamorada que me acompanha já há 45 anos, Ília del Carmen. Esta é minha história, parte de minha história...

Berta Rosas Morales

*Eu acho que a minha vida de emigrante
me ensinou muita coisa, muita coisa
nova, e que de repente até agradeço
a Deus por isso também!*

Meu nome é Berta Rosas Morales. Tenho 61 anos e nasci em *Viña Del Mar*, uma linda cidade turística do Chile. Venho de uma família de nove irmãos: quatro por parte de meu pai, três por parte de minha mãe e mais dois por parte de ambos, somos nove. Mas aqui no Brasil estou sozinha, sem eles.

Meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos de idade e minha mãe foi para outra cidade, longe de onde eu estava. Só que eu não fiquei nem com ela e nem com meu pai, porque eu fiquei morando com umas tias de meu pai, mas eu via muito mais meu pai que minha mãe, ele sempre estava mais perto, convivi mais com ele. Essa emigração fez inclusive com que eu me aproximasse mais de minha mãe, pois dois anos depois que eu vim para o Brasil ela veio me visitar, aí começamos a conhecernos um pouco mais... E é bom, o tempo me fez amadurecer, me fez abrir melhor os olhos, entender as razões, os motivos e viver mais tranquila, com mais alegria, porque quando a gente é jovem questiona muita coisa. Agora eu estou, graças a Deus, em paz com minha mãe, com minha vida...

Fiz o primário em um colégio de freiras e depois estudei Secretariado no Instituto Comercial. Com 15 anos comecei a dar

aula para crianças do pré e a partir disso comecei a fazer cursos técnicos de professora. Lá no Chile nós chamamos o pré de *párvulo*, e tem uma carreira universitária de *Parvulária*, que é uma carreira profissional muito procurada, dedicada somente às crianças pequenininhas de zero à seis anos. Se um dia eu voltasse para o Chile eu gostaria de fazer esse curso.

Eu sempre fui muito engajada com a política lá no Chile durante a minha juventude, eu fui até *presidenta* da ala juvenil do partido da Democracia Cristã. Posteriormente entrei em uma fase de descrença política, saí do partido e nunca mais militei. Mas minhas tendências sempre foram de justiça social.

Aos 22 anos eu me casei. O meu casamento foi muito engraçado, foi um casamento escondido! A gente antigamente tinha aquela coisa fixa, eu sempre falo que se tivesse sido uns cinco anos mais pra frente teria tido outra cabeça, mas eu estava numa idade muito difícil de resistir às tentações... Aí eu falei para o meu marido, Patrício, que eu não faria nada a não ser que casasse, e ele aceitou. Mas não queríamos que ninguém soubesse porque meu marido estava estudando na faculdade ainda e também porque éramos muito jovens. Eu acho que ele foi mais corajoso do que eu, porque no fundo no fundo eu era mais sozinha, a tia que me criou havia falecido, minha avó também, e como eu nunca morei com meus pais, pode-se dizer que eu estava sozinha. Ele não, ele tinha família bem estruturada, o problema era ele, se o pai dele ficasse sabendo. Então a gente casou escondido da família, mas casamos pelo civil, pela igreja, por tudo! Na igreja só tinham duas ou três pessoas, os padrinhos. A costureira que fez meu vestido emprestou a casa dela, quando eu voltei pra trocar de roupa ela tinha feito um bolinho e tinha uma garrafa de champanhe, pra tirar a foto! Foi loucura, só que esse segredo não durou muito tempo!

Antes de sair do Chile eu trabalhava como professora e em escritórios de contabilidade, cheguei a trabalhar meio período em uma escola e meio período em um escritório. Até que um belo dia foi o Golpe Militar e o destino da gente começou a mudar, porque meu marido sim era muito engajado na política par-

tidária e por conta disso ele foi demitido de seu emprego, foi um exonerado político mesmo. Enquanto eu continuei no Chile, ele viajou para outros países, Equador, Peru, procurando um lugar onde pudesse trabalhar. Voltou pro Chile e ficou dois anos em uma empresa que o pai dele tinha certa influência, até a ideia da irmã dele, que já estava morando no Brasil, ir um dia passar férias no Chile e convencê-lo a vir pra cá. Ela falou que aqui no Brasil tinha boas oportunidades de trabalho, que engenharia civil era muito aceita, e ele topou. Foi aí que começou a história do exílio econômico. Em fevereiro de 1978 ele veio para o Brasil sozinho, em maio ele já estava trabalhando em uma grande empresa de Campinas e em junho mandou buscar a gente, eu e nossos dois filhos.

Muita coisa me passava pela cabeça antes de vir pra cá, eu sonhava, tinha pesadelo. Tinha um pesadelo que eu chegava num lugar onde tudo era cimento, cimento, cimento, uma ou outra janela e tudo fechado! As ruas desocupadas, uma solidão tão grande... Era pensamento que se tem durante o dia, porque quando você viaja pro exterior não sabe o que vai encontrar.

Então eu já tinha tido meus filhos lá no Chile quando eu vim para o Brasil, Andréa tinha cinco anos e Alejandro sete, não eram pequenininhos assim que não lembrem de nada. Ficamos na casa de um casal de chilenos que já conhecíamos, Mário Sabathier e Margarita, que era inclusive onde também estava vivendo aquela minha cunhada que nos convidou pro Brasil. Ela que já entendia português me acompanhou atrás de imobiliárias para alugar casa e me acompanhou a fazer compras. O que eu achei o máximo foi que nós chegamos aqui sem ter ainda a documentação completa e eu comprei tudo: cama, geladeira, fogão, tudo o que precisávamos, parcelado no crediário, com minha carteira de identidade chilena!

E aí vem todo aquele acúmulo de lembranças... Meus primeiros seis meses aqui no Brasil nunca vou esquecer, porque cheguei sem saber uma palavra em português e minha saudade, minha dor de estar longe... Uh! Mais de 30 anos e ainda é tão difícil falar disso, ainda me emociono e choro... Esses primeiros

seis meses de exílio forçado foram assim de passar o dia inteiro escrevendo cartas: eu escrevia cartas para toda a família, até para os jornaleiros que vendiam jornal pra mim lá no Chile eu mandava cartões. Era tanta saudade, tanta vontade de estar lá na minha terra, que fazia com que eu fosse uma escritora de primeira linha! Eu mandava cartas de seis, sete páginas, a minha família lá morria de rir de tudo que eu contava nos mínimos detalhes! Mas tudo bem, aos poucos a gente foi se acostumando à nova vida.

No ano que chegamos, em 78, ainda havia ditadura disfarçada aqui no Brasil, pois foi o ano em que Figueiredo foi nomeado presidente e Maluf governador de São Paulo. Para mim pessoalmente chegar a uma ditadura foi indiferente, porque eu repetia pra mim mesma que não era meu país, e eu tinha saído de uma ditadura no Chile que era cada dia mais cruel, coisa que como recém-chegada pude sentir uma certa diferença, imagino que porque eram os últimos anos de um sistema que já tinha usado e abusado demais de seu poder. Lembro de ter participado das missas que o cardeal Dom Evaristo Arns fazia na Catedral da Sé pelos mortos e desaparecidos dos ditadores latino-americanos. Com meu sangue político, que não é difícil de esquecer, vivi e segui com a alma e com o coração a época das Diretas Já, e me dava muita emoção ver que esse povo estava finalmente reagindo e pedindo que acabasse a ditadura. Eu me senti participante desses momentos tão importantes para o país, e quando vi milhares de pessoas unidas pelo mesmo ideal, foi contagiante a alegria e o sentimento de pensar que um dia o meu próprio país pudesse fazer algo assim, o que me enchia de esperanças...

Depois de dois anos morando em Campinas, meu marido foi transferido pra Bahia. Moramos quatro anos em Salvador e foi lá pela primeira vez que encontrei um Consulado Honorário do Chile, no qual a cônsul era uma mulher muito movimentada, uma mulher que conseguiu fazer com que os chilenos que estávamos lá nos reuníssemos, inicialmente para o *Dieciocho de Septiembre*, e depois fazia chazinho com as senhoras, sempre conversando temas importantes, debatendo nossos conhecimentos para não perdermos nossa identidade. Uma vez por mês, tam-

bém somente as mulheres, saíamos a jantar em um restaurante de Salvador, os maridos lá fora esperando... Foi uma época bonita, pois somente aí assenti de que poderíamos também em Campinas, porque depois eu tive que voltar pra cá, ter uma comunidade organizada.

Na época que eu voltei pra Campinas, ano 84, já havia aqui grupos de chilenos que faziam jogos de futebol, que organizavam “*Dieciocho Chico*”, “*Dieciocho de Septiembre*”, tudo assim pela vontade das pessoas de estar comemorando nossas tradições. Acho que participei da festa de independência num restaurante que tinha um chileno chamado Luís Merino. Participei também de uma festa em uma chácara organizada por outro chileno, o Osvaldo “da padaria”.

Em 1992, já depois de uma longa experiência, eu fui convidada por uma amiga chilena a participar da primeira reunião para formar uma associação de chilenos em Campinas, hoje chamada Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda. A partir dessa data eu nunca mais tirei meu pé de lá, que tem já 15 anos de existência, e acho que nesse tempo eu aprendi tanta coisa sobre o Chile que se estivesse estado lá não teria aprendido! Acho que isso é uma das riquezas do exilado econômico, do emigrante, daquele que sai da sua terra, que começa a valorizar e a ver quanta coisa importante existe dentro da sua pátria.

Então eu pertenceo a essa *agrupação* desde que começou, ou seja, sou uma das sócias fundadoras. Nossas primeiras reuniões foram feitas em uma lanchonete de um chileno que ficava no bairro do Castelo, mas que durou pouco tempo porque ele vendeu o local. Aí a gente transferiu para a minha casa, que por sorte naquela época tinha um porão, um espaço bom que deu pra fazer as reuniões pros ensaios do grupo folclórico. Depois de um tempo a gente já conseguiu alugar o primeiro local pra Associação, em frente à linha férrea de Campinas, uma casinha velha que começamos até a fazer reformas para adaptá-la um pouco mais às nossas necessidades. Também a prefeitura de Campinas nessa época cedeu-nos um lugar na avenida Campos Salles, acho

que chamava Casa de Cultura, um prédio velhinho mas que tinha um espaço bom pros ensaios. Depois a gente se mudou para uma casa perto do Bosque dos Jetiquibás, que alugávamos por um preço muito alto, só que conseguíamos pagar porque também montávamos um bazar em que vendíamos roupas usadas baratinhas em frente ao bosque nos domingos. Com o tempo, o aluguel lá nas nuvens, apareceu um chileno com um terreno no caminho para Sousas, distrito de Campinas, que é onde estamos atualmente. E a nossa ideia era comprar esse terreno, mas a comunidade não tem muita consciência de ajudar com a Associação, de pagar uma mensalidade pra colaborar com as despesas fixas: o aluguel, conta de água, luz, telefone. Mês a mês tem que pagar tudo isso e se as pessoas não colaboram, fica difícil.

Quando é a festa da pátria em setembro, de Independência do Chile, aparece muita gente. Eles gostam muito da nossa festa, a gente trabalha como doidos muito tempo antes e no dia nem se vê as caras de tanta correria. Todo mundo vai à festa, “é muito boa, é gostoso vir aqui”, só que durante o resto do ano ninguém se lembra da Associação! Mesmo assim ela se mantém, com altos e baixos, continua em pé. Graças ao esforço de poucos, não são tantos assim. Em Campinas têm muitos chilenos, mas são poucos os que gostam de participar. Durante todo esse tempo, em mais de 15 anos de existência, a Associação sempre tem sido um ponto de encontro assim em que as pessoas chegam e saem, aparecem e se vão, ou voltam pro Chile, ou simplesmente param de ir aí. Mas sempre tem essa rotatividade de gente que vai e volta, de outros que vão em definitivo, de alguns que ficam. Se fizermos uma listagem do pessoal que começou e do pessoal que está agora, teremos apenas uns seis, sete dos que começaram, o resto já não está mais, já cansou, já quer fazer outra coisa em sua vida. O tempo todo tem sido assim, essa rotatividade de pessoas, que acho legal até, acho bom que cheguem pessoas novas, que desfrutem, participem, e que quando cansaram foram embora. Fazer o quê? É o que a gente sempre fala: “Estamos aqui porque queremos. Queremos estar aqui reunidos num domingo de almoço, de confraternização, queremos estar aqui participando para o

Dia das Mães, queremos estar aqui fazendo um churrasquinho...”. Agora estamos em plena campanha de ensaios do grupo folclórico, todos os domingos estamos lá, às 10 horas da manhã começam os ensaios e logo estamos todos reunidos almoçando, sentados numa imensa mesa com gente de todas as idades, onde conversamos, cantamos e rimos, como uma família!

Nosso maior evento na Associação é a festa de comemoração da Independência do Chile, também chamada “*Dieciocho de Septiembre*”. Essa é a maior festa porque tem muita gente que aparece só pra ela. Nós fazemos às vezes uma ceia por mês de sábado e aparecem umas cinquenta, sessenta pessoas, mas na festa da Independência aparece todo mundo, todos sentem essa necessidade! Lá no Chile são praticamente três dias de festa, igual que o carnaval daqui, porque a independência do Chile foi ganha com uma guerra, o povo chileno lutou muito pra ser independente, acho que por causa desse orgulho da luta que houve é que a Independência é muito, muito comemorada pelos chilenos. Então onde tem chilenos essa festa não pode passar por alto!

No primeiro ano que morei no Brasil, tinha um hotel em Campinas chamado *Holiday Inn* naquela época, *The Royal Palm Plaza* hoje, que tinha como gerente um chileno. E esse chileno fazia um almoço da festa de independência aí no hotel. Lembro que eu e meu marido compramos os convites pra ir, mas não esperávamos a surpresa que tivemos: logo na entrada do hotel estava a banda militar para interpretar os hinos nacionais do Chile e do Brasil! Imagine, eu recém-chegada de lá... Nós choramos, né! Era só começar a cantar o hino e já “para, não dá pra cantar o hino”! Era muita emoção de estar em outro país e escutar o teu hino nacional, ver tua bandeira subindo pelo mastro. Depois disso, lá em Salvador tinha aquela consulesa que fazia a festa da independência numa chácara, tipo um piquenique, cada um levava o seu prato e ninguém vendia nada, comemorávamos entre as pessoas que participavam. E quando eu voltei pra Campinas, já havia alguns chilenos que organizavam essa festa. Depois, quando a Associação surgiu no ano 92, nós fizemos nossa primeira festa num clube e convidamos o conjunto folclórico Chile

Lindo de São Paulo pra vir dançar. Daí pro ano seguinte a nossa agrupação já estava em plena ebulição, com o seu conjunto folclórico nascendo e crescendo, aprendendo as danças, Jorge Pérez foi nosso primeiro professor de dança, um homem muito bom. A festa seguinte foi numa chácara em Hortolândia, já com o conjunto grande, bem estruturado, com bastante gente tocando e bastante gente dançando. Daí partiu!

Nossas festas pátrias sempre têm sido muito boas, o pessoal que vai à festa vai pra se divertir, assistir uma apresentação do nosso conjunto folclórico, dançar, comer *empanadas*, *humitas*, *pastel de choclo*, tomar vinho, tomar *borgoña*, *ponche*, *cola de mono*, que são comidas e bebidas típicas preparadas para essa data. Em 2007 nós tivemos quase quatrocentas pessoas na nossa sede. E depois que cada agrupação de chilenos faz a sua festa pátria, há uma festa maior em São Paulo, onde se juntam todas as agrupações do Estado, que se chama *Dieciocho Chico*. Nós chamamos de *Dieciocho Chico*, apesar de que deveria ser *Dieciocho Grande*, já que é quando se juntam todas as agrupações que existem no Estado de São Paulo. Essa festa tem sido feita em grandes ginásios, porque conseguem passar durante o dia de seis a sete mil pessoas aproximadamente, claro que aí já têm muitos brasileiros que também se identificam, gostam, já conhecem, e também participam.

Então na Associação de Chilenos de Campinas fazemos tudo isso: ponto de encontro dos chilenos, almoços, festas típicas, a festa pátria em setembro, os ensaios do conjunto folclórico, aulas de espanhol, de português, enfim, todas essas atividades que fazemos em comunidade. E também é pra fazer a exposição da vida e da obra de Pablo Neruda, que é o nosso patrono. Nosso conjunto folclórico se chama Pablo Neruda, no qual eu participo cantando, desde que se iniciou. E este é o terceiro ano que participamos de um Festival Folclórico Chileno no Memorial da América Latina em São Paulo, onde cada grupo folclórico apresenta uma região ou algum quadro alusivo ao Chile. É um teatro maravilhoso, onde conseguimos encher uma parte para novecentas pessoas! Estivemos presentes também nas reuniões no Con-

sulado do Chile em São Paulo, na luta para organizar o *Dieciocho Chico* e outras atividades. Como o espaço que nos cedia o consulado era muito pequeno e o horário limitado, nós fomos percebendo que não dava pra continuar fazendo as reuniões lá, então se formou a Une-Chile. A Une-Chile foi chamada assim, União dos Emigrantes Chilenos no Brasil, porque pretende crescer como entidade. Aí então conseguimos um salão pras reuniões na Pastoral do Imigrante em São Paulo. E neste ano de 2008, nosso Primeiro Encontro de Chilenos no Brasil, com o qual esperamos que surjam muitas coisas concretas para trabalhar, pois existem muitos projetos importantes, por exemplo, o projeto de uma casa de cultura chilena, o projeto para tratar do tema da terceira idade, o projeto do tema da problemática da previdência social.

Nos primeiros congressos, uma de nossas lutas era que muitos dos meninos que nasciam na Europa ficavam apátridas, não eram considerados nem chilenos nem alemães, por exemplo. Essa era uma de nossas bandeiras, e a outra, de direito à voto, porque chileno no exterior não tem direito à voto e eu quero ter esse direito, porque senão você não se sente cidadã de nenhum lugar: não sou cidadã do Brasil porque não voto, tenho minha carteira de imigrante, mas não sou naturalizada brasileira. Não posso votar no Chile porque não moro lá. Já foram apresentados no Senado chileno não sei quantos projetos pelo direito à voto de chilenos residentes no exterior, mas eles não aprovam porque falam que como não moramos lá não vamos saber das coisas de lá.

Uma vez até escrevi pra um desses senadores que votou contra, dizendo que na era da globalização, televisão, jornais, internet, existem meios de comunicação que informam as pessoas. Então é para lutar. E nós temos que tentar abarcar tudo: no folclore, na cultura, na literatura, organizar campeonatos de *cueca*, organizar eventos esportivos, somar nossas forças para fazer o melhor! Há também um departamento no Chile que se chama *Dicoex*, dedicado a atender aos chilenos no exterior. E eu acredito que é por aí, unindo forças, mostrando trabalhos concretos, que pode vir algum tipo de ajuda da *Dicoex* para as

agrupações dos chilenos no Brasil. Algumas coisas estamos conseguindo...

Então a minha exposição em frente de tanta coisa tem sido por isso, porque já tive e tenho a oportunidade de trabalhar pela comunidade chilena. Eu até fui convidada para ir na posse do Ricardo Lagos quando ele foi eleito presidente do Chile. Já viajei duas vezes pra Argentina para congressos de chilenos no exterior, e a última coisa que fiz foi ano passado, quando fui a um congresso sobre imigração em Santiago.

Em 2002 foi criado o Consulado *Ad Honore* do Chile em Campinas. Em São Paulo já existia o Consulado Geral e o Consulado Adjunto, e este de Campinas é uma conexão com o de lá. Quando abriu o Consulado do Chile em Campinas, o senhor cônsul dom Luís Fernando Del Valle, que eu conheço há muito tempo, me convidou para trabalhar na divisão cultural. E nosso trabalho tem sido bom, já fizemos vários eventos relacionados com a cultura chilena. Para a inauguração do Consulado trouxemos Roberto Bravo, um pianista excepcional que tem no Chile, que se apresentou no Centro de Convivência Cultural de Campinas. A primeira exposição que fizemos também foi nesse local, sobre a vida e a obra de Pablo Neruda. Fizemos uma exposição dos 30 anos da morte de Salvador Allende, no Lago do Café. Além de outras exposições que temos feito na Unicamp, na PUCC, em algumas universidades da região.

Eventualmente, temos alguns casos que não existem dentro de nenhum consulado, que é a parte social. Uma experiência interessante foi quando eu fui no Carandiru com o cônsul adjunto de São Paulo e outras pessoas da Associação fazer uma visita aos presos chilenos. Por um lado foi uma experiência triste, de ver compatriotas presos, por outro lado, rica de conhecimento. Lembro de um rapaz que queria ensinar espanhol pros colegas brasileiros, ele nos pediu pra lhe mandar um método de ensino, e eu mandei para ele um pacote enorme de livros, pra ele ensinar espanhol pros presos no Carandiru. Outro que me chamou muito a atenção, um senhor já de certa idade, que me chamou de lado e falou: “A senhora poderia ligar pra minha mãe no Chile? Falar

pra ela que não se preocupe que eu estou bem”. Lembro também de um senhor velhinho que foi transferido do Carandiru para a penitenciária de Hortolândia, na região de Campinas, e que não tinha carteira de identidade. Aí eu e o cônsul fomos até lá tirar fotografias e as digitais dele, pra poder fazer uma carteira de identidade chilena. No natal, íamos aí deixar panetones, deixar coisinhas assim pros presos chilenos.

Quando falece algum chileno e chega a notícia até o consulado, mesmo que não seja conhecido, a gente tenta acompanhar. Uma vez eu fui no enterro de um chileno que só estava a esposa, a filha, o filho, e eu. Quatro pessoas. E como eu sempre mando fazer uma coroa de flores com os pêsames do consulado, lembro que o filho pegou a coroa, colocou em cima do caixão e falou: “assim ele fica com um pedacinho do Chile”, porque tinha as faixas com as cores da nossa bandeira nacional. São muitas histórias diferentes... Então no fundo no fundo a gente acaba sendo um pouco aquele labor de assistência social, que às vezes chegam pessoas pra conversar, têm um probleminha aqui, um probleminha lá, e assim é gostoso poder ajudar. Acho que em mim sempre foi de meu feitio tentar ajudar no que eu puder.

Eu também trabalho como professora de espanhol, tenho um espaço para aulas particulares aqui no consulado, já que o meu trabalho na parte cultural é voluntário. E hoje sou formada em Letras, em 2003 prestei vestibular na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e em 2007 me formei! Estou me sentindo super realizada, porque no Chile não tive a oportunidade de fazer faculdade. Graças a Deus também já estou aposentada e nunca sonhei com riquezas e coisas. Um desejo que tenho, se eu ganhasse na loteria, seria montar uma casa de repouso para velhinhos. Levaria todas as senhorinhas chilenas para lá!

Às vezes eu penso que um dia eu quero voltar pro Chile, mas acredito que só quando eu esteja muito velhinha, quando já não possa fazer mais nada. O fato de meus filhos estarem aqui, os netos, são laços que são difíceis de cortar. Mas que eu tenho pensado que um dia vou voltar pro Chile, quando eu estiver muito velhinha, eu tenho pensado. Apesar de que não é por morrer

lá, porque de qualquer jeito quero ser cremada, mas até há pouco tempo eu conversava com uma irmã que está nos Estados Unidos e que falou que ela pensa muito em que a gente um dia se junte para tomar chazinho, ir a um cinema, nos visitar em nossas casas, nossos filhos terem mais contato... São essas coisas que me levam a pensar: “será que um dia eu vou voltar mesmo?” Não sei, quem sabe? Nada está decidido. Eu quando que pensei que ia vir morar no Brasil? Jamais passou pela minha cabeça de que um dia eu sairia do Chile pra morar fora, nunca, menos ainda pra um lugar onde eu não sabia uma palavra do idioma. Aliás, a questão do idioma foi uma das minhas preocupações antes de vir pra cá, eu ficava pensando “em que que eu vou trabalhar quando não falo o português?”. Foi uma grande barreira para mim, mas nunca desisti.

No ano 85 eu comecei a trabalhar na parte de faturamento no Diário do Povo, antigo jornal de Campinas, até que soube que precisavam de alguém que falasse espanhol na Mercedes Benz, onde trabalhei como secretária de exportação durante 14 anos. Então não estou arrependida, de jeito nenhum. Eu sei muito mais do Chile hoje, estando fora, do que poderia saber estando lá dentro. Sei muito mais sobre tudo o que você perguntar, quanto a lugar, quanto a clima, quanto aos seus prêmios Nobel de literatura... No ano passado foi feito um concurso de *cueca* em São Paulo e o casal vencedor viajou pro Chile para competir com mais 10 países, e o casal daqui do Brasil ganhou o 1º lugar! Os dois nasceram aqui, mas são filhos de chilenos, e foram lá e ganharam o campeonato da dança nacional chilena, isso é um orgulho pra gente, de ver as crianças que nascem fora do Chile e que conseguem pegar o que os pais estão passando. E inclusive esse que é também nosso intuito na Associação, de poder transferir aos filhos nossas experiências, nossas idiossincrasias, nossas raízes. Temos conseguido com alguns, não com todos, mas sempre há uma sementinha, temos que estar sempre plantando uma sementinha...

A minha vida de emigrante tem sido muito boa nesse sentido, muito rica, mas também até hoje eu penso que tirei dos

meus filhos algo que não tem como substituir, que é o carinho da família. Os avós, os tios, os primos... Acho que é uma coisa que todo emigrante tem dentro do coração, de ter privado os filhos dessa convivência familiar. Uma das coisas que dói mesmo é isso de você chegar num país estranho onde não tem ninguém, nenhum familiar sanguíneo, e acredito que foi por isso mesmo que conseguimos formar uma associação de chilenos, uma comunidade, porque aí esses novos amigos passam a ser os tios dos meus filhos e eu passo a ser a tia dos filhos dos outros. Não somos de sangue, mas o fato de sermos chilenos, o fato de vivermos juntos, é como se essa comunidade viesse substituir em parte um pouco a família que a gente deixou. Essa é uma das coisas mais dolorosas pra mim, pensar que eu tirei a convivência de meus filhos com seus avós, quando sempre os avós são tão amorosos e dão o melhor para os netos, eu acho que isso fez falta pros meus filhos. Poderia ser um dos arrependimentos de ser emigrante.

Na realidade, a emigração só me fez bem para crescer como pessoa. Muitas experiências de vida, muita coisa que tive que sobrelevar, que passar por cima. E quando eu viajo pro Chile, eu mato toda a minha saudade, como tudo o que aqui não tem, danço cueca com meus sobrinhos, canto... Na vida tudo é um aprendizado. Eu acho que a minha vida de emigrante me ensinou muita coisa, muita coisa nova, e que de repente até agradeço a Deus por isso também!

Alejandro Hormazabal

*Eu vim pra cá de férias, pra conhecer
o povo, ver como é que era o Brasil,
e eu me apaixonei!*

(Entrevista de outubro de 2008)

Eu me chamo Alejandro Hormazabal, nasci em *Santiago* em outubro de 1972, um ano antes do Golpe Militar. Venho de uma família que são músicos, por parte de mãe, e que por parte de pai todo mundo trabalhava no aeroporto. Eu morei em *Santiago* com meus pais até eles se separarem, daí meu pai ficou em *Santiago* e eu fui morar com minha mãe em *Chillán*, uma cidade no sul do Chile. Eu tinha mais ou menos cinco anos de idade e para mim era uma situação muito estranha porque eu sabia que eles eram separados, mas eu sentia meu pai muito presente, ele viajava todo final de semana pra me visitar, então o final de semana era nosso praticamente, e eu com minha mãe tínhamos uma certa birra entre nós, a gente brigava bastante... Na verdade, o que acontecia é que eu sempre fui meio revoltado, questionador, então pela idade que eu tinha eu questionava muita coisa e minha mãe de repente não sabia lidar com isso. Eu fiquei morando com ela até uns dez anos de idade mais ou menos, até o dia que eu falei pro meu pai “olha, quero ir com você”, peguei minhas coisas e fui morar com ele.

Aí eu comecei a estudar em *Santiago*. A primeira escola que eu estudei em *Santiago*, que era pertinho da minha casa, era uma escola enorme! Mas enorme mesmo, mais de dois quarteirões, tinha até um bosque lá dentro. Não tinha luxo, mas tinha estrutura, era como se fossem três escolas dentro de uma, dividida em três locais: pra criançada, pro pessoal da 5ª a 8ª série e pros mais velhos. Dentro da escola você podia andar pela escola inteira, mas por fora cada parte tinha uma porta de entrada diferente. Uma das coisas que eu lembro até os dias de hoje é que era uma escola muito boa e do governo. Depois eu quis mudar dessa escola pra outra que era melhor ainda, o *Colégio Chile*, que era uma escola particular e era outro tipo de ensino, tinha um monte de coisas que a outra não tinha, por exemplo, se naquela primeira escola tinha um computador velho, no *Colégio Chile* tinha uma máquina nova. A especialidade dessa escola era preparar o pessoal pra faculdade, então ela era exigência pura, se você reprovasse ou bagunçasse você tinha muitos problemas, você era expulso da escola, não tinha conversa! E lembro que eu sabia que eu não tinha condições no sentido da preparação para entrar nessa escola, porque não era chegar e se matricular, tinha que passar numa prova, então eu comentei com um professor de Matemática e ele falou para mim “tudo bem, você vai vir todo sábado de manhã e eu vou te dar aula particular de graça”. Ele era casado com uma professora de Castelhanos e esses dois professores iam lá de sábado de manhã na escola e me davam aula pra me ensinar, pra me preparar pra aquela prova. Essa foi a escola onde eu estudei praticamente minha vida inteira e ela era assim: uma escola boa, que eu adorava, uma escola bem gostosa!

Quando eu fui morar com meu pai em *Santiago*, a minha irmã mais nova ficou com a minha mãe em *Chillán*, então ela tem a criação do lado da mãe e eu tenho a criação do lado do pai. Do lado da família do meu pai é uma família meio que italiana, todo mundo junto, todo mundo se ajuda, se alguém precisar de alguma coisa todo mundo faz um mutirão, mesmo que não tenha dinheiro todo mundo dá um pouquinho, e você se abraça, você dá beijo, aquela coisa de toque. Do lado da minha mãe é diferente,

é cada um por si e são pessoas que não são de contato. Então eu nunca fui muito próximo da minha irmã, só agora há alguns meses que ela entrou em contato comigo por Internet... Um dia ela falou que estava chateada comigo porque eu não dava muita bola pros meus sobrinhos. O problema é que eu nem conheço os meus sobrinhos, eu sei que tenho sobrinhos, mas ela nunca me mandou uma foto deles, como que eu vou ter alguma coisa? Como eu posso ter sentimento por alguém que eu não conheço, que eu nunca vi? Então ela reclamou, mas ela nunca tinha feito o mínimo que era mandar uma foto dos meninos pra mim. Aí eles falam que eu não tô nem aí com a família, não é que eu não tô nem aí, simplesmente é que eu não tive a oportunidade de conhecer o resto da família. Na verdade, o conflito maior que eu senti foi esse, quando eu chegava lá em *Chillán* eu sentia um choque muito forte por falta de carinho, de interesse, e chegou uma época que eu falei “não vou mais, porque eu me sinto mal”, e parei de visitá-los. Por isso que há mais de 18 anos que eu não vou pra lá, há mais de 18 anos que não vejo a minha mãe.

Hoje em dia a gente entra em contato por Internet, usa câmera, mas é aquela coisa, eu não sinto falta porque eu saí muito pequeno do lado da minha mãe. Naquela época sim eu sentia falta, eu queria que ela fizesse a mesma coisa que meu pai fazia quando eu morava em *Chillán*, de ir visitar no final de semana, só que ela não fazia. Então eu senti essa diferença, essa falta de interesse, e era assim, só um cartão uma vez por ano, de natal ou de aniversário. Então eu perdi o contato com minha mãe há muito tempo e com meu pai eu tenho um contato que é completamente diferente. Completamente diferente! Ele é uma pessoa que foi minha mãe e meu pai ao mesmo tempo, então tem aquela coisa assim de pai mesmo, por exemplo, se eu tô mal não preciso nem ligar pra ele, ele liga à noite e pergunta o que que tá acontecendo, ele fala “eu te conheço, você é meu filho”, tem esse contato forte. Existe isso porque eu fui criado com ele, ele que me deu os valores, ele que me ensinou a ser o que eu sou hoje em dia, o que é certo, o que é errado, e ele que me acompanhou a vida inteira praticamente, então é outra coisa, não tenho nem palavras pra

falar. Isso tudo apesar da gente estar longe, porque eu não o vejo faz uns 8 anos... Mas agora que vai nascer uma neta dele, minha filha, ele prometeu que vem para o Brasil, não vai poder ficar muito tempo aqui, mas vem!

Uma discussão que eu tinha com a minha mãe era o lado político dela, porque minha mãe casou com um militar. Eu nunca fui assim de frequentar partido político, mas as minhas ideias eram mais de esquerda e as ideias dela eram de direita. Então, por exemplo, eu chegava lá em *Chillán* de férias e queria colocar uma música de um cantor que era proibido no Chile na época, e eu colocava! O cara chegava em casa, ele tinha um troço, imagina, ele militar e escutando esse tipo de música! Então algumas brigas eram por isso, política entre aspas, não era nada assim tão grave. Mas para se ter uma ideia, minha mãe tinha uma foto do Pinochet na sala!

Essas são algumas lembranças que eu tenho desse período de ditadura no Chile. Lembro da época do *Sí* ou do *No*, que foi a época que o Pinochet fez aquele plebiscito, colocou que *Sí* era para ele ficar ou *No* para ele sair. E era protesto direto, era violento o negócio, aquele cheiro de pneu queimado, o cheiro daquela bomba, você saía pra rua e sentia aquela pimenta ardida, o pessoal desligava a força e você via o helicóptero do exército em cima com um foco de luz procurando alguém fazendo alguma coisa... Lembro das pessoas com aquele medo do exército entrar na sua casa procurando algo, que isso era muito comum, eles entravam na sua casa de madrugada procurando alguma coisa, pegavam os homens e iam embora e nunca mais você via, entendeu? Esse era o maior medo, mas como minha família nunca foi nem sequer de ter leituras desse tipo, livros contra o governo, nada, então a gente não tinha medo de nada porque não tinha nada que temer também.

No ano de 1991 eu vim pela primeira vez ao Brasil. Eu já tinha família em Campinas, um tio e uma tia que moram aqui há mais de trinta anos. Eles vieram na década de 70, mas não foi por questão política, na verdade eles vieram por uma questão de oportunidade, porque naquela época o Brasil tinha um déficit

muito alto de engenheiros e meu tio que é engenheiro ele veio, entrou aqui no Brasil e foi muito bem-vindo. Aí eu vim pra cá de férias, pra conhecer o povo, ver como é que era o Brasil, e eu me apaixonei! Adorei o clima, a comida, o povo, aquela mistura de raças, a língua... O idioma é uma coisa que eu já gostava muito, pra se ter uma ideia, eu aprendi português bem antes de vir pra cá, eu escutava uma rádio que era do Rio Grande do Sul só com a intenção de poder entender o português e eu também lia Jorge Amado, que o meu pai tinha a coleção completa do Jorge Amado. Pelo fato de ter família aqui, a gente começou a ter contato com o português. Para mim era um desafio poder falar outra língua, porque eu também sempre gostei muito de estudar idiomas e o português é uma língua que eu gostava muito, e gosto ainda. Então eu fui atrás, aos poucos eu comecei a ler, peguei dicionário, lia Jorge Amado, comprei um “dicionário baianês” pra poder entender o que esse autor escrevia.

Quando eu vim pra cá eu tava na escola ainda, acho que eu não tinha nem 18 anos porque tive que vir com a autorização dos meus pais. E era aquela coisa, primeira vez que eu saía do meu país, eu cheguei aqui no Brasil praticamente sem contar pra ninguém, peguei um ônibus do Chile e desci em São Paulo na rodoviária do Tietê, uma cidade totalmente diferente. Era 23 de dezembro às 8 horas da noite, imagine o que era aquilo, véspera de natal! O Tietê lotado, eu não sabia onde que eu estava parado, eu não entendia ninguém, peguei um ônibus e vim pra Campinas, da rodoviária de Campinas peguei um táxi e cheguei na casa da minha tia, ninguém acreditava que eu tinha feito isso! Com medo, mas eu gostava, então era aquilo que eu queria!

Eu fiquei quase 6 meses em Campinas com a minha tia. Daí eu voltei para o Chile pra terminar a escola, que faltava mais um ano. Quando eu cheguei lá, fui chamado pro exército. O exército foi uma brincadeira de mau gosto! Eu fiquei dois anos servindo, na cidade de *Iquique*, que fica no extremo norte do Chile. Quer dizer: eu cheguei em *Santiago*, me pegaram e me levaram pro norte do país. Eu me apresentei, fizeram os exames, tava tudo certo, tudo apto, já mandaram comprar uma lista de porca-

rias e no outro dia eu tava viajando. Foi muito rápido, não deu nem tempo de fazer nada. E na verdade eu não queria ir, mas fui obrigado. Ainda a sorte minha, sorte entre aspas, foi que eu entrei numa época de transição, o Pinochet tava mexendo num negócio, e em vez de ficar um ano só, acabei ficando dois. Mas foi uma experiência boa, eu fui misturado com pessoas que eu não estava acostumado a ver, por exemplo, você perguntava pro pessoal o que que eles faziam antes de entrar no exército e eles respondiam coisas do tipo “ah, eu roubava bolsas na cidade”. Eu olhava aquilo e pensava “onde que eu estou?”, eu me sentia como se tivesse numa prisão, porque cada um que eu ficava bobo! Tanto assim que no começo eu tive meio que problemas com o pessoal, porque eu tinha os meus costumes, eu gosto de leituras, de teatro, eu gosto de certas coisas que o povo em geral não gosta, isso incomodou um pouco. Então o que que eu fiz: tinha um rapaz lá que era enorme, um gigante, e eu como não sou grande tamanho pensei “aqui vou apanhar”.

A gente recebia um salário do exército, bem baixinho, e eu recebia também um dinheiro que o meu pai enviava pra mim todo mês, então eu sempre tinha um dinheiro disponível, enquanto eu saía pra almoçar num restaurante o povo ia comer pão na padaria. Como eu me senti meio acuado, eu chamei aquele cara enorme, que era pobre, e ofereci o meu salário do exército pra ele cuidar de mim, não deixar ninguém encostar em mim nem mexer nas minhas coisas... O roubo que eu mais senti lá foi uma fita do grupo Engenheiros do Havaí, “O Papa é Pop”, eu acho. Na época era fita, imagina! E eu levei pro exército porque eu gostava, eu queria ter contato com o português e os caras me roubaram, mas o pior é que eles não roubaram a fita por causa da música, eles roubaram simplesmente pra gravar em cima outra música! Então depois que eu fiz aquele acordo, os caras não mexiam mais comigo. Depois você também vai fazendo amizades com o pessoal, vai conhecendo aos poucos, acho que eu também discriminava muito eles no começo, mas lógico que cada um tem seu grupo, sempre tinha os mais bagunceiros, os que aprontavam, e eu não participava dessa turma.

Esses dois anos de exército foram dois anos assim bem difíceis pra mim, porque eu tava longe de Santiago, não podia viajar todo final de semana. O bom que eu fiz foi o seguinte: como eu não queria ficar o dia inteiro fazendo guarda, eu não queria ficar parado 24 horas por dia cuidando de uma coisa que eu não me sentia à vontade, porque eu era contra o governo, eu fui pedir autorização pra estudar. Falei com o comandante e ele autorizou, ficou sendo meu apoderado. O apoderado é uma pessoa que vai na escola pra ver se o aluno realmente está comparecendo nas aulas, pra ver as notas, pra saber como que funciona. E pra mim era vantajoso estudar porque além de terminar a escola, eu não poderia mais trabalhar de madrugada, que era ficar de guarda. Então durante a semana eu trabalhava no exército de dia, estudava à noite, e no final de semana que todo mundo saía eu tinha que ficar de plantão 24 horas direto. Foi o preço que eu tive que pagar. Mas foi bom, porque eu estudei realmente, era o último ano de escola que faltava para mim e eu terminei, tirei as melhores notas pra ninguém colocar defeito e ainda convidei o diretor do exército pra minha formatura! Isso foi bom porque no segundo ano eu fui trabalhar direto com ele. Quer dizer: eu não usava mais uniforme do exército, eu trabalhava o dia inteiro na rua fazendo tudo o que é papelada, como se fosse um *office-boy*, e eu ficava sabendo das coisas primeiro que ninguém, porque tudo que é papel que tava escrito “segreto” tava na minha mão, secreto pra eles, porque eu lia! O bom mesmo é que eu não tinha que vestir mais aquela roupa e os finais de semana eram livres para mim.

Só que durante esse tempo todo eu voltei só uma vez pra minha casa, porque *Iquique* é muito longe de *Santiago*, são quase dois mil quilômetros. Mas a cidade é uma cidade maravilhosa, uma cidade muito boa de praia no norte do Chile, então clima bom, não tem chuva, praia direto, era o lado legal! Depois de tudo isso até que foi bacana porque se aprende a ficar mais tempo longe da família, mas eu acho que foi muito tempo também, acredito que é tempo perdido pra quem está estudando, pra quem já tem coisas na cabeça...

Depois que eu terminei o exército prestei vestibular e fui fazer Comércio Exterior, que a minha intenção era trabalhar com línguas, idiomas. Só que eu descobri que não era aquilo que eu queria, desisti e fui fazer Música. Como eu tinha ingressado por um sistema diferenciado, eu não ia pagar nada, mas também teria que estudar dez anos pra me formar. Só que isso eu só fiquei sabendo no meio do caminho, quando eu já tinha estudado quase três anos de Música, daí eu parei! Meu pai, que já não tinha gostado da minha ideia de desistir de Comércio Exterior, falou: “agora você vai fazer o que eu mandar”, e mandou eu estudar um curso técnico de Ar Condicionado e Câmaras de Frio, porque ele tinha uma empresa nesse ramo. Aí eu estudei o que o meu pai falou!

No dia que eu me graduei, eu fui conhecer o Chile inteiro. Peguei uma mochila, um violão e fui de norte a sul, conheci o país inteiro! Foram seis meses viajando, sem nada no bolso, só tocando em barzinhos pra ganhar o suficiente pra continuar a viagem. Foi uma viagem maravilhosa, porque eu conheci o Chile inteiro! No norte do país foi mais rápido porque é uma região mais complicada, pelo fato de ser fronteira com Peru e Bolívia o povo é muito desconfiado, então ninguém dá carona pra ninguém, é mais difícil. Agora o sul é outra coisa, você esticou o dedo e todo mundo para, você pode dormir em qualquer lugar. Por exemplo, se eu não tinha onde dormir, eu pedia pra dormir no quintal de alguém com a minha barraca, dormia uma noite, levantava e ia embora. E o povo é diferente, eles te dão café da manhã, é outra mordomia! Conheci muita gente lá no meio do caminho: chilenos, argentinos, brasileiros... E já nessa época eu falava um pouquinho de português, então eu achava o máximo encontrar com brasileiro. Eu fiquei uns seis meses assim, viajando pelo Chile, que é um país lindo. Depois eu voltei pra *Santiago* e comecei a trabalhar com meu pai na empresa dele.

Em 1997 eu vim pro Brasil de novo, pra uma festa de 15 anos que eu tinha sido convidado, no Rio Grande do Sul. Eu acabei ficando uns quatro meses aí, porque eu comecei a acompanhar o pai dessa menina no trabalho, que ele tinha uma casa

noturna. Quando eu resolvi que ia voltar pro Chile, liguei pra minha tia de Campinas para me despedir e ela falou “não acredito que você tá aqui no Brasil e não vai vir pra cá”, eu falei “mas eu tô sem dinheiro, eu tô voltando porque eu tenho a passagem, mas acabou meu dinheiro”, aí ela me enviou o dinheiro pra passagem pra Campinas.

Cheguei em Campinas e já no segundo ou terceiro dia eu fui visitar uma amiga chilena, justamente quando tocou o telefone dela e era uma pessoa de uma escola de línguas da cidade de Capivari, essa pessoa estava procurando urgentemente um professor de espanhol. Aí eu pedi pra ela me indicar, ela me indicou e eu fui lá fazer uma aula-teste. Eu nunca tinha dado aula, peguei um livro, preparei uma coisa, peguei um ônibus sem saber muito, que eu não conhecia a cidade, e fui. Cheguei lá, conheci a dona, fiz a entrevista com ela e fui contratado. Eu viajava todo dia de Campinas pra Capivari, tinha pelo menos umas duas aulas por dia. Aí eu comecei a investir nesse serviço, estudei pra poder me preparar pra dar aulas, meu pai mandou uns livros do Chile pra mim, e eu descobri que era isso que eu gostava, que eu gostava de dar aulas, entendeu? Eu me sentia à vontade! Foi a partir daí que eu fiquei no Brasil. Eu comecei por aí, fui indo, fui indo, trabalhei uns sete anos nessa escola. Como aquelas aulas não eram muita coisa e eu precisava de mais, eu comecei a trabalhar numa escola de Campinas, no bairro do Cambuí, e o dono gostou do meu trabalho, tanto assim que eu trabalho com ele há mais de dez anos. Depois que eu saí daquela primeira escola, eu tive uma proposta de trabalhar em outra escola de Capivari, uma escola grande e renomada, onde eu estou há uns seis anos. Ou seja, eu estou lecionando espanhol numa mesma escola há mais de dez anos e na outra há seis.

Então em 1991 eu vim pela primeira vez ao Brasil, passar as férias na casa daqueles meus tios chilenos que já moravam aqui. Voltei em 1997 e fiquei. Há 12, 10 anos atrás eu me considerava um imigrante, hoje não. Hoje eu sou mais um, eu sou mais um... É por isso que às vezes eu até fico revoltado com o povo daqui, porque eu que sou de fora faço coisas que o povo

deveria fazer e não faz, por uma questão de cultura, por uma questão de costume. Por exemplo, eu já vi muito cara pulando roleta de ônibus pra ir num pagode, mas eu nunca vi pulando roleta pra ir na biblioteca. Então não vem falar pra mim que o governo tem a culpa não, grande parte é nossa também! Por isso que às vezes eu brigo por essas coisas, apesar de que eu tenho plena consciência de que eu não nasci aqui. Quando alguém me discrimina nesse sentido eu tento nem dar muita bola, não esquentar muito. Eu já escutei papos como “você não tem nada que falar, você não é daqui”, ou sei lá, “o que que você tá fazendo aqui? Vai pra sua terra”, mas são poucos, eu não posso generalizar todo mundo por causa de uns ignorantes. Então eu não dou bola, eu vou pra frente e pronto, não tô nem aí! Eu tô cumprindo o meu sonho. Assim como o brasileiro tem o sonho americano, de morar nos Estados Unidos. Qual que é a diferença: ele vai atrás de dinheiro. Eu não vim atrás de dinheiro, eu vim atrás do povo, eu vim atrás da língua, não queria dinheiro. Então não é uma questão de trabalho, não é uma questão de dinheiro, que se fosse por dinheiro, sinceramente, o negócio caiu muito. Hoje o negócio tá difícil, cada vez mais difícil, e ninguém te ajuda. Então se fosse por dinheiro eu não estaria aqui sinceramente. O pessoal fala pra mim “Alejandro, por que não Europa, por que não Estados Unidos? Por que veio pra um país tão difícil como o Brasil?”, eu falo “porque eu me apaixonei pelo país”. É um país que eu acredito, que eu acho que se não fosse por toda essa porcaria política que existe aqui, se realmente fosse sério, esse país teria tudo pra ser Primeiro Mundo. O problema é o que tem por trás disso... Por exemplo, o nível de corrupção do Chile em comparação com o do Brasil é absurdo de diferente! Lá existe corrupção, mas é mínimo. Então aqui é absurdo! Lamentavelmente é assim, mas eu gosto, pelo clima, pelos costumes, pelo povo, pela mistura de raças... O povo brasileiro em geral é um povo muito legal, eu nunca tive nenhum problema com brasileiro, pelo contrário, eu me senti muito bem recebido. O clima é uma coisa que eu gosto muito, porque eu não gosto daquele frio que faz no inverno chileno. A língua eu adoro, que apesar de

dar aula de Espanhol, eu fico escutando português o dia inteiro. E o país em geral é um país maravilhoso. Então essa é uma paixão que eu tive desde pequeno e eu falei “é lá que eu quero morar”, aí eu vim pra cá e eu acabei ficando aqui, entendeu? Por causa disso que eu vim pro Brasil, porque eu tive contato e me apaixonei pelo país.

Até mesmo a minha intenção sempre foi casar com brasileira, lógico! Eu namorei com brasileiras, morei com brasileira, tava separado da minha última ex-namorada quando comecei a frequentar o clube dos chilenos, a Associação. Eu comecei a participar e comecei a conhecer o povo de lá, namorei também várias meninas de lá. E depois de um bom tempo eu conheci a Marcela, que é chilena! E foi assim: eu a vi uma vez, acho que foi no aniversário de casamento de um tio dela, ela estava aqui no Brasil para este casamento, e aquela menina me chamou a atenção. Só que eu só tive a oportunidade de conhecê-la só depois de uns dois anos, quando ela veio de novo pro Brasil. Aí a gente foi se conhecendo mais e a gente acabou ficando na praia, numa viagem de final de ano. Depois disso, ela voltou pro Chile e eu fiquei ligando pra ela durante três meses todos os dias, até convencê-la a vir pro Brasil de novo. E agora faz mais ou menos quatro anos que moramos juntos e vamos casar, ela está grávida de uma menina, minha filha!

Agora sim ficar no Brasil vai começar a ser uma questão de dinheiro, porque agora eu vou ter um filho, eu preciso priorizar certas coisas. Hoje a situação mudou, mas ainda é aquela coisa, eu não vim com aquele interesse de ganhar dinheiro e voltar, tanto assim que eu moro aqui há mais de dez anos e eu não tenho nada, eu não tenho casa própria, eu não tenho carro. Pode ser que eu tenha que voltar pra minha terra ou ir embora pra outro lugar onde eu possa pagar as contas e viver em paz. Por enquanto eu não penso em voltar pro Chile ainda, mas a Marcela pensa. Ela sente muita falta de lá, porque ela é muito apegada à família, e a família dela tá toda lá. Eles estão chegando agora para o nascimento do nosso filho, mas todo mundo mora lá. Eu por não ser muito apegado à família, não sinto tanto. Então resolvemos

fazer um trato: depois que nascer a nossa filha, vamos ficar mais dois anos no Brasil e daí vamos pro Chile, aí a gente vai decidir se fica de vez no Brasil ou se fica de vez no Chile. Se daqui dois anos o negócio aqui melhorar de um jeito que eu ache que realmente vale a pena, ficamos. Se daqui dois anos eu vou pro Chile e vejo que lá eu consigo ganhar mais, simplesmente ficaremos lá. E como eu gosto tanto do Brasil, posso vir de férias uma vez por ano pra cá. Não vai ser a mesma coisa, mas hoje em dia tem a Internet, tem televisão, pagando você pode assistir a Globo 24 horas por dia, pode ver o jornal...

Se Deus quiser vamos ficar aqui, se não vamos onde estiver melhor. É um trato que a gente fez, mas vontade de voltar pro Chile eu não tenho. A não ser que acontecesse alguma coisa muito grave, mas em geral eu não sinto falta, nem da comida, de nada. Eu acho que nasci brasileiro e não sabia! A gente se acostuma tanto aqui no país, que a última vez que eu fui pro Chile eu era gringo na minha terra. Eu era um gringo na minha terra! Eu era chileno, mas pra mim tudo era novidade, por exemplo, o pouco que falava na TV de política, eu não entendia. O povo contava uma piada, eu não entendia. Mas se eu escutasse uma piada do Maluf, eu já ria. Então eu acostumei com o Brasil, com tudo.

Mas eu tenho um lado bem chileno também, que é a minha participação ativa na Associação de Chilenos Residentes em Campinas Pablo Neruda. Por gostar de música, eu sempre participei aí na parte musical, eu toco vários instrumentos e hoje eu sou o diretor musical. Como funciona: durante um ano inteiro, praticamente todo domingo tem ensaio. Todo domingo é sagrado, não tem conversa! Tem que gostar muito porque é um sacrifício, o povo não entende às vezes, por exemplo, ele vai numa festa e vê uma apresentação de 20 minutos, “nossa, que lindo!”, mas ele não sabe quanto esforço e dedicação tem atrás disso. Então a gente se prepara o ano inteiro pra montar quadras de músicas do Chile, pras apresentações, pra poder mostrar pro povo brasileiro o que a gente tem de cultura, de folclore. É uma coisa que eu amo fazer e quando a gente vê que a apresentação deixou o público deslumbrado, isso pra nós já valeu a pena! Na verdade

nossa *agrupação* vira uma família, você acostuma a ir todo final de semana pra lá, você sente falta do outro, a gente faz churrasco, brinca, briga, todo mundo gosta! É o único local onde a gente fala a nossa língua, apesar de que tem muitos brasileiros que participam também, então a gente mistura português e espanhol, vira meio que bagunça, mas é o único local onde a gente faz aquilo e faz com vontade mesmo, de mostrar a cultura do nosso país.

Este mês estamos organizando uma festa latina na Associação que é pra arrecadar fundos pra minha documentação, que eu não consegui regularizá-la ainda. Então a gente participa disso, a Marcela que não dançava agora dança, e amanhã a minha filha vai entrar e vai dançar também, vai ser por aí...

Entrevista de outubro de 2010

“É estranho, depois de 15 anos morando aqui no Brasil, eu vou chegar na minha terra e vai ser tudo novo pra mim: trabalho novo, vida nova, hábitos novos...”

A minha filha, Bruna, nasceu em dezembro de 2008 e foi uma dor de cabeça pra fazer a documentação dela, porque quando ela nasceu eu ainda estava sem meus documentos e o pessoal do cartório não queria registrar minha filha sem que eu apresentasse o meu passaporte. Eles foram um pouco chatos nisso, que por lei ela tem o direito a ter a documentação, mas o cara do cartório queria o meu passaporte e eu só tinha a *identidad*, então eu tive que ligar pra várias pessoas pra me ajudarem, liguei pra Pily, que é uma amiga chilena, e ela foi a única pessoa que conseguiu resolver o pepino. Ela se fez passar por representante público e falou dos direitos humanos, aí o cara liberou, mas mesmo assim eles não queriam registrar a minha filha...

Depois eu também registrei a minha filha no consulado chileno pra ela poder ter a dupla nacionalidade e de fato agora ela já tem as duas carteiras de identidade, a do Chile e a do Brasil, então ela entra no Chile como chilena e no Brasil como brasileira.

Logo que a Bruna nasceu veio a anistia e aí eu fui me recolher, eu e minha esposa, a Marcela, mas tiramos a documentação de “provisório”, porque a anistia não concede a “permanente”. Eu até poderia ter tirado a documentação “permanente” depois

que a minha filha nasceu aqui no Brasil, mas como teria que pagar uma multa, eu tirei pela anistia mesmo.

Em dezembro de 2009, a gente foi pro Chile passar o Natal e o Ano novo lá. Fazia 10 anos que eu não ia pro Chile! 10 anos! E as coisas mudaram um pouco... As coisas mudaram um pouco porque de fato, até essa data, o contato com minha mãe era zero, e eu acabei indo pra casa dela, acabei revendo tios e tias que eu não via há mais de 25 anos praticamente, acabei conhecendo todos os meus sobrinhos que eu não conhecia... Olha como que é, a Bruna fez uma coisa muito legal, porque agora o foco é ela, então a relação que eu tinha com a minha família lá do Chile mudou completamente, agora eles estão todos preocupados de como estão as coisas aqui, como que tá indo, como que tá a Bruna, eles mandam e-mail toda semana, mandam fotos... Mudou completamente daquilo que era, de não ter nenhum tipo de contato passou a ter um contato que é praticamente diário! A minha mãe toda semana pergunta pela Bruna, manda e-mail, pede fotos, então foi um reencontro interessante, até me surpreendeu...

Bom, foi tudo lindo e maravilhoso nossas férias no Chile, mas aí voltamos pro Brasil, voltamos pro trabalho, e o negócio começou a cair, cair, cair, cair... Tanto que na data de hoje nós estamos praticamente voltando pro Chile, pra refazer a vida. É uma coisa que me deixa um tanto preocupado, porque eu moro há 15 anos aqui no Brasil, e eu como turista no Chile é lindo, maravilhoso, mas morar lá, não sei se vai dar certo. Na verdade, eu to indo por uma questão muito simples, não só pelo fato do trabalho, que trabalho eu tenho aqui, o que eu não tenho ainda é a segurança de poder ter um registro em carteira, de poder ter um décimo-terceiro salário, de poder ter umas férias remuneradas, de poder ter esses direitos básicos, porque na área que eu trabalho aqui no Brasil, que é professor de Espanhol em escolas de idiomas, não tem isso, e aí o que acontece: todo ano eu me programo, faço um planejamento, mas chega no final do ano, todo dinheiro que eu juntei, eu tenho que usar nos três meses que eu fico parado, que são os meses de férias escolares. Então eu não tenho como comprar um carro ou uma casa, e isso até que

não me incomodava tanto há um tempo atrás, só que agora eu tenho que pensar na minha família, na minha esposa e na minha filha, eu preciso ver o futuro dela.

Esse é o motivo da gente estar indo embora pro Chile, é simplesmente por causa dessa insegurança e porque lá eu sei que eu consigo comprar uma casa ou comprar um carro, alguma coisa assim, pelas facilidades que eu tenho lá. No começo a gente vai morar com o meu pai, em Santiago, não vamos ter que pagar aluguel, e acho que vai ser muito bom pra ele também, porque ele lá mora sozinho, então ele vai ficar mais feliz de ter a Bruna do lado dele, de poder ver a neta crescendo. Eu também vou poder trabalhar com ele se precisar, na empresa que ele tem, mas já to mandando currículo pra tudo que é lado, quero fazer outras coisas. O ruim é que eu não sei nem com quanto dinheiro a gente pode viver lá, não tenho nem ideia de quanto que eu preciso ganhar. O pessoal fala “ah, eu vou te pagar X”, eu não sei se isso é bom ou se é ruim, eu to bem por fora. A sorte minha é que eu não vou ter que pagar aluguel, não vou ter que pagar muitas outras coisas, que logo de cara o meu pai vai me dar uma força pra eu poder comprar as coisas rápido, acho que uns 5 anos no máximo já dá. Nesse intervalo eu tenho que ver se eu vou me acostumar lá, se a Marcela vai se acostumar, se a Bruna vai se acostumar. E senão, a gente vem de volta, não vai ter jeito. Mas aí a gente volta com uma casa na mão, volta com um carro na mão, volta com alguma coisa! Na verdade, eu não queria voltar pro Chile, mas vamos testar, e como a minha esposa, desde que ela veio parar aqui no Brasil, sempre jurou que queria voltar pra lá, então a gente vai.

Uma coisa que eu penso é que no ano da Copa no Brasil eu volto de qualquer jeito! Apesar de que eu odeio futebol, mas eu pretendo voltar só pra ver a farra que vai ser aqui! Então é uma coisa que eu pretendo fazer.

Mas é aquilo, eu to voltando pro Chile com um sentimento assim de pena que eu queria mais, mas eu sei que eu preciso mudar as coisas, então eu vou atrás de tudo que eu preciso e se não der certo eu volto pra cá. Eu volto! O bom é que agora tem

uma brasileira no meio, então documento pra mim já não é mais problema, apesar que eu to com o documento de “provisório”, se eu for embora agora eu vou perder o documento, mas se eu quiser voltar, eu posso voltar e pegar o documento.

Vamos ver o que que vai dar. Eu não sei, estou com medo! Eu to estressado até demais por causa da viagem, porque eu tenho que entregar esse apartamento, tenho que ir atrás das passagens, não consegui vender todas as minhas coisas ainda... Tem um computador, a televisão, o som, o rack, as coisas da Bruna que são um carrinho de bebê, o berço, um trocador de fralda... São as coisas que eu não vendi até agora, e se não conseguir vender vou ter que doar pra alguém, não sei. Eu to preocupado com a viagem também, vamos ter que ir de ônibus, são três dias de viagem, não vamos poder ir de avião porque tem muita coisa pra levar pra lá.

O pessoal da Associação Pablo Neruda fez uma despedida pra mim no dia da festa do *Dieciocho*, foi bem emocionante, eu chorei até. Eu também pretendo fazer uma festa antes de ir embora lá com a turma, eu não marquei nada ainda, como eu to na correria, eu preciso ver as minhas coisas primeiro, tem que ser antes de novembro, que eu pretendo viajar em novembro, mas se eu vejo que eu dá pra agüentar mais um mês, eu fico mais um mês e viajo em dezembro, só pra levar um pouco mais de dinheiro. Mas senão, eu vou embora rapidinho. A minha tia também voltou pro Chile, mais de 30 anos aqui no Brasil e ela acabou voltando, é assim. Só que é difícil, principalmente pra quem ta aqui há mais tempo, porque se você tem filhos e se teus filhos casam aqui, se tem netos, daí você não quer largar. Eu acho que na idade que a Bruna ta hoje, com dois aninhos, é uma boa época pra eu poder brincar com esse vai e volta pro Chile, que depois de uma certa época você não pode fazer mais isso. A maioria do pessoal que não vai embora é porque eles já tem tudo aqui, porque abandonar os filhos e os netos não é fácil, então já é um processo mais complicado.

Se você ta bem num local, você não tem porque se mexer, mas quando a coisa não ta tão boa, você tem que tomar uma

atitude e fazer as coisas acontecerem, você tem que ir atrás mesmo, lutar. As pessoas são animais de costume. Então não vai ser fácil, mas a gente tenta. É estranho, depois de 15 anos morando aqui no Brasil, eu vou chegar na minha terra e vai ser tudo novo pra mim: trabalho novo, vida nova, hábitos novos... O bom é que a gente tá jovem ainda, dá pra fazer muita coisa, o problema é quanto já se tem 50 ou 60 anos...

Fazer uma mudança dessas não é fácil, porque não tem trabalho, a não ser que você volte com muito dinheiro e monte uma empresa sua, aí já é um patamar. A maioria do pessoal que voltou do exílio, vê se alguém voltou com um carro vagabundo? Todo mundo voltou com BMW, com Mercedes, ninguém voltou com carro popular! Que esse povo sofreu muitos anos lá fora, mas voltaram com dinheiro no bolso, os filhos falam duas, três línguas...

Isso é uma coisa que me preocupa em relação à minha filha, dela perder a língua, o português. Que aqui em casa a minha esposa fala espanhol e eu falo português, e a nossa filha puxa mais pro português! Por quê? Porque ela assiste TV em português, tudo em português. Então ela não fala “*mamá*”, ela fala “mãe”. Ela não fala “*papá*”, ela fala “pai”. Mas se você falar com ela em espanhol, ela entende, ela sabe o que você ta falando. O que eu não queria é que ela perdesse a língua, então eu to pensando em instalar alguma TV a cabo lá no Chile com algum canal do Brasil pra ela continuar assistindo. E eu vou continuar falando português com ela a vida inteira!

A única coisa que eu queria é que minha filha nascesse aqui no Brasil pela possibilidade dela no dia de amanhã estudar aqui, fazer uma Unicamp, alguma coisa assim. Mas também, chegando uma certa idade, se eu vejo que ela tem condições de estudar lá, eu prefiro que ela fique lá. Eu não vou esconder nunca pra ela o fato dela ser brasileira, agora minha mulher eu não sei, ela tem medo, acho que ela esconderia um pouco, pelo fato da Bruna algum dia falar assim “vou embora pro Brasil” e largar dela, é por isso, não é pelo fato dela ser brasileira, é pelo fato de um dia ela chegar e falar assim “pai, eu sou brasileira e vou lá”...

Rede II

- **Herminda Mercedes Caamaño**
- **Pedro Francisco Rojas Velden**
- **Marianne Fernandez Hazeldine**
- **Osvaldo Oyanedel**

Herminda Mercedes Caamaño

*Como não necessitei sair a trabalhar,
mantenho uma vida como se sempre
tivesse vivido no Chile!*

Meu nome é Hermina Mercedes Caamaño, tenho 62 anos, dos quais faz 33 que estou vivendo no Brasil. Eu nasci em *Concepción*, cidade que fica ao sul de Santiago do Chile, no dia 2 de dezembro de 1946. Fui criada em um lugar muito bonito de *Concepción*, chamado *Parque Ecuador*. Tive uma infância muito bonita e uma adolescência bonita também, só que devido a mudanças de governo meu pai ficou sem trabalho e por isso a situação foi um pouco mais difícil na época da minha adolescência. Mas somado a tudo isso, já tínhamos um terreno, para onde nos mudamos e construímos uma casa, e assim seguimos vivendo em outro bairro.

Meus estudos foram feitos no Instituto Comercial, mas eles foram interrompidos quando eu me casei, aos 18 anos. Tive meu primeiro filho quando eu ia fazer 19 anos, o segundo aos 20 e a terceira aos 22. Os três nasceram no Chile, em *Concepción*. Meu marido, Raul, também é dessa cidade.

Com o tempo, novas mudanças bruscas de governo aconteceram e a situação foi ficando difícil no Chile, o que influenciou no trabalho de meu marido. No começo dos anos 70 já começamos a pensar em migrar, e ele entrou em um plano de emigração para

a Austrália. Quando já estava tudo certo para irmos, saiu eleito presidente no Chile o candidato de meu marido, Salvador Allende, e decidimos ficar, imaginando que haveria uma melhora na situação laboral do país, acreditando que seria “*la solución para el trabajador*”. Mas não deu certo, não aconteceu o que esperávamos. Ao contrário, foi piorando...

Então perdemos a oportunidade de ir para a Austrália e começamos a pensar em algum país latino-americano. Pensamos no Equador e na Venezuela, que na época estavam bem. Só que estes dois países não nos davam segurança de permanência, primeiro teríamos que migrar como turistas e só depois saberíamos se a nossa situação se estabilizaria. Tentando encontramos o Brasil, que tinha bastante fonte de trabalho disponível nessa época e por isso estava recebendo migrantes.

Meu marido foi um dos primeiros que ficou desempregado no Chile depois do Golpe Militar. Ele era soldador, trabalhava no pólo petroquímico de *Concepción*, e esta era uma das profissões que apareciam nas listas dos consulados e embaixadas do Brasil. Como ele tinha um curso técnico, saímos com visto de permanência do Chile para cá, e isto foi o que nos deu segurança. Meu marido tinha essa preocupação, ele não queria sair do Chile com sua família e chegar a um país desconhecido sem essa tranquilidade, principalmente no Brasil que o idioma era diferente.

Ele veio pro Brasil antes de mim, com três colegas, foram pro Rio Grande do Sul, onde havia uma proposta de trabalho. Ficou três meses trabalhando lá e não gostou, então ele voltou pro Chile. Ele veio no ano 74 e voltou em janeiro de 75 pensando que as coisas poderiam ter melhorado em nosso país, mas não.

Então ele voltou pro Brasil. Neste retorno, ele tinha a intenção de ir trabalhar na Bahia, mas ele encontrou em São Paulo alguns colegas de seu antigo trabalho do Chile, houve um êxodo de trabalhadores do pólo petroquímico de *Concepción*. Estes colegas o convidaram para trabalhar em Paulínia, cidade ao lado de Campinas, em uma empresa norte-americana. E foi aí que ele conseguiu um emprego, onde trabalhou 23 anos de sua vida. Por esse motivo estamos vivendo aqui em Campinas, porque nos

estabilizamos, deu certo realmente. Acho que se tivéssemos ficado no Chile, não teríamos conseguido o que temos hoje.

Para mim não é difícil estar em outro país, porque nós já decidimos ficar aqui no Brasil, e na realidade este foi o segundo país que nos recebeu, nos acolheu bem, e onde realizamos muitas coisas que é provável que no Chile não teríamos realizado. Realmente acho que lá não teria dado certo, não havia trabalho na área de meu marido, coisa que ele conseguiu aqui. Eu lamento que perdemos a Austrália, pois acreditávamos que o novo governo, da Unidade Popular, ia conseguir independizar o Chile, uma idéia um pouco ilusória, coisa de jovens que éramos na época. Acreditávamos que a mudança de ideal e de política poderia melhorar a situação do nosso país, mas não sabíamos os bastidores, o que estava por acontecer. E quando veio o Golpe Militar de 73 não ficou nada, as pessoas todas migraram, pelo menos da área que trabalhava o meu marido, então ficou tudo desorientado, cada um saiu pra um lado! Lembro que muita gente foi pro Canadá, a outra opção na época, e nós viemos pro Brasil. Não foi escolhido, mas uma opção que tivemos, e foi onde deu certo nas condições que meu marido pretendia, sair com o visto e vir trabalhar tranquilamente, sem problemas de documentação.

Meus filhos chegaram pequenos aqui, o Ivan, que é o mais velho, tinha 10 anos, o Michell tinha 8 e a Milarka, 6. Para meu gosto, eles se adaptaram bem! Lembro que chegamos numa quinta ou sexta-feira, não sei direito, e na terça-feira eles já estavam na escola. Eu não sabia falar nada em português e fui atrás, perguntei onde tinha uma escola próxima e fiz a matrícula deles, numa escola estadual. Meus filhos contam que na hora do recreio era a metade do tempo eles falando em espanhol e a outra metade do tempo os outros alunos tentando entender-lhes, e que voltavam para a sala de aula sem conseguir entender o que diziam um ao outro! Hoje eu dou risada, mas na época não pensei que eles pudessem ter esses problemas, como se simplesmente mudar de um país para outro fosse uma mudança natural. Eles devem ter sentido a mudança, mas não se notou. Não se notou e já no segundo semestre que estavam aqui tinham um grupo de seguidores, por-

que como eram os únicos estrangeiros que chegaram nessa escola, bonitos e *habladores* que eram, chamavam a atenção!

Dentro de minha casa eu sempre mantive o idioma espanhol, aqui somente se *habla*. Meus filhos *hablan* e falam perfeitamente, enquanto eu fiquei nesse impasse: entender em português eu entendo, mas sempre preferi *hablar* do que falar, porque o falar fica como um castellano mal *hablado*. Há também a idiossincrasia das pessoas, que nos leva a isso, a questionar sempre, porque a idéia em geral dos chilenos é que somos os melhores, e a realidade não é essa, só que eu achava que era importante manter as raízes. Durante todo esse tempo eu mantive também as comidas que tínhamos lá: sempre faço *cazuela*, *carbonada*, *pastel de choclo*, *picarones*... e todos em casa adoram! Nesse aspecto minha cabeça é mais chilena ainda... Eu praticamente sempre estou pensando em comida chilena, nos hábitos chilenos, até a forma que eu criei os meus filhos foi da maneira que se costumava fazer lá!

Geralmente eu penso ainda nos anos 70. Não que eu vivo nos anos 70, mas que eu mudei de casa somente. Como não necessitei sair a trabalhar, mantenho uma vida como se sempre tivesse vivido no Chile! E sempre gira em torno disso, se dirão que eu só faço as comidas que gostamos os chilenos, não é verdade, eu também faço comida brasileira, sempre tem o arroz e o feijão para os meus filhos, afinal eles sim entraram no ritmo brasileiro: meus filhos cresceram, saíram a trabalhar, se casaram com brasileiros, então alguns hábitos também mudaram.

Sou eu quem tento manter na minha casa a forma de ser do Chile, como meu marido também é chileno, sempre foi a nostalgia! É uma coisa consciente, não é algo porque tem que ser assim, mas é porque gostamos. Inclusive pode ser que às vezes eu tenha sido um pouco intransigente em algumas ocasiões, como com minha nora e com meu genro, que são brasileiros, mas eu lhes disse: “você que escolheram meus filhos, então você terão que entender-me!”. Eu não prestei atenção que estava impondo certas coisas a eles, à minha nora principalmente, por exemplo quando ela tomava *té* comigo em dias super calorentos!

Mas também eu acho que é interessante para eles conhecerem uma cultura diferente, para meus netos principalmente, e se eles não *hablan*, entendem, porque eu em minha casa realmente não falo, eu só *hablo*.

Eu voltei a estudar aqui no Brasil, fiz tudo de novo o que eu já tinha feito no Chile, cursei o supletivo do primário ao secundário e com boas notas! Também gostaria de ter feito uma faculdade, eu cheguei a prestar no Chile a prova de aptidão acadêmica no ano anterior á vinda ao Brasil, ia fazer o curso de Oceanografia na *Universidad de Concepción*. Sempre fui inquieta em aprender, sempre fiz cursos disso e daquilo, sou até instrumentadora cirúrgica!

Assim é como foram andando as coisas, conseguimos comprar uma casa, criamos os filhos, vieram os netos... Já vivemos em outras cidades, mas Campinas sempre foi acolhedora e foi onde fomos ficando. Acho que tivemos sorte também, meu marido sempre foi um bom homem, trabalhador, responsável, isso ajudou. E falando em termos econômicos, eu tenho quase certeza que não teríamos conseguido no Chile o que conseguimos aqui. Nesse aspecto o Brasil tem sido um país generoso conosco, as pessoas são muito receptivas, acolhedoras, eu acho que os brasileiros são muito abertos e por isso eu considero muito o povo brasileiro em geral.

Hoje eu não penso em voltar a morar no Chile. Eu sempre dizia que se eu voltasse, iria para o norte, por causa do tempo frio do sul, de onde eu vim, que sempre fez mal para minha saúde. Estamos sempre viajando pro Chile e às vezes no inverno, mas acho que não me adaptaria novamente ao frio. O clima do Brasil me conquistou, entre viver aqui ou no Chile, eu diria mais aqui.

No fundo eu me sinto um pouco dividida, é tão natural, ou seja, eu sou chilena mas sou um pouco brasileira. Não sei se posso dizer brasileira, mas eu não me considero uma imigrante. No dia que saímos do Chile sim, pela situação, foi uma migração que tivemos. Só que eu nunca me senti fora de casa, viemos para cá e seguimos vivendo normalmente. Como meu marido já chegou empregado, eu simplesmente ficava em minha casa, não tinha

aquela obrigação de ter que dar-me a entender a outras pessoas, eu seguia a vida naturalmente dentro da minha casa. A vida social era restritiva também, no começo não tínhamos outros conhecidos na cidade que não fossem alguns chilenos, e todos sempre *hablando* somente! Inicialmente eu saía com o meu marido, que já tinha estado aqui três meses sozinho primeiro, que já conhecia o supermercado e várias coisas. Depois aos poucos eu fui saindo à cidade, conhecendo, ia sozinha ao supermercado, fazia as compras e sabia que tinha que pagar tanto, não foi difícil desenvolver-me. Hoje estou completamente adaptada.

Para mim foi bonito vir pra cá, uma experiência, nunca nos arrependemos. E assim se foi passando o tempo, faz já 33 anos que vivemos aqui. A idéia quando viemos pro Brasil era ficar uns 5 anos e voltar. Não foi o que aconteceu, fomos ficando e nos adaptando, então realmente nossas raízes vão ficar aqui...

Pedro Francisco Rojas Velden

*Metade de minha vida está em Campinas,
estou com 65 anos e cheguei aqui com 30,
acho que sou um pouco mais campinense
que santiaguino, meu coração tá dividido!*

Eu sou Pedro Francisco Rojas Velden, tenho 65 anos, vou relatar um pouco de minha história de vida aqui no Brasil.

Eu nasci em novembro de 1944, nasci em *Santiago* do Chile. Na realidade eu nasci em *Las Condes*, um povoado que ficava perto da cidade de *Santiago*. Hoje em dia isso tudo já se juntou, *Las Condes* agora é um bairro, *una comuna*, mas naquela época era um povoado pequeno, não tinha ônibus nem locomoção pra esse lugar. Minha infância foi muito boa, porque minha família vivia num lugar muito agradável, numa casa muito grande, como se fosse uma chácara, que o meu pai era caseiro. Não era bem uma chácara, no Chile nós chamamos de “*parcelas*”, era um lugar com muitas árvores frutíferas e muito jardim. Então eu tive uma infância muito tranquila, fui muito bem alimentado com frutas e comidas naturais, mas também tinha poucos amigos porque as casas aí eram muito distantes umas das outras.

Meus estudos foram feitos em escola pública e eu morei nesse povoado até meus 14 anos de idade, depois eu tive que sair desse lugar porque não havia aí escola secundária, então tive que ir morar com uma tia em Santiago, a tia Maria, que é muito recordada porque me hospedou em sua casa. E aí fiz meus estudos secundários.

Aos 17 anos eu me apresentei no serviço militar do Chile, me apresentei voluntariamente e gostei muito de ter feito serviço militar. Este serviço durou quase um ano e saí de lá com um grau muito bom, de cabo reserva. Eu poderia ter seguido carreira, ter seguido o curso da Escola de Cadetes, porque prestei uns exames de conhecimentos gerais e ocupei o primeiro lugar nesses exames, mas meu pai não tinha situação financeira para custear o curso. Foi muito boa também essa época, muito bom o serviço militar no Chile.

Antes de entrar no exército eu já trabalhava como operário em uma fábrica de pisos de madeira, depois eu prestei o serviço militar e depois voltei a trabalhar, eu trabalhava de dia e estudava à noite, fazia faculdade. Eu cursei a faculdade de Engenheiro Projetista, estudava na *Universidad Técnica del Estado*, que era uma universidade estatal e que hoje é a *Pontificia Universidad Católica de Chile*. Só que eu não terminei a faculdade, faltaram dois anos para eu terminar e por causa do Golpe de Estado que houve em 1973 eu perdi toda a minha documentação, as faculdades foram incendiadas pelos estudantes e pessoas de esquerda, que eram contrários ao Golpe. Os estudantes de esquerda queimaram muitas universidades naquela época no Chile.

Mesmo sem terminar a faculdade, vim para o Brasil trabalhar nessa área, que aqui no Brasil o que mais valia nessa época era a experiência e o conhecimento que as pessoas tinham, sem comprovação de papel. Lá no Chile eu era especialista em transformadores de força e eu sempre trabalhei numa mesma empresa, onde eu sempre me mantive na liderança, no top da área que eu trabalhava. Eu tinha tanto conhecimento nessa área que eu nunca fui mandado embora, independente do meu pensamento político, tanto com o pessoal de esquerda, que começou a comandar a firma, quanto depois com o pessoal de direita, porque na época depois do Golpe era muita mudança de diretoria, de engenheiros, durava um tempo cada um, mas eu era encarregado da área de projetos e dessa empresa eu não era demitido porque ninguém tinha o conhecimento que eu tinha. Chegavam os engenheiros novos na firma, era eu que ensinava eles! Aí um amigo

meu, que já trabalhava no Brasil, me indicou. Por meus conhecimentos e experiência que eu tinha, a firma me trouxe, era uma firma de Jundiá que se chamava Tusa.

Então eu já vim empregado de lá do Chile, com a documentação feita e a passagem de avião e estadia tudo pago pela empresa que me contratou no Brasil. Os caras aqui não tinham conhecimento, eu sabia mais que todo mundo, o meu salário era muito alto! E no Chile eu não estava desempregado nessa época, eu trabalhava numa grande empresa que era concorrente dessa daqui do Brasil, e eu estava bem lá, era encarregado de projetos da área de transformadores, já tinha meu apartamento e um carro zero, já tinha uma condição de vida razoável.

Não vim pro Brasil por necessidade ou por novas perspectivas, vim mais por aventura, um desafio pessoal. Não enriqueci, acho que se tivesse ficado no Chile eu estaria hoje da mesma maneira que estou aqui no Brasil, ou seja, na mesma condição econômica e social.

Eu trabalhei um tempo nessa firma de Jundiá e depois eu recebi uma proposta de uma firma daqui da cidade de Campinas que dobrou o meu salário, daí eu vim para Campinas. Trabalhei três meses aqui e consegui um mês de férias pra ir para o Chile pegar a minha esposa, com quem na época eu não era casado ainda e com quem eu casei e tive três filhas depois: a Astrid, a Karina e a Vanessa, todas nasceram no Brasil. Então eu vim para Campinas por oportunidade de trabalho e gostei muito, me acostumei muito aqui e não trocava Campinas por São Paulo nem por outra cidade. Metade de minha vida está em Campinas, estou com 65 anos e cheguei aqui com 30, acho que sou um pouco mais campinense que santiaguino, meu coração tá dividido!

Em Campinas tem uma colônia chilena que se reúne bastante, mas eu só participo de vez em quando, gosto de ir em grandes eventos como as *fiestas pátrias* ou os jogos da Copa, que o pessoal se encontra num lugar pra torcer pela seleção chilena quando tem jogo!

Quando vim para o Brasil eu comecei tudo do zero, vendi o que eu tinha lá no Chile e cheguei aqui com duas malas debaixo

do braço. Fui para Jundiaí e numa semana fiquei num hotel que valia x, na outra num hotel que valia x-2 e depois num que era x-3! Depois a firma me ajudou muito pra conseguir uma casa e comprei a casa onde hoje moram as minhas filhas e minha ex-mulher.

Assim que eu vim pra cá, achei a acolhida no Brasil muito boa com o pessoal de fora e por isso não senti nenhuma diferença muito especial entre os dois países, eu me senti em casa e até hoje estou acostumado. Se alguém me fizesse uma proposta pra voltar para o Chile, eu pensaria cinco vezes.

Eu tenho dois irmãos: a Emília, que mora no Chile, em *Santiago*, e o Eduardo, que até bem pouco tempo atrás morava na Austrália, ele morou muitos anos na Austrália e recentemente voltou para o Chile. Esse meu irmão também saiu bem jovem do país, mas ele saiu antes de mim, na verdade eu fui o último a sair de casa, porque eu não queria deixar a minha mãe sozinha. Eu já tinha tido vários convites de trabalho para outros lugares, nos Estados Unidos, por exemplo, mas eu ia postergando minha decisão por causa de minha mãe que iria ficar sozinha, só consegui sair depois que ela começou um novo romance e conseguiu uma nova companhia. Uma dor muito grande que eu tive e sinto até hoje foi quando minha mãe faleceu, eu estava no Brasil e tive que fazer uma viagem repentina para o seu enterro no Chile...

Com a crise econômica entre 1982 e 1983 no Brasil, fui demitido e comecei a trabalhar como autônomo em negócios diversos. Depois de um tempo voltei a trabalhar em empresas, trabalhei na GE em Campinas, que fabrica locomotivas. Também passei a trabalhar em São Paulo, numa fábrica de transformadores, até 1987 mais ou menos... E a partir daí só trabalhei como autônomo, atualmente trabalho no mercado de compra e venda de materiais para indústrias e comércios, e estou esperando a minha aposentadoria. Acho que tenho direito à aposentadoria no Chile e no Brasil, pois trabalhei nos dois países, é um pouco complicado, mas estou fazendo os trâmites para tanto.

No Brasil me separei do meu primeiro casamento e conheci minha atual mulher, a Tânia, que é uma pessoa muito boa e

com quem tive um filho, o Caio, que já tem 15 anos de idade. Os dois são brasileiros!

Não me considero um imigrante, apesar de que teoricamente seria um, mas não me considero... É que com os anos, vai perdendo essa imigração... Eu me considero ainda chileno assim como me considero um pouco brasileiro. Não tenho a nacionalidade brasileira, mas estou com a documentação toda em dia, então não tem nenhum problema...

Marianne Fernandez Hazeldine

*Para mim foi um alívio sair do Chile,
não estava nada fácil a vida lá,
e o Brasil era uma maravilha!*

Meu nome é Marianne Fernandez Hazeldine, tenho 56 anos, eu nasci no sul do Chile, em uma cidade chamada *Gorbea*, perto de *Temuco*. Eu vivi nesse lugar com meus pais e meus irmãos até os meus 14 anos de idade mais ou menos, quando meus pais se separaram e nos mudamos para outra cidade, para *Linares*, na casa de meus avós maternos.

O meu avô era uma pessoa muito inteligente, ele tinha uma plantação maravilhosa de frutas e verduras, criava ovelhas, criava de tudo, ele era europeu. Antes dele se mudar para *Linares* com minha avó eles também viviam no sul, perto de onde morávamos. Lembro quando a gente ia pra casa deles visitá-los, éramos pequenininhos eu e meus irmãos e íamos andando com minha mãe... Andando, andando, andando... Subíamos umas montanhas, descíamos essas montanhas, levávamos pães para comer pelo caminho, andávamos umas oito horas até chegarmos lá, nem sei como que a gente aguentava!

Eu tive uma infância muito dura, uma infância muito po-

bre, terrível... A gente vivia num sítio e nunca soubemos o que era tomar um remédio industrial, minha mãe sempre preparava remédios caseiros e não havia outro tipo de remédio, mas também nunca passamos nenhuma necessidade, porque tínhamos frutas, leite e queijos em abundância, essas coisas nunca nos faltaram. Minha mãe era dona de casa e cuidava da gente, éramos cinco irmãos no total, e meu pai era bem ausente. O meu pai havia recebido uma fazenda de herança do pai dele, uma propriedade grande, tínhamos empregados, plantações, máquinas, barracões enormes, só que meu pai acabou com tudo, ele foi vendendo a propriedade aos poucos pros fazendeiros vizinhos até ficarmos com um pedaço só, uma chácara onde estava a nossa casa e as árvores com frutas. Meu pai bebia muito e não parava em casa, lembro que às vezes ele chegava lá com um caminhão e enchia de vacas, de gado, levava tudo embora pra vender e minha mãe não via um *peso* do dinheiro que ele recebia!

Uma coisa boa é que, apesar de todas as dificuldades, a gente nunca deixou de ir à escola. Isso era uma coisa que meu pai fazia, porque ele era uma pessoa instruída, ele sempre levava muitos livros pra gente ler, nem sei de onde que meu pai arrumava esses livros, mas em casa nós os tínhamos aos montes, e a gente não tinha rádio nem televisão, então nós líamos muito. Eu sei muita coisa que aprendi nessa época com esses livros, livros de Gabriela Mistral, de Federico García Lorca, de poetas espanhóis... Acho que meu pai não era uma pessoa ignorante, era uma pessoa viciada, mas ignorante não, só que ele acabou com tudo que a gente tinha, vendeu até a casa que morávamos! Nessa época meus pais já estavam quase separados, aí se separaram de vez.

Foi quando nos mudamos pra *Linares*, na casa de meus avós, que já tinham se mudado há uns cinco anos pra essa cidadezinha, era um sítio num lugarzinho chamado *Paso Rari*. A partir dessa época nossa família se desintegrou um pouco, porque esse sítio ficava longe da cidade e por isso eu e minha irmã mais nova ficávamos durante a semana na casa de uma tia, para podermos ir à escola, e aos finais de semana íamos pro sítio.

Quando eu estava com 17 anos, inventaram que eu tinha

que trabalhar... Como a gente tava morando com meu avô, e meu avô era aposentado, não dava pra ele manter todo mundo, não tinha condições, então eu que era a segunda mais velha entre meus irmãos tive que ir, mas eu não queria... Até hoje eu fico muito triste quando me lembro disso, que me mandaram trabalhar, acho que meu irmão mais velho é que deveria ter ido, por ser homem e mais velho, mas ele era o protegido da família, o queridinho de meu avô, então tive que ir eu... Tive que me mudar pra *Santiago*, a capital do Chile, fui morar na casa de uma prima de minha mãe e no verão ia visitar a minha família em *Linares*, mas eu não gostei nenhum pouco... Ainda tenho muito ressentimento disso...

Então eu trabalhava em *Santiago*, trabalhei em vários lugares. Depois aquele meu irmão mais velho se casou e também foi morar em *Santiago*, daí eu fui morar com ele. Não lembro a data exatamente, mas sei que era antes de 1973, porque lembro que no dia do Golpe eu já morava com ele, mas no comecinho da década de 70 eu morava com aquela tia ainda, prima da minha mãe, porque também lembro quando a gente ia de madrugada nas filas para comprar as coisas, na época de Salvador Allende. Nessa época era assim, por exemplo, diziam “em tal lugar vai chegar Omo”, aí a gente ia de madrugada nesse lugar fazer as filas pra comprar Omo, ou “em tal lugar vai chegar carne”, aí íamos. A gente também ia muito no rio *Mapocho*, nos camelôs, comprar as coisas no mercado negro mesmo, o mais necessário tinha que comprar, um sabonete, um creme dental, e os caras vendiam caro pra caramba! Como eles tinham as coisas pra vender? No mercado negro havia tudo, nos supermercados não havia nada, os supermercados nem abriam! O *Mapocho* era um lugar bom de ir comprar, as pessoas fumantes iam comprar cigarro lá, e todo mundo falava assim “*voy a ir a comprar en el mercado negro*”...

Virou uma bagunça tão grande, tão grande, tão grande... Eu saía pra trabalhar e tinha que voltar pra casa sem trabalhar, porque estava toda a bagunça no centro de políticos, de pedrarias, de bombas lacrimogêneas... Tinha uns pregos com várias pontas

e que jogavam nas ruas, os “*miguelitos*”, enchiam as ruas de *miguelitos* pra furar os pneus de tudo quanto é caminhão, explodiam as pontes com dinamite, estouravam os reservatórios de água... Aí nunca se sabia se eram as pessoas da *Unidad Popular*, que era o partido do governo, ou se eram as pessoas do Partido Nacional querendo criar caos, só sei que quem pagava as consequências era a população, que ficava vários dias sem água, sem luz, sem trabalhar... Acho que era um complô, uma coisa assim muito grande que fizeram, acho que as pessoas do Partido Nacional, as pessoas ricas, se sentiram muito feridas de ter um partido no governo do lado dos pobres. Ficaram loucos que eles não se importavam mais com o que eles faziam. As mulheres saíam nas ruas para protestar tocando panelas vazias, quem eram essas mulheres? Eram as mulheres dos ricos, não era a mulherada pobre. E os Estados Unidos fez tudo tão bem feito, interferiu tanto em tudo que virou uma bagunça muito grande, o país ficou num caos terrível que não tinha mais jeito, alguém tinha que fazer alguma coisa... Ou seja, eles levaram o país a esse ponto que realmente alguém tinha que fazer alguma coisa, só que não essa matança que os militares depois fizeram...

Quando aconteceu o 11 de setembro eu estava indo trabalhar. Meu trabalho era próximo ao centro de *Santiago*, eu desci do ônibus bem lá no centro, era bem cedo, quando de repente vi que os ônibus estavam tudo voltando! Você fica que nem um pássaro na rua, não sabia pra onde que eu ia, eu só via os tanques passando e os militares, nossa! Todo mundo chorando e gritando, que desespero... Aí eu encontrei uma amiga minha, que era colega de trabalho, a Vicky, e falamos “pra onde vamos?”, como que íamos voltar a pé pra nossas casas? Não dava mais pra voltar! Sorte que passou correndo um amigo dela que tinha um escritório aí no centro, na esquina da *Mackiver* com a alameda *Bernardo O’Higgins*, ele conhecia ela há muito tempo, então ele entregou a chave desse escritório pra ela, pra gente entrar lá e se esconder. Mas nós estávamos longe dali ainda, muito longe, então nós corremos, corremos pra lá que em algum lugar a gente tinha que entrar, tínhamos que sair da rua ou então íamos mor-

rer metralhadas! E era tanques, era bombas, era sirene... Tudo fechado, ninguém saía na rua, os carros sumiram, e os militares mandando todo mundo desaparecer: “corre, corre, corre”... Chegamos lá, entramos que nos jogamos pra dentro! Era um escritório num prédio comercial, subimos no escritório e não tinha nada, não tinha ninguém, aí ficamos lá, havia um fogãozinho e um pouco de arroz, nós cozinhamos arroz com água e isso comemos durante uns três dias, arroz puro cozido com água, nada mais. Nós não sabíamos mais nada do que estava acontecendo, as janelas do escritório davam pra parede de um outro prédio, então não víamos a rua, e tinha uma televisão velha lá, só que a gente ligava e era só chiado... Numa dessas a gente ligou e estava passando numa rede nacional que às três horas da tarde seria permitido sair por 30 minutos às ruas, ou 40 minutos, alguma coisa assim, então saímos, mas não podíamos voltar pra nossas casas ainda porque estávamos muito longe, compramos um pacote de biscoito e depois voltamos pro escritório. Antes a gente correu lá pro palácio presidencial, que estávamos perto de lá, a umas quatro ou cinco quadras, fomos correndo pra ver o *La Moneda*, chegamos lá e vimos os destroços, vimos as águas caindo das galerias, tudo destruído, tudo detonado, soldados apontando assim com as armas pra ninguém chegar perto... Mas eu lembro bem que nós vimos esses destroços e que chorávamos, a Vicky chorava e gritava desesperada “mataram meu presidente”, foi terrível...

Eu passei um susto tão grande porque eu tinha o meu nome inscrito no partido da Juventude Socialista, eu achava que eu ia morrer, que iam me buscar em casa por eu ter o meu nome ali! Um medo que eu não queria contar pra ninguém, eu morava com o meu irmão ainda e eu achava que se eu contasse pra ele, ele poderia me expulsar dali, lógico, colocando em perigo a vida de todo mundo da família...

Não foi brincadeira o negócio não! Tinha o toque de recolher que eles não deixavam gente na rua, não havia desculpa, depois de alguns meses a pessoa que era pega na rua porque passou do horário ia presa, mas no começo era morte mesmo, era morte na certa! E se você precisasse, por exemplo, ir à noite levar al-

guém num pronto socorro, você tinha que sair com uma bandeira branca avisando que era uma emergência. Os militares entravam nas vilas de madrugada, invadiam as casas, os *allanamientos*, e se achavam que tinham que levar alguém, eles levavam! Fizeram uma peneira tão grande que as pessoas andavam que não sabiam aonde se enfiar, todo mundo assustado, todo mundo apavorado... Você não podia falar uma palavra disso com ninguém, que você não sabia com quem você estava conversando, se você fosse no mercado comprar alguma coisa e alguém chegasse e te falasse “e esses militares, o que estão fazendo...”, você não podia nem responder, porque poderia ser uma pessoa deles só pra saber se você era contra ou a favor. Lembro um dia que eu estava no ônibus, já tinham passado par de anos, e o motorista começou a xingar os militares, “*esos militares hijos de puta...*”, e de repente se levantaram dois caras que estavam de passageiros, um já desceu com o motorista pra baixo e o outro pegou o comando do ônibus e continuou... Nossa, nós ficamos paralisados!

Isso não foi assim só em *Santiago* não, só porque era a capital do Chile, a minha mãe, que morava lá em *Linares*, num sítio de uma cidadezinha pequena, ela me dizia “*hijita, tu no sabes lo que fue eso!*”... Quem morava assim no sitio que nem minha mãe, os militares passavam por aqueles caminhos de terra dia e noite, minha mãe dizia que ela não colocava nem o nariz pra fora! Os militares dominaram cem por cento o país e você não tinha nem onde reclamar, o negócio era ficar quietinha. As pessoas que estavam desaparecidas, a família ia atrás e ninguém sabia de nada, ia nas delegacias, ia no Estádio Nacional, passava horas esperando a boa vontade de algum militar mais consciente e que desse alguma explicação.

Os militares chilenos foram muito fiéis ao Pinochet. Até meu irmão mais novo, que não era militar e era contra isso, depois que ele virou militar se tornou favorável ao Pinochet, ele sempre dizia “*mi general Pinochet*”... E no Chile tinha muita gente com esse respeito ao Pinochet, as pessoas tinham até um quadro dele na sala de suas casas!

Depois do 11 de setembro eu fiquei sem trabalho, todo

mundo ficou sem trabalho na casa de meu irmão, era super difícil... Não tinha nem como procurar trabalho nessa época, porque muita coisa fechou, os comércios todos fechados, o que funcionava à noite antes já não podia funcionar mais, muita gente sem trabalho, uma pobreza muito grande no país, tudo muito limitado...

Fiquei morando mais um tempo com meu irmão e depois fui morar com uma tia minha, a tia Romy, porque a casa de meu irmão que já era pequena ficou menor ainda quando nasceu a minha terceira sobrinha, achei melhor ir morar com essa tia. E foi quando eu conheci o Pedro, meu atual ex-marido, com quem vim para o Brasil.

Nós namoramos três meses apenas antes de nos casar. Na verdade, eu já o conhecia há um ano antes do casamento, é que namoramos esses três meses e ele veio para o Brasil, ficou aqui um tempo e depois voltou pro Chile com um contrato de trabalho daqui, aí nos casamos e viemos pra cá. Eu tinha 22 anos quando me casei, praticamente 23, porque o casamento foi no dia 03 de janeiro e eu faria 23 anos no dia 10. Era 1978 e as coisas continuavam muito mal no Chile, menos para as pessoas de muito dinheiro, claro, mas para as outras pessoas continuava muito mal.

Para mim foi um alívio sair do Chile, não estava nada fácil a vida lá, e o Brasil era uma maravilha! Aqui era maravilhoso em 1978, tudo em abundância, tudo fácil de comprar, nós chegamos aqui e ficamos assim fascinados! Nesse tempo se escreviam cartas pra Chile, os chilenos contando nas cartas que aqui estava tudo muito bom, e assim foi vindo gente e mais gente de lá pra cá. Quantas pessoas vieram? Quantas pessoas que não entraram aqui ilegais e estão aí até hoje? Porque apesar de hoje em dia se dizer que o Chile é maravilhoso, que a economia está muito boa e etc., essas pessoas que estão aqui não conseguiriam trabalhar lá com o que trabalham aqui. Tem chileno no Brasil que trabalha com comércio, que trabalha com artesanato, que trabalha como autônomo, um tipo de trabalho que lá não daria certo. O Chile é um país muito limitado e lá não existe esse consumismo do Brasil. Por exemplo, um jogo de sofá lá dura pelo menos uns 20

anos para uma família, enquanto aqui nesse mesmo tempo uma família troca duas ou três vezes o jogo de sofá de sua casa. As mulheres lá usam um par de sandálias por três, quatro verões, não existe essa questão de modismo que existe aqui. A Xuxa, apresentadora do Brasil, quando teve um programa de 15 minutos lá, tentou vender roupa infantil da marca dela, essas coisas, as crianças nem ligaram! Então as pessoas lá no Chile não são consumistas como no Brasil.

Quando meu marido veio pro Brasil ele não estava desempregado no Chile, ele até tinha um bom emprego lá, mas ele quis vir porque tinha vários amigos dele que já trabalhavam aqui e ele estava preocupado que pudesse vir a ficar desempregado no Chile. E realmente, a fábrica que ele trabalhava logo depois fechou. Então o Chile só foi começar a melhorar depois de uns 10, 12 anos que o Pinochet já estava no governo, por isso também que fomos ficando no Brasil, porque na verdade viemos com a intenção de voltar, nunca viemos pra ficar, mas a situação lá no país não melhorava... Depois também minhas filhas nasceram, foram crescendo, indo à escola, fui me acostumando, me habituando, gostando das coisas daqui. No começo era horrível, eu só pensava em ir embora, até o pão eu achava horrível, as frutas, tudo ruim! Tem muito chileno que voltou pra lá depois, mas também conheço muitos que voltaram pro Chile, ficaram um par de anos lá e depois voltaram de novo pro Brasil... Será que não se acostumaram?

Quando vim para o Brasil eu já vim direto pra Campinas e vim com a documentação feita de lá do Chile, vim com visto permanente obtido com o contrato de trabalho do Pedro. As empresas nessa época faziam uns contratos maravilhosos, a própria empresa se encarregava de comprar as passagens, alugar o apartamento, comprar móveis e um carro pro funcionário. Elas precisavam muito de mão de obra estrangeira nessa época, pois no Brasil não havia muitos profissionais, só que acabaram vindo tantos estrangeiros pra cá que depois saiu uma lei que as empresas deveriam cortar o número de estrangeiros entre seus funcionários. Foi uma época muito boa que o Brasil teve e nós íamos

todos os anos para o Chile, no verão.

Apesar de morar há mais de 30 anos aqui no Brasil, eu me considero uma imigrante, sempre vou me sentir uma imigrante porque aqui nunca vai ser meu país. Eu nunca vou me sentir brasileira, posso torcer pelas coisas do Brasil, pra que o Brasil seja bom, pra que o Brasil tenha um bom governo, até porque vai ser bom pras minhas filhas e pra mim também, que moro aqui, mas eu ser brasileira? Nunca! E também todo mundo me considera uma imigrante, aonde eu vou, quando falo alguma coisa, já na hora me perguntam de que país eu sou, por causa do meu sotaque...

Oswaldo Oyanedel

*Minha vida é padaria, sempre foi
padaria, desde o dia que eu nasci!*

Minha vida é bem simples... Meu nome é Osvaldo Oyanedel, tenho 58 anos, nasci em *Santiago* de Chile. Enquanto vivi no Chile, sempre morei em *Santiago*. Graças a Deus, tive uma boa educação, meus pais sempre que puderam me deram do melhor. Enquanto eu vivi com eles, estudei em escola particular, num colégio católico, e estudei música, acordeão. Na verdade eles me criaram bem e me criaram mal também, porque quando há capacidade te criam bem e te criam mal... Isso até o dia que eles se separaram, que aí começou outra etapa na minha vida, porque quando se separam os pais, dependendo da capacidade econômica que se tem, a vida fica um pouco diferente.

Eu estranhei muito na época, mas não é aquela coisa “meus pais se separaram e eu comecei a trabalhar”, não, de pequeno eu já trabalhava em padaria com meus pais! Quando você nasce num negócio como padaria ou um tipo de comércio similar, você trabalha desde cedo com sua família, desde que tenha uso da razão, e meus pais me fizeram trabalhar para que eu aprendesse e para que eu tivesse responsabilidade. No meu caso, eu estudava em escola particular, só que todos os dias antes de sair da

padaria para ir à escola eu tinha a minha função: varrer tal lugar, ordenar os cestos de pães, deixar as coisas em ordem... E eu era recompensado por isso, para a idade que eu tinha era super bem recompensado, então eu gostava.

Meus pais se separaram quando eu tinha 12, 13 anos, aí eu fiquei com meu pai e minha irmã ficou com minha mãe. Depois eu e o meu pai fomos morar um tempo com um tio, irmão dele, uns dez meses aproximadamente. Esse tio tinha uma família grande, eram umas doze pessoas, e eu não estava acostumado com tanta gente, eu que antes disso morava sozinho com meu pai, éramos duas pessoas, e depois com aquele monte de gente, dava problemas! Não problemas assim de brigas, mas de costumes, de maneira de pensar, que quando você está numa família grande, tem que se adequar e é difícil acostumar-se a outro ambiente.

Eu nunca deixei de trabalhar. Inicialmente com meus pais, auxiliando-os nas padarias que eles trabalhavam, e depois, quando já saí do lado do meu pai, comecei a trabalhar no que viesse. Então eu era o que saiu dos cuidados do pai, o que saiu com terno, gravata e tudo para depois ir passar vassoura num laboratório, que foi meu primeiro emprego sem ser em padaria. E nós, os chilenos, temos uma coisa: nós gostamos de escolher no que trabalhar no Chile, ainda que você não seja capacitado para nenhuma função específica, temos vergonha de pegar uma vassoura e que nos vejam nossos amigos. É uma questão de idiosincrasia nossa, o chileno quando quer começar a trabalhar, sai para procurar emprego e a mãe lhe pergunta “encontrou alguma coisa?”, “sim, mas é para fazer limpeza, varrer...”, “e você vai trabalhar nisso?”! Ou seja, vem de gerações. Mas no meu caso não, porque como eu já passava a vassoura todos os dias na padaria pro meu pai, eu já estava acostumado.

Então eu comecei a trabalhar num laboratório, era um laboratório de cópias heliográficas, fotográficas, mimeográficas, de um monte de coisas. E aos poucos eu fui caindo na simpatia do dono desse laboratório, porque eu trabalhava de dia e às vezes eu trabalhava de noite também, trabalhava a hora que precisasse, de sábado à tarde eu encerava o laboratório, passava uma

esponja de chão para madeira, e tinha um negócio que a gente chamava de “*chancho*”, era um negócio que tinha uma escova retangular onde se colocava o pano para poder dar brilho nas tábuas... Era duro, 13 anos eu tinha!

Um dia um casal de gringos entrou no laboratório, que ficava no centro de *Santiago*, perguntando se era uma loja de calçados e eu respondi que não, expliquei tudo pra eles em inglês, porque eu estava com o meu inglês vivo ainda dos bons estudos que eu tinha feito no colégio católico. Aí o dono do laboratório escutou e isso o impressionou. Ele perguntou se eu não queria estudar inglês com ele. Lembro quando ele me chamou, ele disse “*jovencito...*”, ele tinha o costume de dizer “*jovencito*” porque realmente éramos jovens os que trabalhávamos aí, parece que o estou escutando agora! E quando o patrão te chama geralmente você pensa que é para te demitir, te dispensar, mas ele disse “*jovencito*, onde aprendeu a falar inglês?”, e me contou que estava fazendo um curso de inglês à distância, perguntou se eu não tinha interesse em estudar com ele. Claro que eu aceitei, pensando que isso não ia me trazer nenhuma consequência, mas as coisas no laboratório nunca mais foram iguais: meus colegas de trabalho passaram a me dar as costas, me chamavam de “puxa-saco”, ficaram com inveja. Isto porque estávamos todos lá trabalhando e de repente o dono do laboratório me dizia “*jovencito*, estamos na hora”, depois todo o resto me perguntando o que eu estava fazendo, “estou estudando inglês com Dom Luís”, então viam um moleque entrando no escritório do patrão pra estudar com o patrão, para eles era meio difícil... Esse meu patrão tinha muito carinho por mim, me convidava para ir na sua casa, para tomar *once* depois do trabalho, me ofereceu uns cursos de fotografia do laboratório, só que tudo o que era bom para mim era mal pros meus colegas... Hoje em dia eu me transporto e digo que eu nunca teria feito isso com um *muchacho* de 13 anos, ter inveja porque conversou mais ou conversou menos com o patrão. Até que chegou uma época que não dava mais, que eu vi que as coisas estavam complicadas, então eu saí do laboratório, depois de quase dois anos trabalhando lá.

Eu trabalhava de dia e estudava à noite. Para estudar à noite, era exigido que o aluno tivesse mais de 16 anos ou um apoderado, que é uma pessoa que cuida da vida escolar desse aluno, então eu tive que procurar um apoderado. Lá no Chile não é a graça daqui do Brasil, inclusive tinha uma caderneta de comunicações que, por exemplo, se dizia “seu pupilo saiu hoje às três horas da tarde”, tinha que chegar assinada pelo apoderado no dia seguinte. Aqui cada um vai como pode pra escola, até de short e de chileno, pode ser pelo clima, lá é aquele uniforme, os rapazes de gravata e sapatos engraxados. Se você fosse pra escola com o cabelo comprido: “comunicamos ao apoderado que seu pupilo está com o cabelo comprido”.

Depois que eu saí do laboratório, me deu uma de cantor e de tocador de acordeão, formei uma banda e vivi uns três anos de música! Nesse tempo, ir tocar numa rádio no Chile era como hoje em dia ir tocar num programa famoso, não era qualquer um que tocava numa rádio. E o meu pai, desde que eu era pequeno me levava pra tocar numa rádio de programa infantil. O meu acordeão eu o tenho até hoje!

Depois trabalhei num escritório de contabilidade e depois como vendedor de calçados. E eu sempre alternei todos esses trabalhos com padaria, até que um dia eu decidi: é padaria e nada mais. Então minha vida é padaria, sempre foi padaria, desde o dia que eu nasci. Meu pai e minha mãe trabalhavam em padaria e eu de criança os acompanhava e os auxiliava. Depois, enquanto eu trabalhava no laboratório, eu alternava trabalhando na mesma padaria que meu pai, ficava um tempo na padaria, outro tempo no laboratório. Trabalhava como vendedor de calçados, alternava com a padaria. E conforme foram passando os anos, comecei a trabalhar como administrador de padaria. Aí eu comecei a me dedicar mais ainda a padarias, sempre padaria, nunca me desliguei de padaria. Criei um pouco de fama no meu ramo e assim me mantive por muitos anos, e me mantenho até hoje. Honestamente, desde que eu comecei a trabalhar, nunca tive problemas econômicos. Somente um ano, no primeiro ano que eu fiquei sozinho com minha mãe e minha irmã, logo depois da

separação de meus pais, não tínhamos nada em casa, só tínhamos uma garrafa de Coca-cola, aí nos abraçamos e eu lhes disse: “última vez, isto aqui não passará nunca mais”. Graças a Deus foi dessa maneira.

A gente sempre lutou para ter a nossa padaria. Meu pai não era dono de padaria, ele era administrador, depois que a gente conseguiu uma. Mas o Chile é um país meio esquisito para os negócios, mais que esquisito, é um país difícil. A gente sempre querendo independizar-nos, mas até chegar a isso no Chile o caminho é um suplício. Porque nós chilenos somos pessoas difíceis. E sabe quando você vem se dar conta de que somos tão difíceis? Quando você chega aqui no Brasil! Quando eu cheguei aqui, me perguntavam se eu estava bravo, perguntavam pra atendente da padaria “o chileno tá bravo?”. Claro que não! Eu tive que começar a mudar meu jeito para adaptar-me aqui, porque todo mundo achava que eu estava bravo. E eu nunca fui assim, muito pelo contrário, sempre fui comunicativo, nunca tive problemas com ninguém nesse sentido, mas as pessoas achavam que eu estava bravo, mal-humorado, porque aqui no Brasil as pessoas são diferentes, os clientes chegam e me cumprimentam, perguntam como eu estou, como está a família, mandam saudações à minha neta...

Outra coisa que eu tive que mudar é que lá no Chile as pessoas estão sempre colocando uma etiqueta nas outras, para todas as pessoas tem sempre uma etiqueta, te olham e te dizem: “*este escreído*”, “*este es hueón*”, “*este es pesado*”, “*este es cachetón*”, “*este es guatón*”, “*este es pelado*”... O chileno é assim, te olha e te rotula sem nunca ter falado com você, isso acontece desde pequeno. E nós temos a imaginação péssima lá no Chile. Eu sempre converso disso com um chileno que vem aqui na minha padaria, sempre falamos das coisas que passamos no Chile, como nos comportamos quando estamos lá, então a gente brinca como diríamos em Chile certas frases, por exemplo, em vez de dizer: “você conhece a senhora da esquina?”, diríamos “você conhece aquela velha *hueona*, *guatona* da esquina?”! E nós dois morremos de rir disso! Nós chilenos somos um pouco

ordinários pra falar, falamos de qualquer maneira! Somos assim! Há coisas que você só vem se dar conta quando está aqui. Quando estamos no Chile, dizemos que somos tão alegres, e eu acho que de alegres não temos nada.

Dizemos que somos tão cômicos e que adoramos rir, mas rir dos outros, porque nosso humor é meio negro, nós nos burlamos de todo mundo. Então, claro, quando você está lá acha isso chistoso, cômico, morre de rir, mas depois quando você está adulto e chega aqui, percebe que nós só rimos do resto, das outras pessoas. Sempre tem algo ou alguém do que rir. Quando você se dá conta? Aqui. E aqui no Brasil é fora de foco praticar um humor desse, ninguém vai te achar graça. O brasileiro também põe apelidos nas pessoas, mas é mais limitado. Lá no Chile não! Lá é assim: “ei, aonde você vai?”, “vou no manco”; “onde você vai comprar?”, “vou no careca”. Te gritam de um lado ao outro, de uma rua a outra. O que é gordo lá, tal como eu, gritam “*guatón!*”, sem nem te conhecer.

Eu tenho irmãos no Chile, que são do segundo casamento de minha mãe, que também têm padaria lá, e quando um deles veio no Brasil me visitar, ele estranhava, me dizia que eu estava diplomático para falar com os clientes e com meus fornecedores, que eu tinha mudado a maneira de falar! Eu lhe respondia: “quer que eu feche a padaria aqui se falar igual que vocês lá no Chile?”!

Eu conto essas coisas não porque eu seja antichileno, não que eu tenha alguma coisa contra o Chile, não é nada disso, eu conto essas coisas porque aqui que você vem se conhecer como pessoa.

Então Chile é um país bom e difícil para se morar, e no que eu trabalho, ou seja, montar seu próprio negócio e ser autônomo, é um país difícil. Eu tinha uma padaria em sociedade com meu pai em *Curacaví*, um povoado depois de *Santiago* e *Valparaíso*. Houve um terremoto e a padaria caiu, não ficou nada, ficou somente a fachada. É seguro? Caiu tudo! Pinochet disse que ia ajudar com crédito via Banco do Estado, saí do Chile e nunca me ajudaram em nada.

Eu vim pro Brasil em 1986, tinha 33 anos de idade. Estava cansado do Chile. Minha irmã já estava morando aqui, em Campinas, então eu vim por causa dela também. Esta é a parte mais triste, porque depois minha irmã foi morta com uma bala perdida enquanto caminhava num bairro de Campinas, há doze anos. Um tiroteio entre bandidos e uma bala lhe acertou o coração. Imagine, eu tive que esperar meu pai no aeroporto, nessa época ele tinha 73 anos, veio do Chile só para enterrar sua filha no Brasil, morta por uma bala perdida. Durante muito tempo meu pai dizia “esses brasileiros assassinos mataram a minha filha”... Depois o tempo vai fazendo, não esquecer, mas amenizar as coisas. Quando aconteceu essa tragédia, a única coisa que eu queria era voltar na mesma hora pro Chile, mas eu recém tinha comprado minha padaria, o que fazer se você está cheio de compromissos? Não tinha como sair correndo...

Eu já tinha vindo pro Brasil no ano 79, passar um tempo com minha irmã e meu cunhado. Depois eu vim outra vez, a passeio, e gostei. E como eu sempre estive junto da minha irmã, como eu já não aguentava mais a situação no Chile, decidi vir para morar. E aí eu vim, em 1986. Ainda era ditadura no Chile e eu estava cansado daquela situação. Eu não queria mais viver obrigado a fazer as coisas, não gosto que ninguém me imponha regras, por exemplo, o toque de recolher que havia. O homem é um animal de costumes, então você se acostuma a essas coisas, mas você sabe que estão sancionando os seus direitos, que isso não é o que corresponde legalmente e o cidadão é quem mantém o seu país, não são os militares, não são os *carabineros*, então tem que ter respeito, eles estão para cuidar da soberania, dos direitos cívicos, não para governar. E no Chile eu sempre fui político. Quando cheguei aqui no Brasil esqueci de tudo de lá, fiz uma lavagem cerebral em mim mesmo, não quis mais saber, eu pensava “*país de mierda*, que não serve para ninguém”. Servia para quem? Para militares e ricos.

Eu sempre fui de esquerda. Nas eleições de 1970, votei por Salvador Allende. E o governo de Allende foi péssimo. Foi péssimo porque fora de não deixarem-no governar, ele como

presidente foi um horror. Ele foi contra tudo o que ao chileno lhe gosta e ele não tinha o apoio completo dos chilenos. Pode parecer paradoxal dizer que sou de esquerda e que não gostei do governo de Allende, mas eu sou dono de escolher o que eu gosto. Votei pelos partidos de esquerda que havia, pela *Unidad Popular*, não pela pessoa dele, certo? Porque ele era mais burguês que todos os que estavam aí, esse negócio de “companheiro”, como dizem aqui, é conversa pra boi dormir! O Allende levou o país à desordem, à escassez, tomou medidas que na minha opinião não deveria. Isto é um pouco relativo entre chilenos, cada um tem seu pensamento.

Nesse tempo eu trabalhava como administrador de uma padaria, lembro que as pessoas para conseguir comprar pão tinham que estar numa fila enorme às quatro horas da tarde de um dia para receber o pão na manhã do dia seguinte. Muitas vezes aconteciam coisas um pouco divertidas nessas filas, as pessoas começaram a levar baralho, dominó, bola, e jogavam no meio da noite, enquanto esperavam, porque era uma fila de um quarteirão e meio. E essas pessoas que estavam na fila provavelmente tinham outras pessoas da mesma família em outra fila! No meu caso, dependendo da quantidade de farinha que eu tinha, era o pão que eu fazia. Para comprar farinha, tinha que ir a lugar que se chamava ECA, Empresa de Comércio Agrícola, onde você ia e pedia cem sacos de farinha, eles viam o que você fazia e te davam cinquenta, aí você tinha que pagar antecipado esses cinquenta sacos e esperar. Era o maior problema, porque a farinha não chegava, não havia caminhões, quem transportava farinha eram os estudantes da *Universidad Técnica del Estado*. Então era um problema sério. E era uma situação insustentável, porque no tempo da *Unidad Popular* de Allende tinha o mercado negro, tudo o que você conseguia para poder ter em sua casa era via mercado negro.

Depois teve o Golpe e aí foi uma tragédia. Eu tinha problemas para entregar pão nos bairros, de repente para entrar em uma *población* estavam aí os milicos e queriam te carimbar as mãos... Eu nunca permiti! Nunca permiti porque sabia bem claro

os meus direitos. E era dos dois lados: eu tinha uma padaria que ficava perto do aeroporto e lá tinha um funcionário que às vezes me ligava dizendo: “Osvaldo, já passaram a avisar que se amanhã a gente abrir a padaria, queimam a padaria”. Aí passavam dois dias que não se podia abrir a padaria, que não se podia sair para entregar o pão. Muitas vezes eu chegava até certa parte e não podia continuar, às vezes eu estava a dez quadras da padaria e não podia passar: pedras de todos os lados, tudo o que se puder imaginar. Ou então eu com a caminhonete cheia de pães para fazer entregas e sem poder entrar nos bairros, aí eu tinha que andar passeando com os pães, procurando uma brecha, até que os nossos próprios clientes, com amigos do bairro, nos entravam, e depois para sair? Então você começava a criar dívidas e a ter problemas, o banco não quer nem saber se houve concentração disso ou daquilo, no banco chegou o cheque, tem que estar o dinheiro. E aí começam seus problemas.

Tinha um regimento que ficava perto da padaria chamado *Regimiento El Huin*, lembro que os oficiais daí chegavam de madrugada na padaria para contar o saldo de farinha e ver se os padeiros estavam trabalhando. Com as armas na mão, faziam eles ficarem em fila, diziam que quem se mexesse seria morto. Para mim diziam: “você tem que me dizer se aqui tem algum comunista”, aí eu lhes respondia: “o que eu tenho aqui é trabalhador, a vida particular deles eu não sei, se são comunistas lá fora vocês têm que perguntar a eles”. Porque a mim, os militares nunca me intimidaram, não que eu seja valente, é que eu vou atrás do meu, sempre fui igual, muitas vezes bati a cabeça por causa disso... Aí me diziam “sua obrigação, de cada um desses que está aqui...”, e outras coisinhas mais, “quem não vier trabalhar, a sua obrigação é ligar para *Carabineros de Chile*, Exército de Chile, e ter o endereço de todos, porque quem lhes vai ir buscar em sua casa para que venham trabalhar somos nós, o Exército de Chile que lhes vai ir buscar”. E te faziam falar “*Ejército de Chile*”, “*Carabineros de Chile*” e tudo com Chile... Se às quatro e meia da tarde ia ter protesto na grande avenida, já às duas e meia passavam os militares ameaçando com suas armas e munições, só

de olhar... Depois já não havia ônibus, de repente não tinha água... Foi um desastre! Se eu tinha que ir pra padaria de madrugada, me paravam dez vezes os militares no percurso! Tinha que andar com a luz do carro acesa, à 30, 40 quilômetros por hora, senão eles atiravam e pronto. Mataram o sobrinho do ex-presidente Eduardo Frei nessa época porque ele estava dirigindo em alta velocidade na avenida principal da alameda.

E não podia falar nada, imagine, hoje você diz: “sou de esquerda”, “ah, não, sou de direita”, naquela época se você falasse, já era perseguido. Não podia falar absolutamente nada, não podia falar nem no ônibus porque não se sabia quem estava ao seu lado. Então, me diga, que vida é essa? E quem me disser que não foi assim, que eu estou mentindo, podem fazer fila aqui na porta de minha padaria que eu deixo claro a todos! Porque aqui no Brasil tem alguns chilenos que dizem que não foi assim. Foi assim sim! Eu vivi isso. Vivi porque eu trabalho, e trabalhei minha vida inteira, com uma coisa que chega a todo mundo, que é o pão.

O pão que o chileno gosta de ter todos os dias, todas as horas. Pra se ter uma ideia, os maiores consumistas de pão da América Latina e de várias partes do mundo são o chileno e o argentino. Nesse momento, deve-se ter um consumo per capita de 90 quilos por ano de pão no Chile, enquanto o brasileiro tem uma média de 19 quilos. Lá no Chile é tudo com pão: na salada, no café da manhã, na *once*, na comida, nada se come sem pão. Então eu trabalhava com gente, trabalhava nas *poblaciones* em Chile, em lugares de baixa renda, via o sofrimento das pessoas. E eu me cansei disso. Quem não viveu pensa que estou contando uma história, ou como já aconteceu aqui, já conheci muitos chilenos que querem passar um pouco menos... Mas não, a gente sofreu! No rio *Mapocho*, em *Santiago*, você via todos os mortos no rio: cinco, seis pessoas, do outro lado dez, cinco, dez pessoas... Assim era: dez quadras de rio, as dez quadras cheias de mortos. Para quê? Para intimidar as pessoas! Para que tivessem consciência de que quem mandava eram eles, os militares, não eram os cidadãos.

Quando se tem uma ditadura como a que tivemos em Chile, que foi muito dura, foi uma das mais duras da América Latina, é difícil de escapar, pois veja o nosso país: comprido e estreito, o que mais falta para quem ataca? Nesse caso, para os militares? Por um lado temos a cordilheira dos Andes, pelo outro temos o oceano Pacífico. No norte temos o deserto do Atacama e no sul temos ilha e frio. Por onde você foge? É totalmente diferente aqui no Brasil, que você passa a ponte para lá e já está do outro lado, passa para a Argentina... É diferente, as possibilidades de fuga são diferentes.

Hoje falam do governo de Pinochet, dizem: “mas Chile melhorou muito”. Claro, depois que matam umas quinze mil pessoas, tem que melhorar! Óbvio! Havia um acampamento em Santiago chamado Violeta Parra. Violeta Parra foi uma folclorista chilena, comunista, todos seus irmãos comunistas... Havia duas pessoas que sempre iam na padaria, eu era empregado ainda nesse tempo, estava jovem, recém tinha sido o Golpe, um deles era de fora de *Santiago* e o outro do acampamento. E nas *poblaciones* se sabiam as coisas. Um dia eles foram à padaria e eles sabiam que ia ter um *allanamiento*... *Allanar* significa entrar nas *poblaciones* e tirar as pessoas pra fora de suas casas, *allanavan* as casas, revistavam tudo. Um *allanamiento*, essa era uma palavra assim normal na cabeça do pobre lá. E as pessoas viviam do mercado negro, certo? Porque cada um vendia o que podia no mercado negro. Essas duas pessoas compravam pão na padaria que eu trabalhava e revendiam. Aquele que era do acampamento Violeta Parra me disse: “Osvaldo, venho despedir-me, a partir de amanhã já não venho”. E disse: “venho me despedir e acho que vai ser para sempre, porque parece que amanhã tem *allanamiento* em tal lugar e vai ser difícil que nos salvemos”. E o mataram mesmo... Então as pessoas, não digo que sabiam que iam matá-los, mas sabiam que havia um certo movimento militar, que poderiam chegar no meio da noite... Era terrível!

Por isso que eu digo, a ditadura no Chile foi uma ditadura brutal. Quem me diz que não, é porque não tem ideia, estava vivendo em outro lugar. Ou ficou dentro de sua casa tranquilo,

viendo na televisão como sofria o resto da população. Essa pessoa se importou pelo resto? De saber o que acontecia? Nunca viajou a uma *población*, eu porque andava nas *poblaciones*, porque eu tinha a padaria e tinha que ir ver meus clientes, entregar, cobrar, ver os funcionários que vendiam nas ruas, todo esse tipo de coisa, eu sei. Por isso que não se pode esquecer até os dias de hoje, porque isso no Chile foi uma coisa asquerosa.

O chileno nunca foi assim de ficar submetido, guardado em sua casa. Por anos, o chileno não pôde andar até às dez horas da noite na rua! Nos primeiros meses era até às oito horas! Quando você tinha que sair para trabalhar nessa hora, te davam um salvo-conduto, você saía com seu salvo-conduto e atrás de cada árvore tinha um *carabinero*, um militar, uma patrulha... Para sair pra dançar à noite em alguma danceteria, nesse tempo eu estava com 23 anos, era jovem, já uma hora antes te diziam que iam encerrar por causa do toque de recolher e que todos se fossem. E tínhamos que ir, tchau! Porque senão, levavam todo mundo preso. Todo mundo pra cima do caminhão passeando pela noite por aí, e os militares, os cabos, como lá tudo é chacota, te molestando em cima do caminhão: “deitem-se, se levantem, fiquem em pé...” Então seus direitos de cidadão se foram.

Essa foi uma das razões que fez eu sair do Chile, eu estava cansado e quis vir pra cá, para ficar com minha irmã, não foi questão política nem nada. Estava cansado de tanta coisa que se passava. Eu passei tudo isso numa idade entre 23 e 25 anos durante o Golpe, super jovem, e cortaram tudo o que eu queria, cortaram meu futuro... Aí vem um chileno e diz: “se você não estudou é porque você não quis”! Não! É porque também me expulsaram, a mim me expulsaram dos estudos, porque eu estudava no noturno nessa época, eu não podia estudar em outro horário por causa de meu trabalho. Eu cheguei a terminar a escola, mas não pude prosseguir, trabalhar com padaria é um problema pelos horários e com o toque de recolher, onde que eu ia estudar à noite? Então me expulsaram, fui impedido de seguir estudando. Eu tinha ideia de fazer faculdade, queria seguir com o inglês, mas depois seus sonhos se vão com a água.

Quando vim para o Brasil eu já estava casado, minha filha Paola tinha 11 anos de idade. Primeiramente vim sozinho, fiquei um ano sozinho, não conseguiria sair me arrumando com todo mundo. Quando aqui cheguei, fiz sociedade de uma padaria com dois chilenos, a Gladys e o Manuel, que foram pessoas muito boas. Apesar dos problemas que possam ter ocorrido, problemas comerciais, eu tenho as melhores recordações deles, são os únicos chilenos que eu posso tirar o chapéu de quando cheguei no Brasil.

A parte mais dura é que quando você vem do Chile, jovenzinho, quer ver se há algum lugar onde se juntam os chilenos e depois você leva a maior decepção. A maior decepção! Os chilenos de Campinas são totalmente classistas, somos classistas lá em Chile e aqui vieram igual, não mudaram absolutamente nada, cada um quer ser melhor que o outro. Quem vê de fora pensa que existe uma comunidade... Eu digo, os chilenos são os mais brigadores do mundo. O chileno confunde ser chileno com amizade e com ser educado. Não digo educado de cerimonioso, mas de ter respeito pelo outro. Se você não sabe falar o português, o chileno em vez de perguntar se você quer alguma ajuda, ele caçoa de você. E um bom chileno somos *patuos*, certo? *Patuo* é que a gente gosta de falar mal dos outros. Várias vezes eu cheguei lá na associação de chilenos de Campinas e percebi que falavam de mim... Por isso parei de frequentar a Associação, porque percebi que falavam de mim. Eu vou gostar disso? Prefiro ficar longe, estou tranqüilinho aqui. As diferenças são grandes...

Quem organizou a primeira festa pátria chilena em Campinas fui eu. A primeira vez que fiz deve ter sido lá pelo ano 88, foi numa chácara com uma piscina para as crianças e um lugar para dançar, cada um levava sua churrasqueira e suas coisas para comer e beber, não se vendia nada. Juntaram-se mais de quatrocentas pessoas para essa comemoração.

E hoje estou com 58 anos, vivo há 25 anos no Brasil. O Brasil é um país grande e tem possibilidades, mas ao mesmo tempo a parte comercial aqui é uma coisa louca: de repente não vende nada, depois vende um pouco, e sempre tem alguma coisa,

algum empecilho, ou é a chuva, ou é o brasileiro que não gosta do frio, ou é o fim de semana prolongado... Sempre tem um porém e isso cansa. Eu gosto do Brasil, os brasileiros não te incomodam como estrangeiros, com coisas desse tipo, eu me dou bem com as pessoas em minha padaria, as pessoas chegam aqui como se estivessem em sua casa. Essa é a minha ideia, tratar bem aos clientes, às vezes vêm pessoas idosas aqui e gostam de conversar um pouco, assim eu fui acostumando meus clientes e os fui ganhando. Eu não posso me queixar daqui, o que sim aconteceram foram coisas más, como a morte de minha irmã, coisas que te dão vontade de pegar as coisas e ir embora. Eu acho que você passa coisas aqui que nunca teria passado no Chile, e não estou falando em termos financeiros, mas aqui acontecem coisas absurdas! Um dia veio um chileno em minha padaria comprar *empanadas* e ele me mostrou as passagens de avião dele e de sua família, estavam voltando pro Chile depois de um susto que passaram aqui: ele trabalhava com posto de gasolina e os ladrões souberam que ele havia vendido o posto e que estava vivendo numa chácara em Valinhos, foram até lá e pegaram o filho dele, ele pagou o que tinha que pagar e nessa mesma semana decidiu voltar para o Chile.

Eu gostaria de voltar para o Chile. Quero ir morrer lá, não quero morrer aqui. Aqui no Brasil estou cansado. Eu gosto, mas estou cansado de estar aqui, quero estar um pouco lá. Se puder subsistir, irei. Primeiro tenho que fazer uma viagenzinha para ver se vale a pena voltar, se perceber que não poderei me manter lá, tenho que ficar aqui...

Referências bibliográficas

- AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo. A Experiência Chilena*. São Paulo: Annablume, 2002.
- ARTIGAS, José del Pozo (coord.). *Exiliados, Emigrados y Retornados. Chilenos en América y Europa, 1973-2004*. Santiago de Chile: RIL Editores, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BEVILAQUA, Maria Edith Guerrero Obando. *Estrangeiros: Peregrinos da América – os Latino-americanos do Cone Sul (Chilenos, Argentinos e Uruguaios) no Brasil de São Paulo (1970-1990)*. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Campinas.
- BONASSI, Margherita. *Canta América sem Fronteiras: Imigrantes Latino-americanos no Brasil*. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

- BURGOS, Elisabeth. *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*. México: SigloVeintinuno, 1991.
- CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: Contribuições para Política Públicas*. Brasília: CNPD, 2001.
- COGGIOLA, Osvaldo. *Governos Militares na América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- CORTÉS, Verônica Aravena. *Chilenos em São Paulo: a Trajetória de uma Imigração*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.
- DORFMAN, Ariel. *O Longo Adeus a Pinochet*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006.
- GARCÉS, Joan. *Allende e as Armas da Política*. São Paulo: Editora Scritta, 1993.
- GATTAZ, André Castanheira. *Braços da Resistência: Antifranquistas em São Paulo. História Oral da Imigração Espanhola*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo.
- _____. *História Oral da Imigração Libanesa para o Brasil – 1888 a 2000*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral e Migração. In: *Oralidades: Revista de História Oral*. São Paulo: NEHO, jul/dez 2007, nº 2.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional. Imigrantes, Minorias e a Luta pela Etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. *O Brasil no Sul da Flórida: Subjetividade, Identidade e Memória*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *A Aventura de Miguel Littín Clandestino no Chile*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- _____. *Brasil Fora de Si: Experiências de Brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. *Augusto e Lea: um Caso de (Des)Amor em Tempos Modernos*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- _____. & HOLANDA, Fabíola. *História Oral. Como Fazer, Como Pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- _____. & RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia Prático de História Oral: Para Empresas, Universidades, Comunidades, Famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MODAK, Frida (org.) *Salvador Allende: Pensamiento y Acción*. Buenos Aires: Lúmen/FLACSO-Brasil/CLACSO, 2008.
- MONARDEZ, Tito Arturo Valencia. *Identidade Étnica e Aculturação do Emigrante Chileno Residente na “Grae São Paulo , que Emigrou após o Golpe Militar de 1973*. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica.
- MUÑOZ, Heraldo. *A Sombra do Ditador. Memórias Políticas de Chile sob Pinochet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. In: *Projeto História*, nº10, São Paulo, PUC-SP, dez.2003.

OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: História Oral de Vida Familiar*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo.

_____. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

PAIVA, Odair da Cruz (org.). *Migrações Internacionais – Desafios para o Século XXI*. São Paulo: Prol Editora Gráfica, 2007.

PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Migrações Internacionais – Herança XX, Agenda XXI*. Campinas: ENUAP, 1996.

_____. (coord.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. Campinas: ENUAP, 1996.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989, Vol.2, nº3.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 2004.

RABINES, Berenice Carmen A. Young. *A Vivência Imigratória de um Grupo de Hispano-americanos do Sul, Residentes na Cidade de São Paulo*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Tramas e Traumas: Identidades em Marcha*. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

SADER, Emir. *Chile (1818-1990). Da Independência à Redemocratização*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. Coleção Tudo é História, vol.136.

_____. *Cuba, Chile, Nicarágua. Socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992.

SAID, Edward. *Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SALA, Gabriela Adriana. *Características Demográficas e Sócio ocupacionais dos Migrantes Nascidos no Cone Sul Residentes no*

Brasil. Minas Gerais, 2005. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração. Ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. O Retorno: Elemento Constitutivo da Condição de Imigrante. *Travessia: Revista do Imigrante*. CEM, ano XIII, nº especial, jan/2000.

SIRKS, Alfredo. *Roleta Chilena*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

THOMSON, Alistair. Histórias (Co)Movedoras: História Oral e Estudos de Migração. In: *Revista Brasileira de História*. Vol.22, nº 44, SP, 2002.

Vanessa Paola Rojas Fernandez
História oral de chilenos em Campinas:
dilemas da construção de identidade imigrante

Prefácio de José Carlos Sebe Bom Meihy

Série Acadêmica, 2
Coleção NEHO-USP

ISBN: 978-85-66048-18-6

Salvador: Editora Pontocom, 2013.